

REVISTA DA SEMANA

16

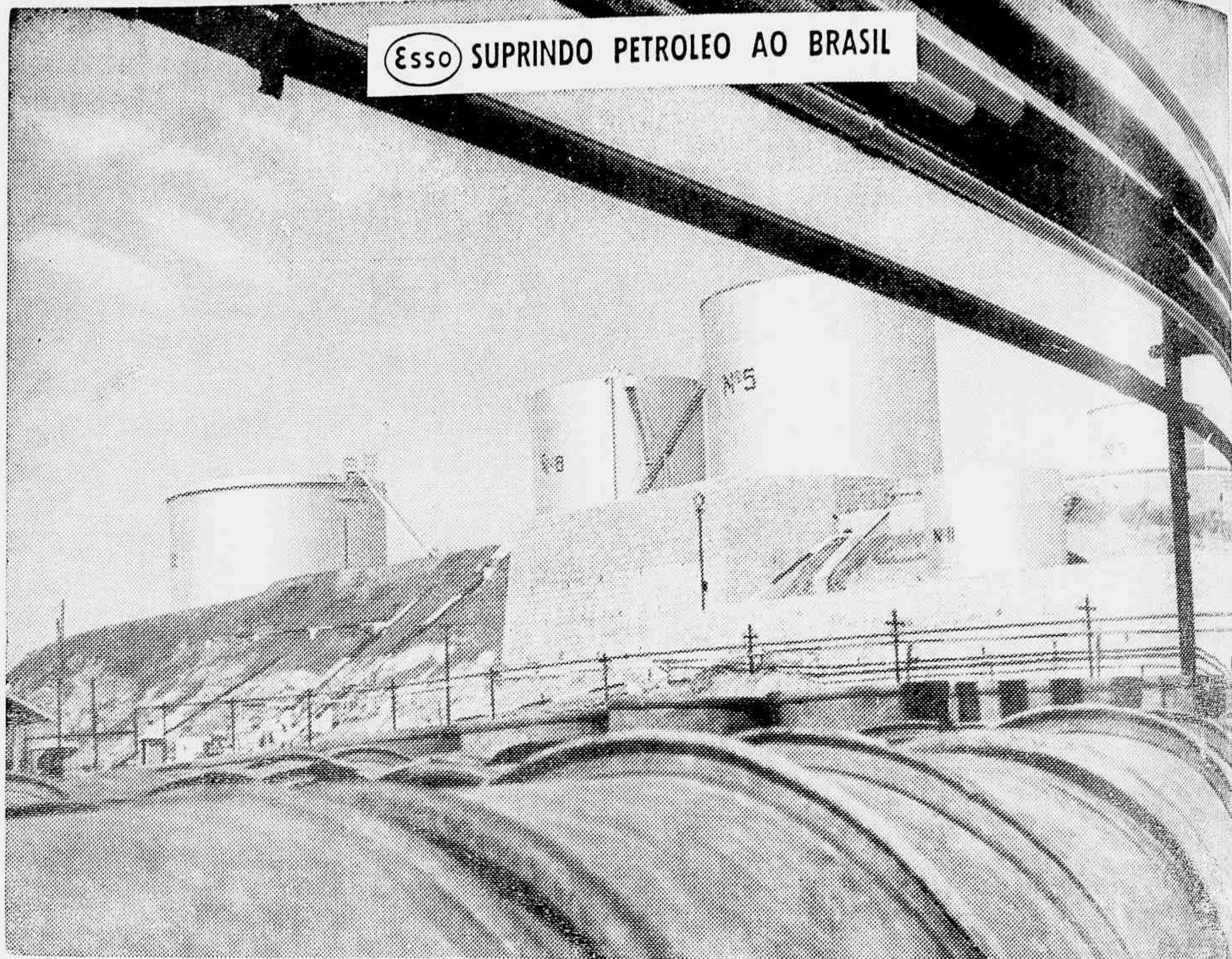
21-4-45



BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

CR\$
1,50
EM TODO
O BRASIL

Esso SUPRINDO PETROLEO AO BRASIL



Visão de parte de uma das nossas atuais instalações no Brasil

AGORA SÃO PRECISOS RIOS DE GASOLINA!

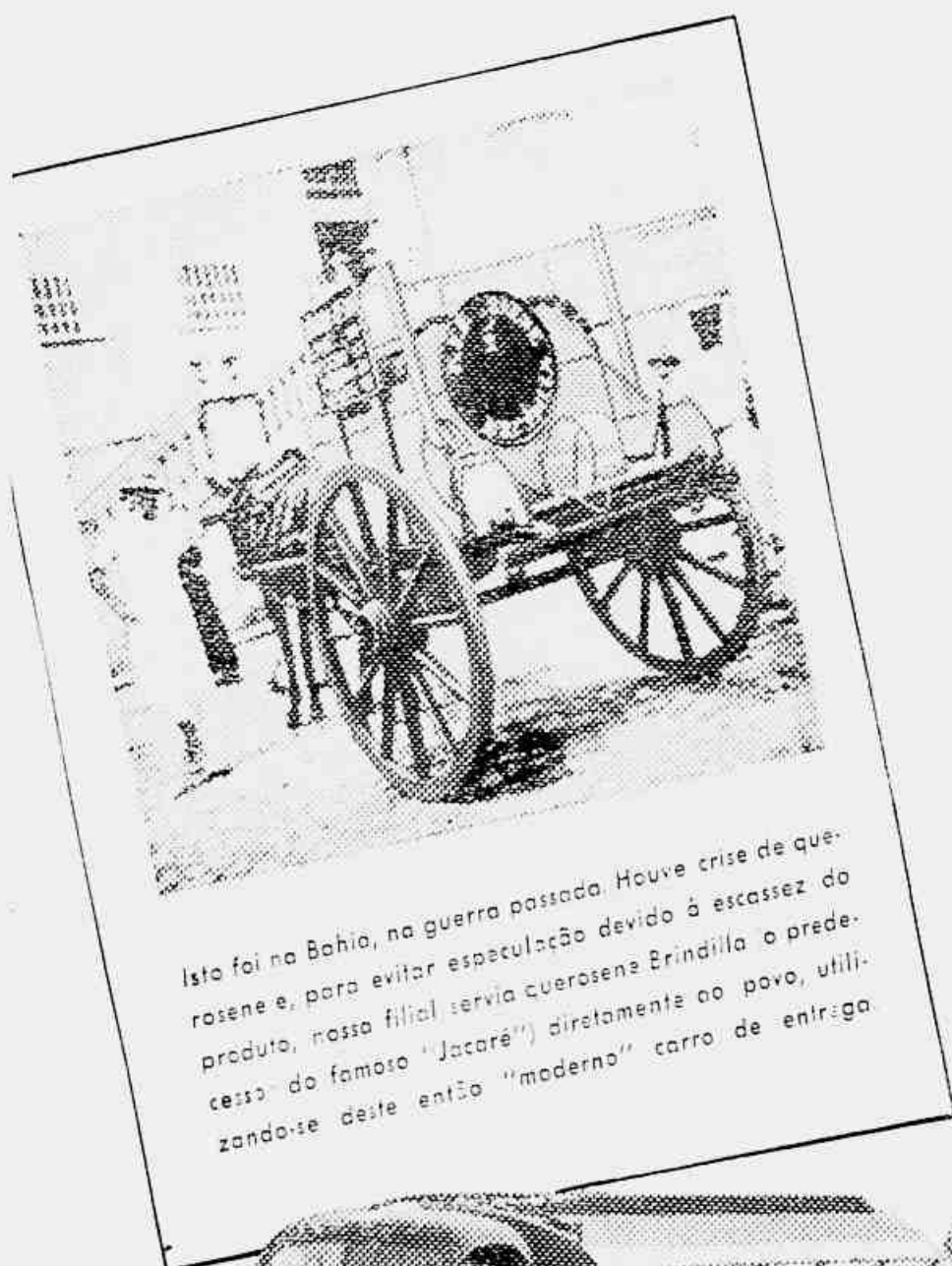
No começo deste século, o burro ainda era o melhor veículo, o mais usado pelas estradas do país. O produto petrolífero que então mais se vendia — e era quase o único — era o querosene. Durante longos anos, por cada vinte caixas de querosene consumidas, vendia-se apenas uma de gasolina.

Mas este é o país que cresce e se agiganta. A princípio, lentamente, e depois em ritmo cada vez mais acelerado, o Progresso foi estendendo pelo Brasil afora seus pés de aço e borracha. E então rios de gasolina e outros produtos petrolíferos começaram a ser sugados pelas máquinas mais velozes e eficientes. Para citar apenas um exemplo, um negociante do Nordeste do país — o Piauí — que, há 30 anos, começou importando 132 caixas de gasolina por ano, hoje vende mais de 65.000!

Essa sede e essa fome novas exigiram a montagem de uma aparelhagem de suprimento perfeita, para atender em toda a sua extensão as necessidades sempre crescentes do desenvolvimento deste país.

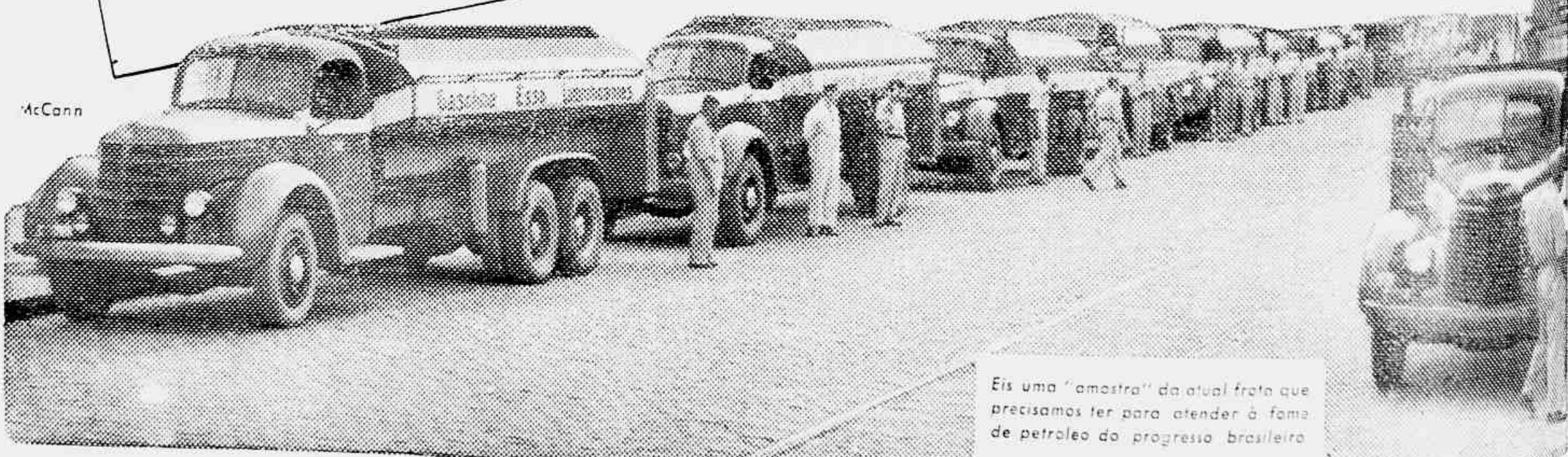
Naquele distante começo do século, nós também começamos nossos trabalhos no Brasil. E hoje, trinta e cinco anos depois, é com satisfação que dizemos: como progrediu esta nação! E quanto trabalhamos para acompanhar e auxiliar seu ritmo de progresso!

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional do Rio (ondas longas e curtas), Record de São Paulo, Inconfidência de M. Gerais, Belo Horizonte, Farrapilha, de P. Alegre e Radio Clube de Pernambuco, de Recife (ondas longas e curtas).



Isto foi na Bahia, na guerra passada. Houve crise de querosene e, para evitar especulação devido à escassez do produto, nossa filial servia querosene Brindilla o predestinado do famoso "Jacaré" diretamente ao povo, utilizando-se deste então "moderno" carro de entrega.

Esso STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL



Esta é uma "amostra" da atual frota que precisamos ter para atender à fome de petróleo do progresso brasileiro

EM LOUVOR DO BARÃO DO RIO BRANCO

VIVESTE a maior parte da vida longe do Brasil. Foste o mais brasileiro dos brasileiros. Agora mesmo, pensando em ti, penso em nós todos. Com alegria. Feliz por poder repetir, como quem acarinha, como quem agradece:

— Minha gente... minha... minha...
Que gente!

Nenhuma mistura estragou a sua vocação, na terra grande, na claridade sem fim. Foi se formando entre os horizontes, boa e simples, verdadeira, exata, sempre com a independência na cabeça, sempre com o amor no coração. Nunca soube ceder. Nunca soube se submeter. Não abateu opressores: mandou-os embora. Não perseguiu os que lhe desgostavam: quis se livrar deles. Muitas vezes sofrendo, manteve intactas as velhas virtudes que ninguém lhe ensinou, que recebeu da vida, como o ar e a luz.

As exceções não contam. É a regra que vale. A regra aqui é a melhor do mundo.

Na maioria tudo veio de fora. Dentro tudo se transformou. Tivemos a escravidão. Mas tivemos Castro Alves. Não foi a realidade da escravidão que ficou: foi a poesia. Se ainda falamos na visita do Santo Ofício, é porque Antonio José morreu queimado em Lisboa pela Santa Inquisição...

Gente de querer bem.

Zangada, de quando em quando.

Para querer mais bem depois.

Não é, Barão do Rio Branco?

Em teu louvor, alongo as minhas mãos
[para o sol, e digo:

Benditos sejam os que te descobriram,
[Brasil!

E os que, antes dos outros, te exploraram!

Benditos sejam os povoadores, os jesuitas,
[os invasores!

E o índio Cunhambebe, e o preto Zumbi!

E os homens dos tempos primitivos, da colônia, dos domínios, do vice-reino, do

[reino-unido, da independência, dos im-

[périos, das regências!

E a princesa redentora!

E os que sonharam a república e arran-

[jaram uma que não era a dos seus so-

[nhos!

Todos os legalistas!

Todos os revolucionários!

Todos os poetas!

E os que publicaram livros!

E os que leram esses livros!

Todos os errados!

Benditos sejam!

Ninguém passou inutilmente.

ALVARO MOREYRA

Por muito tempo foi reclamada a estátua do Barão do Rio Branco, dívida de gratidão contraída com a memória do saudoso chanceler. Só em 1944 veio a ser finalmente inaugurado o monumento, que hoje se vê na antiga Esplanada do Castelo.





1 O casal Manningen vive, em Londres, ainda ao tempo em que não existia iluminação elétrica, e vive angustiosamente. A sra. Bella receia as menores atitudes do marido. Caminha na ponta dos pés, silenciosa e triste, receando acordá-lo. De há muito Jack procura convencê-la de estar sofrendo das faculdades mentais. Desaparecem objetos de seus lugares que são encontrados, depois, em poder da melancólica senhora.

2 Agora mesmo desapareceu uma carta importante para Jack e que se encontrava sobre a mesa. Inutilmente a sra. Bella procura encontrá-la, suas idéias perturbam-se e uma vez mais é a acusa: "Sua cabeça está funcionando mal... Você está doente..." E resolve sair, dizendo-lhe depois de uma cena violenta: "Quando voltar quero essa carta... Na minha ausência procure encontrá-la, do contrário...". Sua ameaça completa-se com aquele olhar fuzilante.

3 A criada Nanci, uma pequena astuciosa e de honestidade duvidosa, envolve o patrão com suas atitudes provocantes. Mesmo na presença da sra. Manningen ambos trocam olhares significativos. "Na verdade, Nanci, você é uma pequena muito interessante" — diz-lhe o patrão. De lado, a sra. Bella disfarça o seu sorriso íntimo. Ela é uma enferma mental... Escuta ruidos que os outros não escutam, no sótão da casa, e esconde os quadros da parede...





4 Elizabeth, a outra empregada, na ausência do patrão, vem avisar que está lá fora um homem querendo falar à sra. Bella. Esta recusa-se a recebê-lo, mas a empregada insiste: "Não sei o que se passa entre seu marido e a senhora, mas acho que deve receber a visita desse homem...". Ela consente. E' o detective Rough, que se oferece para descobrir a origem de certos mistérios. De longa data Rough lesconfia dos propósitos de Mr. Manningen... E fazendo uma sindicância nos aposentos descobre, dentro da secretária de Jack, documentos comprometedores. O astucioso indivíduo, antes de casar-se com Bella, havia se aproximado de uma tia da mesma, já morta, para furtar-lhe as joias preciosas.

LUZ DE GÁS

6 De volta, Jack descobre que alguém ali esteve, pois a secretária foi arrombada. Intima a criada Elizabeth e diz-lhe: "Beije a Bíblia em sinal de juramento...". Elizabeth jurou que ninguém também havia retirado aquele quadro da parede. E o quadro foi encontrado dentro do armário... Mas agora a sra. Bella sabe de tudo. E' Jack quem esconde os quadros, as cartas e tudo... Ela poderá reagir. Não, não está louca... Seu marido é um criminoso, um ladrão!

5 E as sindicâncias de Rough chegam a bom termo. Ele descobre que Jack pretende "Beba, mrs. Manningen — diz o detective — pois temos ainda muito que fazer...". enlouquecer a esposa para dela se desembaraçar quando tiver encontrado as joias da tia, já morta. E, procurando esse tesouro, Jack costuma sair de casa, entrando por uma porta dos fundos, subindo ao sótão, onde encontra as roupas da morta. E lá em cima faz os barulhos que tanto assustam a sra. Bella, para levá-la ao paroxismo do descontrôle. Outro indício é descoberto pelo detective: quando o marido acende o gás, no sótão, a chama do gás, no aposento onde se encontram Bella e Rough, estremece e reduz-se. Sinal de estar de volta o marido...

"Luz de Gás", versão brasileira de "Gaslight", original de Hamilton Patrick, tradução de Raymundo Magalhães, está sendo apresentada, às segundas-feiras, no Teatro Fenix, pelo elenco dos Amigos do Teatro, com o seguinte desempenho: sra. Bella Manningen, Maria Sampaio; Jack, Mario Brasini; Rough, detective, Paulo Moreno; Elizabeth, Sarah Nobre; Nanci, Auristela Fernandes.)

7 De nada terá valido o "truc" velhaco do perigoso Jack. Aparentemente ele era um cavalheiro, um "gentleman", quando na realidade não passava de um conquistador das criadas domésticas: "Você poderia ensinar a mrs. Manningen os produtos de beleza que usa, para ela, assim, perder um pouco de sua palidez..." — disse, de uma vez, a Nanci. Mas tudo se esclareceu e a polícia se incumbiu de arrastar para as autoridades competentes esse perigoso indivíduo...



A SEMANA EM REVISTA

O AMIGO NÚMERO UM



Sim, ele merece o título porque muito fez para re-
cebê-lo. Não só amigo número um do Brasil, mas do
nosso continente, das Américas, de todos os continentes,
do mundo, enfim. Ele alertou a Humanidade contra o
perigo comum do nazismo que se infiltrava, de Berlim
e de Roma para todos os países — inclusive o nosso —
sob os disfarces de várias camisas e diferentes exclama-
ções de saudação pública, mas todas com o braço erguido
e a mão espalmada. Ele falou sempre com sinceridade,
prevendo tudo que na realidade sucedeu. Quando a
maioria se acomodava à idéia de transigir com Hitler,
ele protestou. Quando os isolacionistas da América lhe
aconselhavam a afastar-se longe da guerra, ele rebateu
argumento por argumento. Quando se receava a possi-
bilidade dos ventos favorecerem ao inimigo, ele se impunha e dava encorajamento
ao mundo. Quando se pensava que estivesse abatido moralmente, em mercê de

seus sofrimentos físicos, ele aparecia no outro lado do mundo, fazendo longas e
extenuantes travessias para se defrontar com os outros "leaders" da guerra. E
quando, por fim, se admitiu que surgissem divergências entre esses "leaders", foi
ele ainda quem tudo conduziu para o terreno da confraternização e da harmonia.

Jamais sua voz silenciou nos momentos perigosos. E nunca transigiu com os
seus princípios nem atenuou seus ataques declarados, de viseira erguida, contra
os algozes do mundo. A tal ponto que o próprio inimigo nipônico rendeu-lhe
justiça, e respeitou o luto dos americanos do norte, fazendo, pelo rádio, honrosas
referências ao grande morto.

Hoje, o Presidente Roosevelt está sepultado no solar de seus antepassados no
vale do Hudson, numa fossa ornada de flores, situada junto à barranca do rio.
Ali o levaram a esposa, dois filhos, seu substituto legal o Presidente Truman e
altas autoridades. O mundo, de longe, comungou com o pesar dos nossos amigos,
e ungido da mais piedosa emoção repetiu as palavras do reitor da igreja episcopal
de Saint James: "O Senhor esteja contigo"...

E a luta prossegue até a vitória final, tal como desejava Roosevelt.

ACONTECEU EM BELO HORIZONTE



pouco realizado na praça Sete, em Belo Horizonte, onde tiveram a palavra ora-

Belo Horizonte é uma cidade do mundo da Caro-
cinha, construída por engano nas montanhas de Mi-
nas. Ali tudo pode acontecer e nada se torna impossível.
E' lá que as galinhas nascem com cara de gente, os
bodes dão leite sem interferência da C. E. L., as mu-
lheres se transformam em homens, etc. Esses casos es-
pantosos são todos registrados com carinho pelos ves-
pertinos locais, havendo mesmo, na capital mineira, um
reporter que se especializou nessa classe de notícias.
Esse jornalista classifica tais fatos de "casos de patolo-
gia esquisofrênica". Isto tudo vem a propósito do caso
mais "patológico" e "esquisofrênico" jamais ocorrido na
Cidade-Jardim, e que foi amplamente divulgado pelos
jornais e pelo rádio. Trata-se do comício político há

dores das mais antagônicas tendências, que ali puderam defender com intransi-
gência e entusiasmo as suas idéias. Já ia em fim o "meeting" quando sobe ao
"pirolito" (assim se chama o obelisco da praça) o estudante Benjamim de Oliveira,
homônimo do popular palhaço Dudú, e começa a falar, numa voz fanhosa e arras-
tada, muito conhecida dos mineiros: "Cidadãos de Belo Horizonte! Esta cidade, a
maior do Brasil, cuca do mundo, teve a honra de ser o berço de Tiradentes, digo
de Luiz Carlos Prestes!"

E o orador foi por aí agora. Houve palmas, houve vaias. Mas o estudante,
muito popular em toda a cidade, onde é conhecido pela alcunha "Dá Nela", con-
tinuou a oração, protegido pelos seus colegas da Escola de Direito. E o mais
irreal dos comícios políticos do mundo terminou sem maiores consequências. Dizem
que a democracia é uma característica dos Estados Unidos. Mas o "meeting"
heterogêneo da capital montanhosa foi, até hoje, o mais eloquente atestado da
liberdade de expressão. Assim é a América. Assim é Belo Horizonte.

O BARÃO



o casaco de alpaca brilhante e bem passado, as calças de brim branco, as botinas
de elástico, a gravata "plastron" — fazer a sua refeição costumeira num resta-
urante popular da cidade, o da Galeria Cruzeiro ou o das imediações do Mercado.

Os mais velhos recordam ainda o que foi aquêle
imponente funeral há trinta e três anos passados. Era
a cidade inteira que mergulhava em crepe, os corações
oprimidos, os lábios murmurando preces de saudade e
os corações alanceados pela infausta notícia da véspera.
Morrera o Chanceler, o homem que tanto havia traba-
lhado pela estabilidade das nossas fronteiras, sem criar
um atrito, conduzindo negociações diplomáticas da maior
importância com uma serenidade e uma cordura a toda
prova. Ninguém se revoltava contra ele, e as rusgas que
surgiram, em certa fase da sua carreira, serviram apenas
para mostrar quanto era sábio o Barão na solução de
conflitos os mais espinhosos. E lá vinha ele no dia se-
guinte, o chapéu de Chile cobrindo-lhe a calva lustrosa,

Ambos, hoje, ostentam um busto e um retrato do Barão como tributo de homenagem
à memória do excelente garfo que ele soube ser. Seus funerais, em fevereiro de
1912, rivalizavam com os mais concorridos que ainda registrou o Rio, entre os
quais podemos hoje incluir os do prefeito Passos, de Ruy Barbosa e do cronista
João do Rio. Era o Barão um homem simples, cuja gabinete de trabalho, no Ita-
marati, nunca vivia arrumado, e onde foram encontrados oito relógios, no emara-
nhado de papéis, esquecidos pelo chanceler. Mas a desarrumação daquela grande
sala, onde se misturavam caixas de cartolas com papéis diplomáticos, atestava
o grau da eficiência de trabalho de um homem sutil nas suas atitudes políticas,
pairando sempre acima das competições internas e honrando o nome do Brasil
onde quer que suas funções diplomáticas o levavam. Certo, ainda não se fez
no Brasil a divulgação completa da sua obra, e os brasileiros mais moços conti-
nuam ignorando quem foi o Barão do Rio Branco, na sua real expressão cívica
e humana. Quando tanto se costuma, em nossa terra, conduzir uma determinada
campanha de consagração em favor de um determinado indivíduo, é pena que
tão pouco se tenha feito pela perpetuação do nome de Rio Branco.

A ROÇA VAI TER IMORTAIS



Agora sim! Todos os incompreendidos provincianos nascidos à margem do Jequi-
tinhonha terão o seu lugar assegurado no Panteão, graças à Academia Diaman-

Outra notícia de Belo Horizonte. Além, muito além
daquela serra que se avista ao longe no horizonte, está
edificada uma cidade, plantada entre rochas brilhantes
de quartzo rico, filões inmensuráveis de ouro e cas-
calho diamantífero pontilhado de gemas, que se chama
Diamantina. Agora, descobrindo entre os minérios no-
bres da terra fabulosa pérolas literárias de inestimável
valor, resolvem os filhos da "Princesa do Norte" fundar
ali, na pequena e esquecida "urbs" de oito mil almas,
uma "Academia Diamantinense de Letras", que levará
à imortalidade todos os colaboradores dos semanários
locais e os poetas expatriados da terra, que andam
pelos botequins centrais de Belo Horizonte, trocando um
poema por um cálice e trocando muros por uma rima.

tinense de Letras. E assim uma cidade quase tão velha como o Brasil, que durante
séculos, enviando ouro e diamante para o Erário Português, sustentou a Inglaterra
por tabela, vai ter agora, ao lado de seu único grupo escolar, uma Academia de
Letras. Semanalmente reunir-se-ão os intelectuais de Diamantina, num salão de
bilhar, para discutir os pingos dos "ii" e os assentos dos "oo", enquanto os garim-
peiros gemem nas lavras alagadas e insalubres, sob o peso dos impostos e da
agiotagem.

Diamantina tem sua história. Ali viveu Felisberto Caldeira Brant, que pelo
crime de revidar um galanteio à sua filha morreu nas masmorras de Lisboa. Ali
lutou Isidoro, o garimpeiro, contra a tirania do intendente Câmara. Durante sé-
culos a "urbs" heróica sofreu o peso da tirania portuguesa e a injustiça dos go-
vernantes. Mas não bastou para Diamantina a fúria do "Cabeça de Ferro". Era
preciso que ela sofresse ainda o ridículo de uma academia rural de letras.

Ah! Diamantina, pequenina e heróica! Quanta falta faz em tuas ruas o fan-
tasma de Antonio Torres, teu filho saudoso!

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim
de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na
Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00.
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2650; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9670; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knops & Co
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9108 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos
colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de
originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 16 --- 21-4-945

LITERATURA

Em louvor do Barão do Rio Branco (Alvaro Moreyra)	3
Meu amigo o Duque (Desmond Mc Carthy)	19
Fernandes da Cunha e Rio Branco (Escragnolle Doria)	26
Destinos (Miguel Torga)	28/29
Barão do Rio Branco (Afonso de Carvalho)	46/47

REPORTAGENS

"Luz de Gás"	4/5
Jockey Club	8
Os Judeus comemoram seus mortos (Coelius Aulicus)	10/17
Morreu o amigo n.º 1 do Brasil	20/22
Figuras e Fatos	38/40

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	27
Figurinos da Semana	32/33
Outros Modelos	50 e 52

SEÇÕES

A Semana em Revista	6
Coisas do Brasil	34
De Teatro	48
De Rádio	35
De Música (Roberto Lyra Filho)	53

ATUALIDADES

Falcões Brasileiros nos Céus de Itália	7
A guerra em marcha	23/25
Uma garota tropical	30/31
A única terra que os brasileiros conquistaram	36/37
A reconstrução da Câmara dos Comuns	42/43

CARICATURAS

Dois em uma (Michel)	9
De Bom Humor	18
"Charge" de Raul	56

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	57/58
-------------------------------	-------

NOSSA CAPA



O ritual dessa importante solenidade. A morte do Presidente Roosevelt, o centenário do Barão do Rio Branco, o momento político, os brasileiros na Itália, e as seções de modas, cinema, rádio e literatura completam o sumário desta edição.

A favorita de todas as platéias, a "estrela" impar na estima do grande público, a que não perdeu popularidade alguma só por ter crescido e até mesmo contraído núpcias, a sempre querida Deanna Durbin, da Universal, ocupa hoje, uma vez mais, o lugar proeminente desta revista, na sobre-capta. Isso acontece porque nossas leitoras não se cansam de solicitar a divulgação de novas poses da bonita artista, cujas aparições na tela contam-se por outras tantas "performances" que a crítica e o público encarecem com seus melhores louvores.

Neste mesmo número reiniciamos a publicação fotográfica dos legítimos sucessos teatrais da temporada, com as poses dos principais intérpretes da peça "Luz de Gás". Também damos uma sensacional reportagem sobre a Páscoa dos Judeus e a sua comemoração dos mortos, tendo a REVISTA conseguido penetrar os humbrais de uma sinagoga, nesta capital, ali acompanhando

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo a usar Regulador Gesteira

FALCÕES BRASILEIROS NOS CÉUS DE ITÁLIA



Sob o título acima, publicaremos em nossa próxima edição uma palpitante entrevista que nos foi concedida pelo expedicionário Arthur Estrella de Souza, recém-chegado do "front" de Itália, onde esteve servindo no 1.º Grupo de Aviação de Caça. Químico industrial pelo Instituto de Química da Faculdade de Engenharia do Paraná, o nosso entrevistado especializou-se em guerra química nos Estados Unidos. Mas, sobre ser um técnico competente, revelou-se Arthur Estrella de Souza um ótimo reporter, como o leitor poderá se inteirar através de sua entrevista. Hoje apresentamo-lo ao público, através de suas próprias palavras. E, com as suas palavras, e seu apelo de combatente, em favor dos que ficaram na frente, lutando pela honra de nossa Pátria e pela nossa dignidade ultrajada.

Eis as palavras comoventes do nosso bravo pátrio:

"Como expedicionário do 1.º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira, estive em missão de guerra no estrangeiro durante quinze longos meses, muitos dos quais nos campos de batalha de Itália; sofri tôdas as vicissitudes da guerra, que ainda continuam sofrendo os nossos expedicionários que por lá ficaram. Mantive íntima ligação com todos os elementos integrantes da minha unidade de guerra e com muitos outros do nosso Exército, situados em posições mais avançadas que a minha, portanto sujeitos aos maiores perigos, os perigos inevitáveis da guerra, com os quais já se aclimataram, sendo inúmeros os seus atos de bravura. Entretanto a quase totalidade dos nossos pátrios que aqui ficaram, gozando as delícias das plagas cariocas e de tantas outras situadas nos diferentes Estados do nosso amado Brasil, se esquecem que a palavra dulçurosa que acalenta os sonhos da humanidade, está sendo paga por um preço exorbitante, também pelo Brasil e seus expedicionários, porque a vitória que surgir do maior dos conflitos humanos não será obra de um único país, mas o trabalho coordenado de todos os países que lutam em defesa de uma civilização. Lembremos as palavras de Wendell Wilkie: "Esta é uma guerra da humanidade, que luta por um mundo só".

Do "front" para o Brasil, tive a honra de ser portador da mensagem dos expedicionários brasileiros, dirigida à coletividade brasileira:

"E' sob a flâmula augusta de nossa Pátria, desfraldada orgulhosamente aqui nos nossos campos de batalha, é debaixo desse pálio protetor e sublime que nós, expedicionários do Brasil, solicitamos cartas da coletividade brasileira."

Eles não desejam outras coisas dos seus pátrios que não sejam, cartas, reconhecimento e gratidão.

A. Estrella."

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 - RIO



Aspecto do almoço oferecido a oficiais norte-americanos pela Aeronáutica Brasileira, fixado quando falava um dos homenageados.

JOCKEY CLUB MUNDANO



O Jockey Club Brasileiro continua dando a nota elegante das tardes esportivas. A última reunião turística congregou no Hipódromo da Gávea os elementos mais representativos do nosso mundo social, numa brilhante demonstração do crescente prestígio do nobre esporte no Brasil. As fotos que reproduzimos nesta página são uma demonstração eloquente do brilhantismo de que se revestiu o "meeting" de sábado.



DOIS EM UMA



ONDE A COBRA ESTÁ FUMANDO...

O velho cabo de guerra
Vai à Itália e à Inglaterra
E volta ao nosso hemisfério.
E com coragem serena,
Entra de novo na arena,
Como artilheiro anti-aéreo.

NOTÍCIAS DO EXTERIOR

— "Agora, ao fim da matança,
Quando já volta a bonança,
Ó França de meus amores!
Para vingar teus suplicios,
Teus imensos sacrifícios,
De Gaull...emos os traidores!"

Caricaturas
Legendas de

de MICHEL
Zé Carioca

Comovidamente o Chazin
abraça ao peito o estojo de
Torah, o pergaminho sagrado.

אֲנִי ה' לֹא יֵדִיעַ
לֹא תִשָּׂא זִכֹּר אֶת
לֹא תִשָּׂא כְבוֹד אֶת
לֹא תִרְצֶה לֹא תִנָּאֵף
לֹא תִגְנוֹב לֹא תִשְׁנֶה
לֹא תִדְמֹד



OS JUDEUS COMEMORAM SEUS MORTOS

UMA VISITA À SINAGOGA DO RIO DE JANEIRO — COMO OS DESCENDENTES DE ABRAÃO ELEVAM SUAS PRECES A DEUS — RITUAIS QUE SE CELEBRAM DESDE OS TEMPOS DE SALOMÃO — HOMENS DOS CINCO CONTINENTES ORAM NUM TEMPLO DE TIJOLO — TORAH, SÍMBOLO SAGRADO

Escreveu CELIUS AULICUS
Fotografou Arnaldo Vieira

"Hoje reverenciamos os nossos mortos. Eles são muitos, contam-se por milhões, espalhados pelos cemitérios da Europa em guerra. Fazamos por demonstrar que eles estão sempre conosco e que o seu sangue não foi derramado em vão. Não planejamos vingá-los. Reclamamos justiça para eles."

(Da prédica do rabino dr. H. Lemle, na comemoração dos mortos).

Quem são esses homens que estão reunidos no templo de tijolo, as cabeças cobertas, envoltos em mantos de seda branca, orando pelos seus mortos?

São os judeus do Rio de Janeiro, que comemoram o último dia de sua Páscoa. E essa data assinala o culto dos que tombaram.

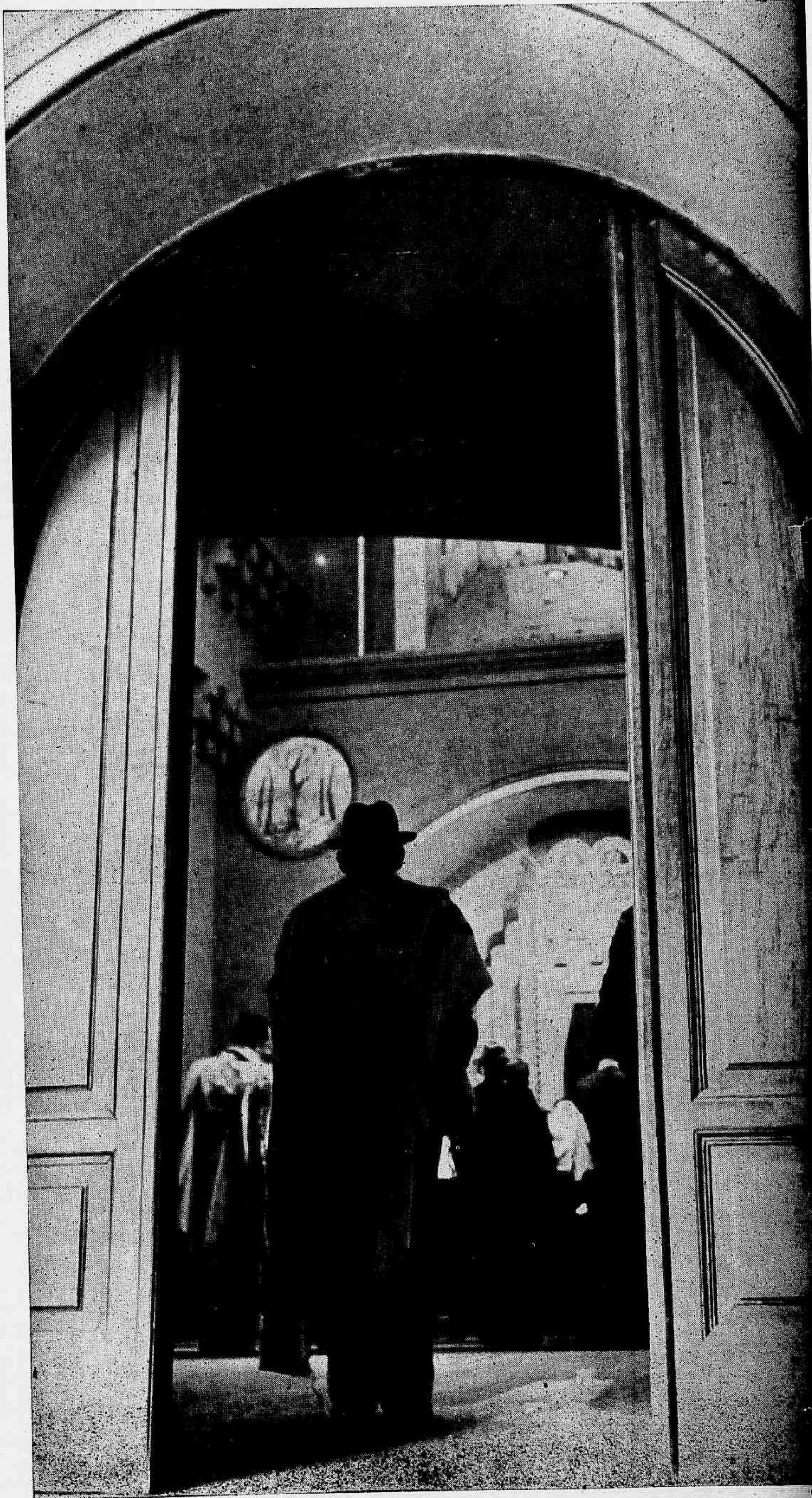
A sinagoga está cheia. Aparecem aqui as fisionomias mais diversas, os traços étnicos característicos de uma raça antiga, metamorfoseados pelos mais antagônicos climas.

Eles vieram de longe, da distância de muitas léguas, do fundo de muitos séculos. Viveiram com os patriarcas, conheceram Abraão e, guiados por Moisés, atravessaram as terras da Ásia, em busca da Canaã perdida atrás das areias ardentes da Síria. Levantaram as muralhas de Jerusalem, edificaram o templo de David, plantaram as vinhas de Nazaré e as oliveiras do horto. Sofreram as agruras das intempéries e a fúria do tempo. Derramaram o suor de seu trabalho sobre o sulco dos arados, e regaram com o sangue de seus soldados os lagedos de Makersos.

Um dia as hordas de Roma bateram suas sandálias ferradas sobre as pedras das ruas de Jerusalem. E no alto da Torre Antônio e da Torre Mariana tremulou o pendão dos Cesares. A terra de Judá estava escravizada... Tombaram ao solo as muralhas aos golpes dos arietes das centúrias, que chegavam em legiões extensas por todas as estradas. A fúria dos invasores lançou por terra, num montão de destroços, o Templo de Salomão, símbolo da crença do povo de Galiléia, Samária e Judéia. Estava consumado o domínio da Cidade Sagrada pelas decúrias de Titus. Pelas vielas tortuosas, silentes e mortas passeavam os legionários do Império, agitando ao vento seus mantos brancos, tilitando as botas de metal.

Modificou-se então radicalmente toda a vida nacional. O pretório era a justiça; a terra de Israel ficou sob a administração do Legado Imperial da Síria, e as Legiões se espalharam por todos os caminhos, confiscando terras, vinhais e rebanhos.

Os judeus, perseguidos pelos dominadores, começaram a emigrar. Espalharam-se por toda a terra, armaram as suas tendas em todas as latitudes conhecidas. Cairam impérios, edificaram-se nações. A Idade Média veio en-

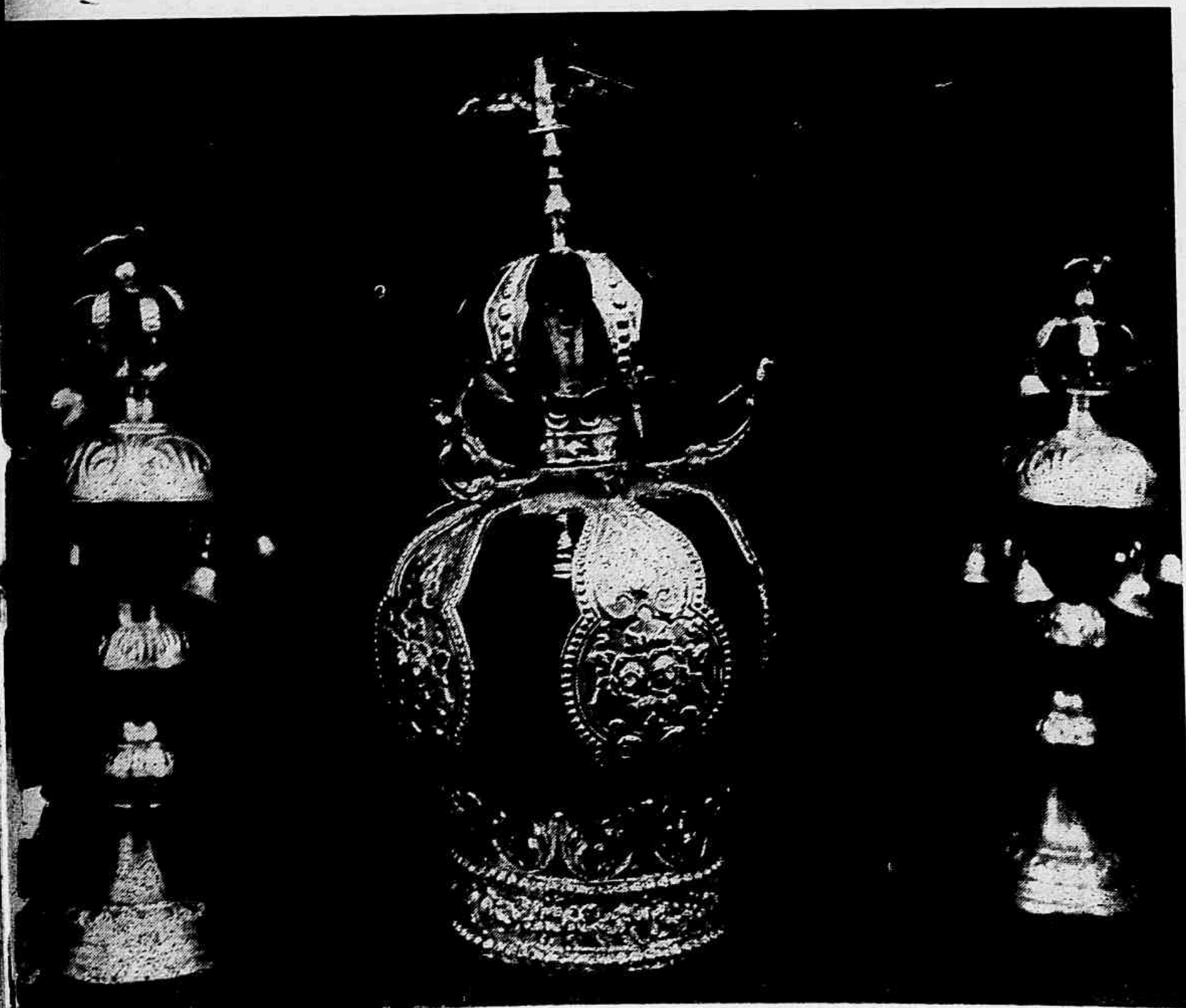


Visão do templo. Voltados para o altar, oram os judeus pelos seus mortos. Envoltos em mantos brancos, cobertos respeitosamente diante dos símbolos sagrados, eles voltam os seus pensamentos para Jeová, pedindo justiça para os que tombaram vítimas da tirania e da crueldade dos grandes. Vieram de todos os meridianos, da distância de longas milhas, do fundo de eras remotas. Rezam agora com as mesmas palavras com que oravam em Jerusalem, quando os legionários romanos batiam as sandálias ferradas nos lagedos da Cidade Sagrada.



Os meninos do coro acompanham o Chazin em todos os seus cantos. Ora erguem aos céus hosanas, ora lamentam os mortos num estribilho solene e fúnebre. Desde muito cedo os judeus aprendem a cultivar as suas tradições religiosas. O templo sempre foi para eles um refúgio contra as perseguições sofridas por seu povo. Os seus cantos religiosos são ainda os mesmos que lhes ensinaram os patriarcas arcaicos.

Timbales, campainhas, tímpanos ainda são usados nos rituais judaicos de hoje. Eles obedecem aos mesmos modelos que figuravam nas sinagogas da Caldéia antiga. A coroa que se vê ao centro, entre dois timbales típicos, é um ornamento simbólico. Ela é sempre posta sobre o estojo da Torah e ali permanece enquanto o Chazin se abraça aos pergaminhos sagrados, guardados na caixa de veludo.



contrar os filhos de Israel espalhados por toda a Europa, perseguidos por todos os monarcas. A tirania dos senhores feudais caía com fúria selvagem sobre os ombros da raça perseguida. Na cidade formaram-se os "ghettos", com muralhas escuras marcavam o limite permitido ao trânsito dos semitas. Dentro dessas paredes cinzentas viveram os judeus durante muitos anos. Nos labirintos das ruelas intransponíveis desenrolaram-se os dramas mais trágicos. Uma vez por outra a cavalaria do invasor invadia os domínios judaicos e espalhava terror entre a população indefesa.

As trevas do medievalismo foram pouco a pouco afastadas pelo sol da Renascença. Surgiu a América. Entre os colonizadores vieram muitos judeus, em busca de uma nova terra, onde para eles houvesse um lar e onde a lei fosse igual para todos.

E enquanto na Europa os israelitas perseguidos tombavam ante a fúria assassina do Santo Ofício e dos pogroms czaristas, os seus irmãos cultivavam os campos férteis da Nova Inglaterra.

Mas haviam famílias judaicas já radicadas nas terras do Velho Mundo, que ali se decidiram ficar, vivendo num mundo à parte, isoladas da coletividade, crescendo e prosperando longe do convívio das outras gentes. O preconceito mantido pelos príncipes e barões medievais firmara em todos os burgos uma tradição injustificada contra os filhos de Israel, que era agora seguida pelos grandes dos tribunais da Inquisição. Os "ghettos" continuavam a existir, cercados ainda pela intolerância dos governantes e pelos ódios raciais.

Nada porém pôde conter a marcha da evolução política e social dos povos: veio a Revolução Francesa. "Igualdade, Liberdade, Fraternidade", gritavam todas as bocas. E sob o pendão tricolor todos os povos respiraram aliviados, todos os homens cantaram o hino da libertação.

Mas a tirania dominava ainda e os p...

groms continuaram, na sua sanha assassina, a ceifar as vidas dos judeus poloneses e russos.

Passaram-se séculos, a Europa estraçalhou-se na guerra de 14, a Rússia quebrou a cadeia escravocrata do czarismo e iniciou a marcha para o socialismo.

A FESTA DA PASCOA

Mas durante tantos séculos os judeus continuaram a seguir as suas tradições, honrando os patriarcas e cultuando os seus mortos. A religião continuou sempre viva entre os israelitas e os cultos se realizavam sempre, mesmo subterraneamente, burlando a vigilância dos governantes adversos.

A tradição dos rituais foi passando de geração para geração, e a liturgia que seguem hoje os cultos nas sinagogas é ainda análoga à que assistiram os templos da Galiléia.

Raras as religiões que, no decorrer do milênio, tão poucas alterações sofreram quanto a israelita. O espírito tradicionalista dos judeus se nota aliás nos mínimos detalhes de tudo o que a eles se refere. Mas é nos seus templos que vamos encontrar, ainda viva e nítida, a imagem de um passado perdido na distância dos anos, transplantado para o século vinte pela fé inquebrantável de um povo que, durante dias infinitos, sofreu na sombra o castigo de um crime que não cometera.

Agora, longe das injustiças da Europa, liberados de sua condição de povo-réu, os judeus celebram todos os anos a sua Páscoa, uma das festas religiosas de maior significação para eles. Durante oito dias por ano, reunidos em seus templos, oram a Jeová, pedindo paz para a alma de seus mártires e justiça para o seu povo perseguido. A Páscoa judaica tem, para os semitas, um sentido amplo e uma significação profunda, modificando radicalmente o ritmo de sua vida durante o período de sua celebração. A própria alimentação obedece a um regime diverso nos dias pascoais, aparecendo sempre nessas ocasiões, nos restaurantes e nos lares judeus, um "menu" onde figuram alguns pratos típicos, tais como Matzo, Knedlaj, Latkes, Kiguel, etc.

Durante todo o dia as sinagogas se enchem de fiéis, que ali vão comemorar a festa anual, a mesma que levava a Jerusalem as grandes caravanas de crentes, vindas de todas as partes da Palestina.

Hoje os rituais, ligeiramente modificados, celebram-se em todas as partes do mundo onde se encontrem israelitas, pois estes em qualquer lugar erguem sempre o seu templo.

E em nossos dias a mesma festa judaica que se celebra no Rio pode ser assistida em Paris ou New York, ou onde quer que exista uma colônia semita e liberdade de culto.

Falemos pois do que tivemos ocasião de ver numa sinagoga desta capital, durante a celebração de uma das mais significativas solenidades religiosas.

"ORAMOS POR NOSSOS MORTOS..."

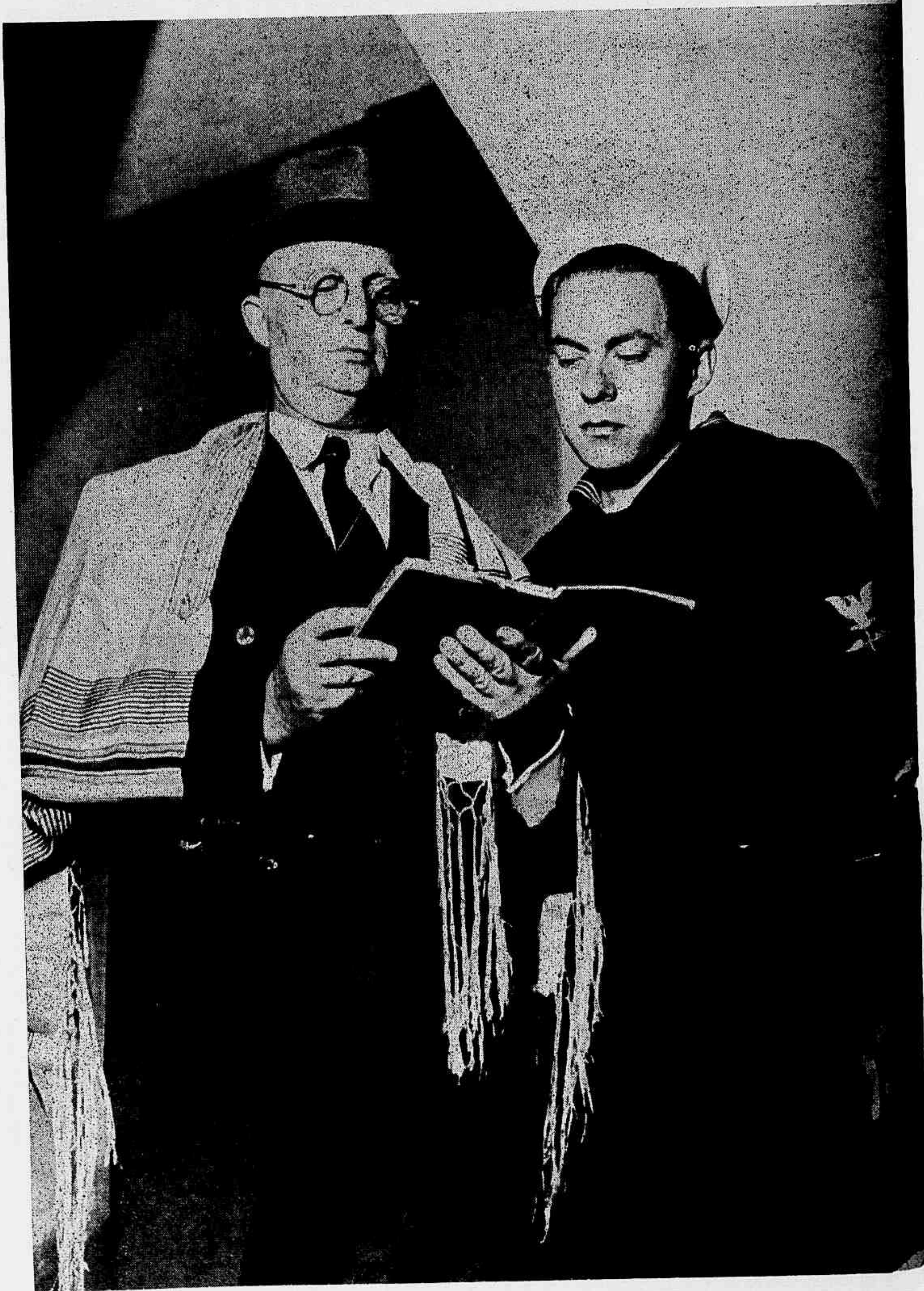
Entramos no templo, um edifício de tijolos vermelhos, construído na esquina da rua Conselheiro Josino com a avenida Henrique Valadares, ali pelas dez horas da manhã do último dia da Páscoa.

No interior da sinagoga já uma grande multidão de fiéis se espalhava pelas cadeiras, e em cima, nos balcões, permaneciam as mulheres, cobertas por véus. Assim acontece sempre nos cultos judaicos: as mulheres são obrigadas a assistir a todas as solenidades separadas dos homens, para os quais se reservam os lugares do pavimento térreo dos templos. Estes, como elas, em sinal de respeito, permanecem de cabeça coberta desde que entram na sinagoga. Além disso, quase todos se envolvem num manto de seda ou algodão branco, com franjas compridas, para pronunciar as orações rituais.



Cobertas por véus brancos, as mulheres ocupam os balcões dos templos, ao passo que os homens permanecem no pavimento térreo, junto ao altar. Em todas as sinagogas os fiéis têm que permanecer longe das mulheres enquanto dure o culto. Esta foto foi apanhada no interior da sinagoga da rua Conselheiro Josino, durante a celebração do Dia dos Mortos. Ao fundo aparece o altar, onde se vê o Chazin cercado pelo côro.

Jacob Bevit, marinheiro da América, nascido e criado em Philadelphia City, U. S. A., ora em ação nas águas do nordeste brasileiro, reza na sinagoga do Rio de Janeiro em companhia de um amigo. O templo judaico reuniu no dia do culto dos mortos homens nascidos nos mais diversos países, oriundos das regiões mais longínquas. Todos oravam com a mesma fé inquebrantável no futuro de seu povo e de toda a humanidade.





O templo de Salomão era iluminado por candelabros iguais a este, ornados todos por sete velas. É mais um símbolo dos templos judeus. Receberam o nome "candelabros de David", em homenagem ao rei israelita que introduziu este modelo de castiçal nas sinagogas de Jerusalém. Na sinagoga do Rio de Janeiro há dois candelabros desta espécie, colocados à entrada do altar, um de cada lado da escada.

Muitos podem julgar estes desenhos como signos cabalísticos. São entretanto simples arabescos ornamentais de um dos vitrais que enfeitam o templo judaico da rua Conselheiro Josino. A luz entra por esses vitrais que, em número de dois, estão colocados ao alto das paredes laterais da sinagoga. O templo é bastante semelhante a uma igreja católica. No centro, uma nave pintada de azul pontilhada de estrelas.

Logo ao transpormos o limiar do templo indagamos a um dos judeus que se encontravam junto à porta, qual o significado daquela cerimônia. O homem virou-se, ajeitou o manto sobre os ombros e respondeu-nos baixinho:

— Oramos por nossos mortos. Estamos no último dia da Páscoa, o dia em que a sinagoga se abre para o culto daqueles que tombaram.

Com isto satisfizemos a nossa curiosidade. Olhámos em torno. Apareciam por todos os lados as fisionomias características dos descendentes de Abraão, que mostravam nos traços fisionômicos o sofrimento de séculos e séculos de martírio, vividos pelos seus ancestrais. Velhos de longas barbas, envoltos nos "talit" alvos, as cabeças cobertas por barretes de feltro negro, lembravam os rituais do templo de Salomão, no tempo em que ainda não haviam as legiões romanas transposto o Mediterrâneo em busca das terras férteis de Canaã. Ao lado dos anciãos, rapazes morenos, nascidos e criados à luz do sol tropical das cidades brasileiras, cobriam-se com chapéus vulgares e cantavam em cântico com os seus maiores. No alto, o Chazin (cantor) entoava as orações, respaldado por um cântico de meninos paramentados com túnicas negras bordadas de rendas brancas. De quando em vez levantavam-se todos os assistentes e entoavam com eles as orações fúnebres.

Contava-se mais de meio milhar de pessoas sob a nave azul do templo. E todos, humildemente cobertos, oravam pelos seus mortos, pelos seus antepassados martirizados pela violência dos monarcas e pela intolerância religiosa, pelos seus patrícios trucidados pelas tropas de choque de Hitler.

O ritual era de fato comovente. A voz de barítono do Chazin fazia-se ouvir em lamentações fúnebres, a que o auditório respondia, numa espécie de ladainha lamentosa, que levava ao coração dos fiéis uma onda de tristeza e trazia aos lábios de todos um suspiro de ternura.

UM MARINHEIRO DA AMÉRICA REZA NO RIO

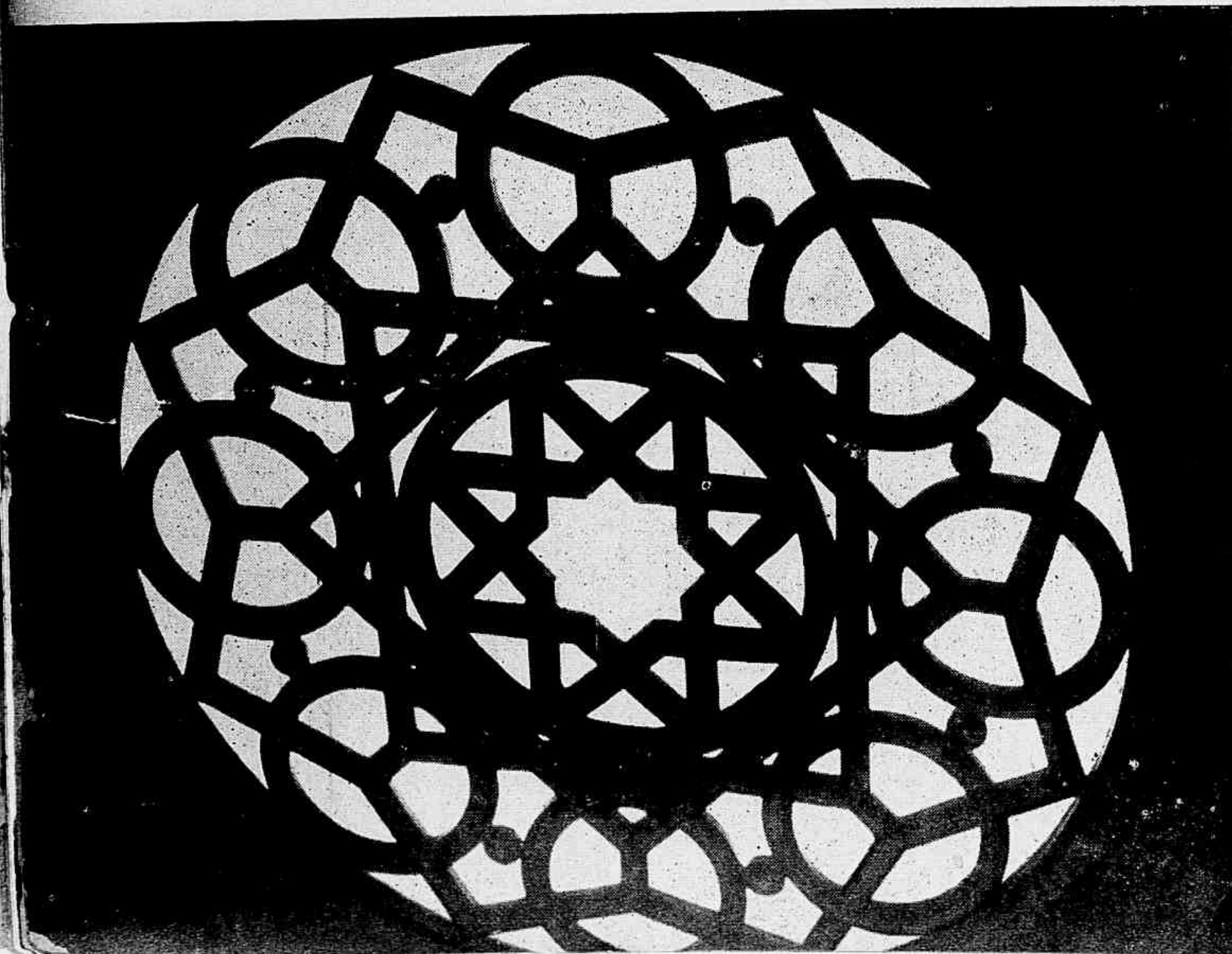
Eis senão quando divisámos, entre os judeus que rezavam, uma farda de marinheiro dos Estados Unidos cortando a monotonia dos mantos e pondo com o seu gôrrão branco uma onda diferente entre o oceano de cabeças cobertas pelos barretes negros do ritual. Procurámos aproximarmo-nos do marujo, que saudou amavelmente. Uma vez explicado que ali fazíamos, o rapaz prontificou-se a conversar conosco na porta do templo. Acompanhou-o um velho semita, com quem ele se encontrava.

Em conversa com o reporter o marinheiro conta um pouco de sua vida e explica a sua presença na sinagoga:

— Chamo-me Jacob Bevitz, sargento da marinha dos Estados Unidos. Nasci em Philadelphia City, onde me criei e estudei. Declarada a guerra aos países do Eixo, fui chamado e passei a servir numa frota de Blindados que hoje patrulha as águas do nordeste brasileiro. Atualmente estou servindo na base aérea de São Luiz do Maranhão.

Como naquela cidade, em virtude da inexistência de semitas, não há sinagogas, aproveitei a minha licença para passar no Rio de Janeiro e assistir às comemorações da Páscoa. E hoje, como todo bom judeu, não poderia deixar de comparecer ao templo e orar pelos meus mortos, pelos meus amigos e parentes falecidos e pelos meus irmãos de armas, que combatem o nazi-fascismo nos cinco continentes e nos sete mares.

Assim falou Jacob Bevitz, um jovem de Philadelphia, marinheiro dos Estados Unidos em ação nas águas territoriais brasileiras.



Estas não eram porém as suas palavras. Era a voz de todo um povo solidário e unido que, através de seus cantos fúnebres, celebrava naquele momento, num edifício de tijolo da rua Conselheiro Josino, a vitória dos seus heróis mortos sobre os tiranos vivos. Era a voz da solidariedade humana falando pela boca de um moço combatente.

E nada poderia melhor simbolizar a resistência dos judeus de todo o mundo contra a tirania de seus algozes que a figura do jovem americano, orando entre homens nascidos na Rússia e no Egito numa sinagoga do Rio de Janeiro.

TORAH, SÍMBOLO DE DEUS

Entramos novamente no templo. Agora o Chazin e todos os que se encontravam no altar cobriam a cabeça com os seus "taleths" e curvavam-se para o chão, num ritual evocativo dos mortos. Os meninos do coro entoavam um novo canto, fúnebre e lento, triste como "ghetto" de Varsóvia, dolente como as "berceuses" de Nazaré.

Pela abóbada azul do templo corria um sopro de misticismo. Via-se pelas fisionomias carregadas que todos os pensamentos pertenciam naquele momento aos entes queridos que a morte havia levado, e aos que tombaram sem vida pelo simples crime de não serem filhos de alemães ou poloneses.

Terminou porém a evocação. Naquele instante a solenidade ia atingir o seu ponto máximo: a leitura de Torah, o pergaminho onde se encontram as sagradas escrituras.

O Chazin abriu o sacrário, retirando de lá o estojo de veludo bordado a ouro, que guarda os pergaminhos sagrados. E com ele abraçado ao peito aproximou-se da grade do altar e cantou um hino de glória, acompanhado pelo coro.

Os fiéis, de pé, repetiram as suas palavras. O celebrante leu passagens da escritura relativas ao culto dos mortos. Um silêncio respeitoso envolvia todo o templo. E quando o Chazin voltou a guardar no sacrário o estojo da Torah, retiraram-se os fiéis. Estava terminado o ofício religioso.

A sala ficara vazia. Entrou então o velho Abraham Kipnis, zelador da sinagoga, que apagou as luzes acesas nos candelabros simbólicos de sete velas.

No tampo do altar, escritas em hebraico, em grandes letras luminosas, lá estavam as dez leis sagradas da táboa de Moisés.

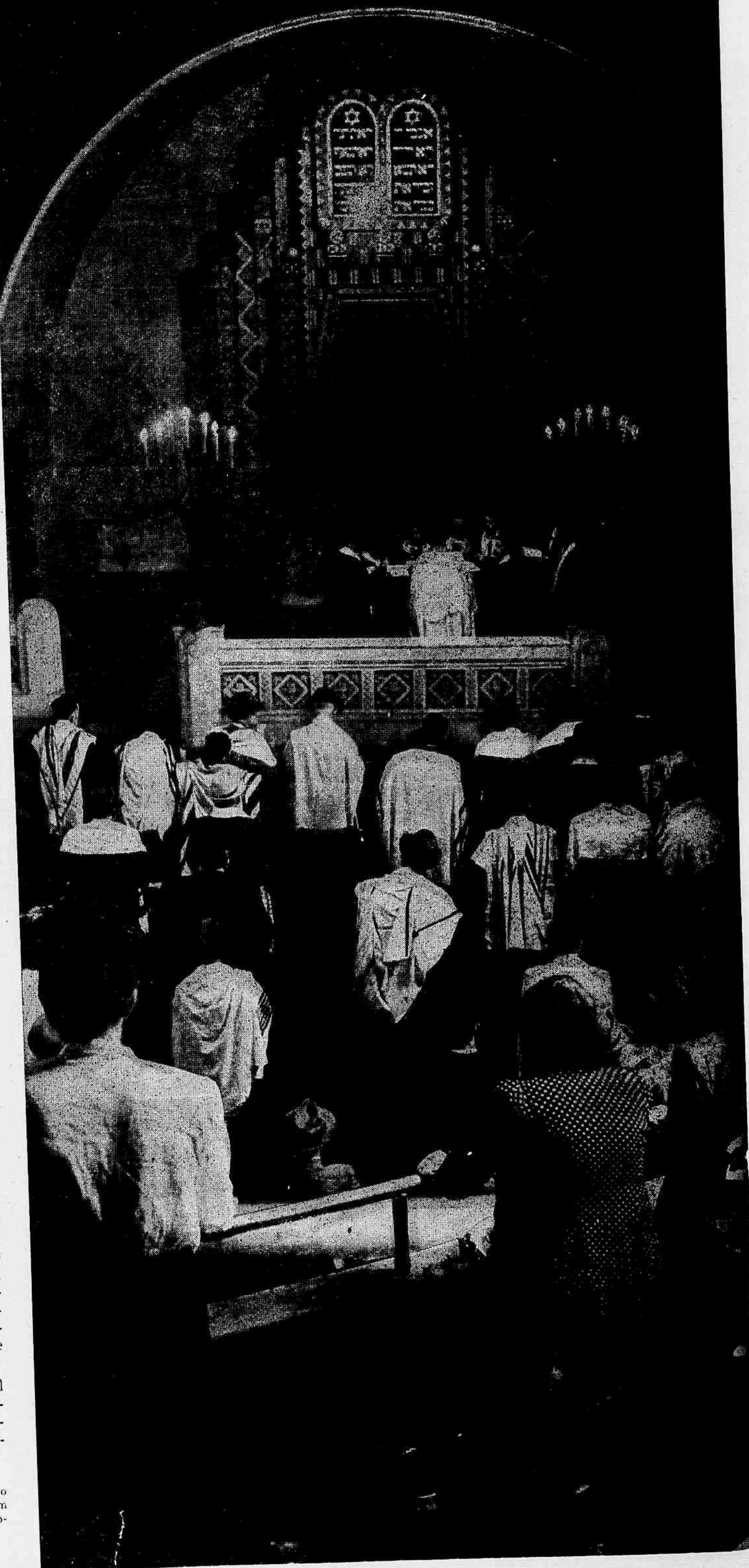
NOSSOS MORTOS NÃO TOMBARAM EM VÃO

Havíamos visto a comemoração dos mortos, na sinagoga onde rezam os judeus residentes há muito na nossa capital. A congregação religiosa que mantém esse templo reúne todos os israelitas nascidos no Brasil e os que já aqui se encontravam quando Hitler subiu ao poder.

Depois vieram ter ao Rio os refugiados europeus, perseguidos pelos nazistas. Estes já não eram os tradicionais judeus de barbas compridas. Pertenciam a outra congregação que, embora não represente um scisma da igreja judaica, não pode, em suas linhas gerais, ser considerada em conjunto com as demais organizações religiosas israelitas que ainda se prendem às tradições dos tempos de David.

Eis por que tão pronto chegaram ao Brasil logo organizaram os refugiados uma outra comunidade religiosa, para em sua sinagoga própria fazerem as orações e comemorem as datas sagradas.

No altar, entre os candelabros de David, o Chazin e o coro entoam cantos lamentosos e monótonos, que representam uma homenagem aos mortos. Os fiéis acompanham comovidamente as orações fúnebres, de pé, em silêncio.





O zelador do templo, sr. Abraham Kipnis, com a Bíblia aberta diante dos olhos, reza com os outros fiéis, na comemoração dos mortos. Este é uma espécie de funcionário leigo da igreja judaica, encarregado da arrumação e conservação da sinagoga da rua Conselheiro Josino.

E logo foi feito rabino da nova congregação o dr. H. Lemle, judeu alemão nascido na Baviera. O titular já havia sido o rabino de Franckfurt-sôbre-o-Meno, embora tal não revele a sua pouca idade. Ao contrário dos chefes das outras comunidades judaicas do Brasil, que temos tido ocasião de encontrar, o dr. Lemle não usa as barbas patriarcais que constitui uma das tradições das velhas congregações israelitas. Não traja sobrecasaca, como os seus colegas mais velhos. Veste-se elegantemente, usa o rosto escanhado à americana, óculos sem aros. E vendo-o assim ninguém pode adivinhar que êle seja um guia religioso, pois nem a sua aparência de semita moderno nem o seu aspecto de jovem "sportman" fazem supor um sacerdote.

Foi com êste patriarca — se assim se pode chamar ao jovem rabino — que conversámos sôbre a Páscoa judaica e a comemoração do Dia dos Mortos. Êle, entre outras coisas, falou-nos de sua congregação e do espírito que anima os fiéis a ela vinculados. O dr. Lemle está no Brasil há 4 anos e fala o português correntemente, sem o mínimo sotaque. Êle nos explicou que o grande desejo da maioria dos refugiados israelitas que aqui se encontram é fixar residência em nosso país.

— Eis por que, declara o nosso entrevistado, construímos a nossa sinagoga. Erguemo-la no bairro de Botafogo, justamente para provar que nem todos os refugiados judeus residem em Copacabana, como dizem de boca pequena. E' ainda um templo pobre, por isto que de minha comunidade fazem parte homens da classe média, intelectuais, médicos, estudantes que não dispõem de somas elevadas para custear a construção de um grande edifício.

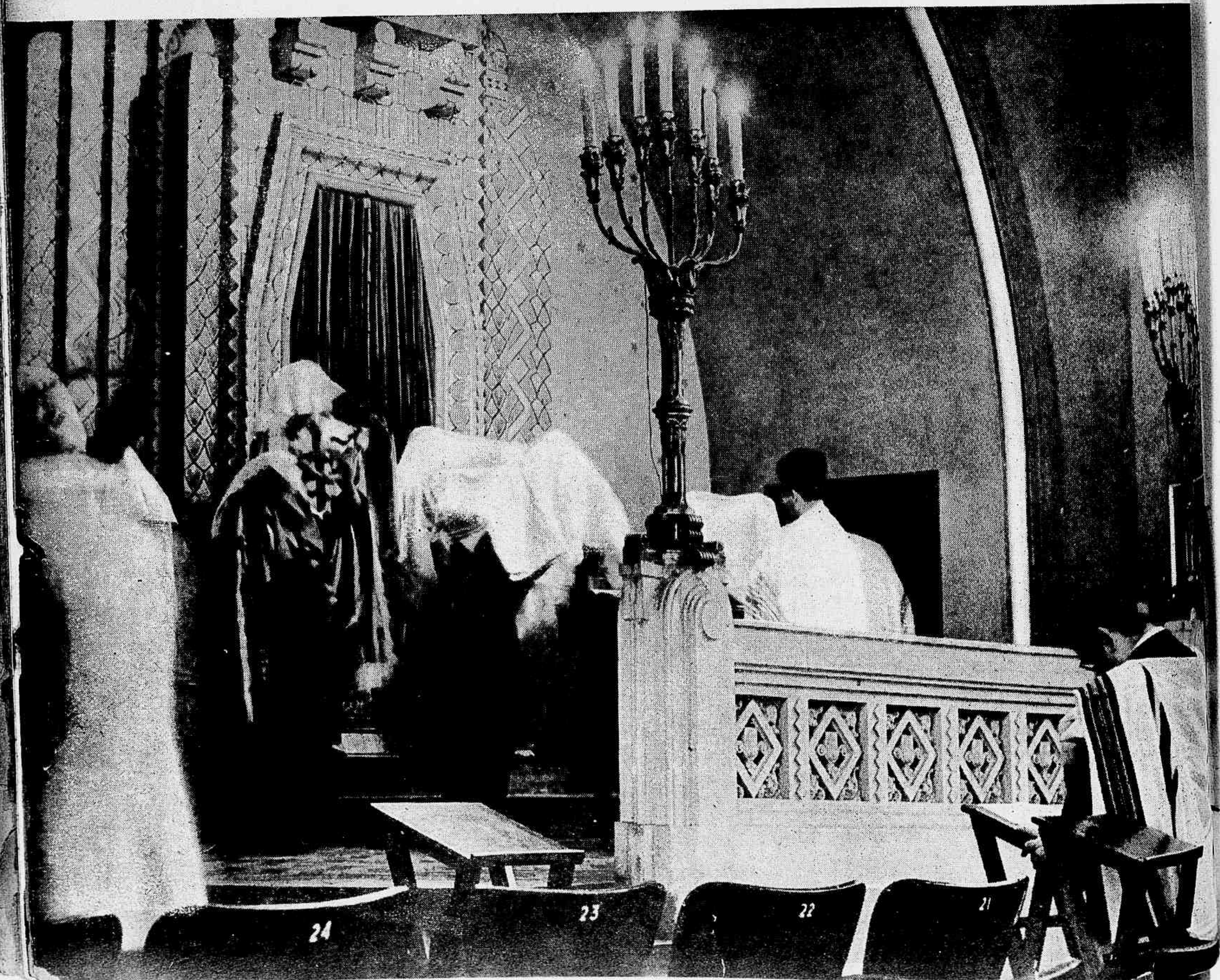
Perguntámos nesse momento ao rabino se a sua congregação divergia radicalmente das outras organizações religiosas judaicas.

E êle nos respondeu:

— Radicalmente, não. Na sinagoga onde o senhor teve ocasião de estar, os cultos são celebrados em hebraico, ao passo que no nosso templo as prédicas e as orações são sempre pronunciadas em português. Esta é a diferença capital entre os dois modos de elevar a Jeová as nossas preces. Mas não há seitas divergentes entre os judeus, nem scismas antagônicos. Há, tão somente, duas maneiras diversas de interpretar a liturgia que rege os nossos ritos. Isto e nada mais.

Agora o dr. Lemle fala sôbre o Dia dos Mortos:

Uma das passagens do ritual com que os judeus comemoram o dia de seus mortos. O Chazin e todos os que se encontram no altar cobrem as cabeças com os seus taleths (mantos brancos com longas franjas) e reverenciam os que tombaram, curvando-se para a frente e levantando-se repetidas vêzes. Em primeiro plano aparece a figura de um judeu tradicional, de óculos e longas barbas, também envolto no taleth e coberto pelo barrete de seda negra do ritual. Aparecem ainda na gravura as cadeiras numeradas, reservadas às famílias dos judeus da comunidade.



Nós, como todos os homens civilizados, temos hoje muitos mortos por quem rezar. Os nossos mortos não são apenas as pessoas de nossas famílias que a morte impiedosa foi levando. Eles são muitos, espalham-se pelos cemitérios de toda a Europa ensanguentada pelas tropas de Hitler. Portanto agora, mais que nunca, o seu dia tem uma significação grandiosa para nós judeus, os primeiros a sofrer o horror da perseguição nazista. Antes mesmo de subir ao poder, a sanha das camisas pardas contra os israelitas já se fazia sentir nas depedrações dos bairros semitas da Alemanha. E quando um líder nacional-socialista morria assassinado, os alemães saciavam a sua sede de vingança em chacinas medonhas, assassinando os judeus indefesos, sem respeitar mulheres, crianças e velhos. Os dramas que assistiram os bairros judeus de Berlim e Hamburgo, a crônica sinistra do "ghetto" de Varsóvia são tragédias que passarão à história como páginas de horror escritas a sangue e lágrimas. Há pouco comemoramos a nossa Páscoa. Este ano não pudemos ainda ter uma festa totalmente alegre, pois os nossos pensamentos estão presos aos nossos irmãos que tombaram e aos nossos irmãos que lutam.

— O último dia da nossa Páscoa é dedicado ao culto dos mortos, como o senhor pôde ver. E, aproveitando a passagem dessa data, falei aos judeus, declarando em minha pregação que os nossos mortos não serão jamais esquecidos. E terminei fazendo um apelo aos crentes para que orassem pelos que tombaram, e fizessem por demonstrar que o seu sacrifício não havia sido feito em vão.

Foram estas as palavras do rabino dr. Lemle, chefe da Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro. Com elas encerramos a nossa reportagem em torno da comemoração dos mortos israelitas.

E, embora não sejamos judeus, não podemos deixar de compreender o significado amplo desta frase do rabino: "Nossos mortos não tombaram em vão".

Há mais de trinta anos o saudoso jornalista João do Rio, então o reporter n.º 1 do Brasil, publicou uma série de reportagens em torno das religiões praticadas entre nós e dos templos existentes nesta capital. Hoje iniciamos uma série idêntica de reportagens. Dando começo a esse trabalho, apresentamos neste número aos nossos leitores um apanhado da celebração do Dia dos Mortos numa sinagoga, revelando aspectos inteiramente desconhecidos do nosso grande público.

A reportagem acima representa um dos maiores "furos" jornalísticos até agora conseguidos pela imprensa carioca, que revela aos leigos, através das palavras singelas do reporter e da lucidez das revelações da "camera", todo o desenrolar de um dos mais simbólicos rituais judaicos. Estas notas e suas ilustrações são o resultado de um dia de trabalho intenso, durante o qual permanecemos por doze horas a fio no interior de uma sinagoga, vivendo como autênticos judeus, cobertos respeitosamente diante do altar, ouvindo com atenção o Chazin, conversando com os velhos de longas barbas patriarcais que rezavam no silêncio do templo. A objetiva fixou nestas páginas flagrantes inteiramente desconhecidos, até agora, por qualquer pessoa estranha à religião judaica.

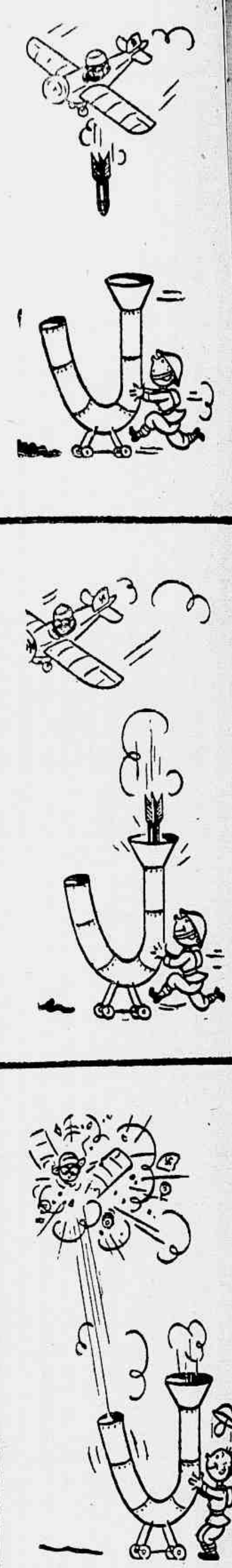
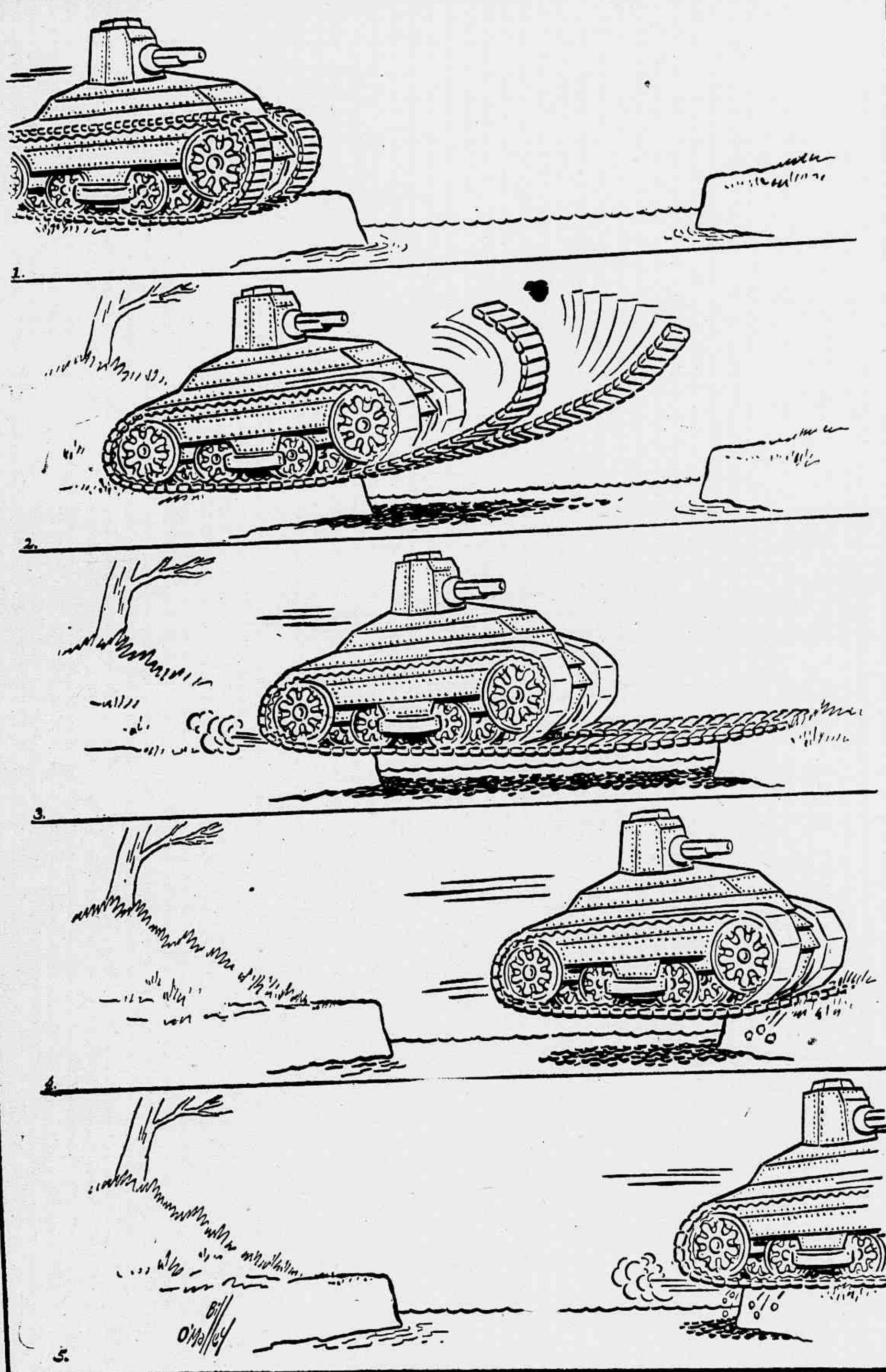
E aqui oferecemos aos nossos leitores estes aspectos desconhecidos de uma religião multimilenar, passagens da vida de um povo que muito lutou e sofreu através de séculos e séculos.



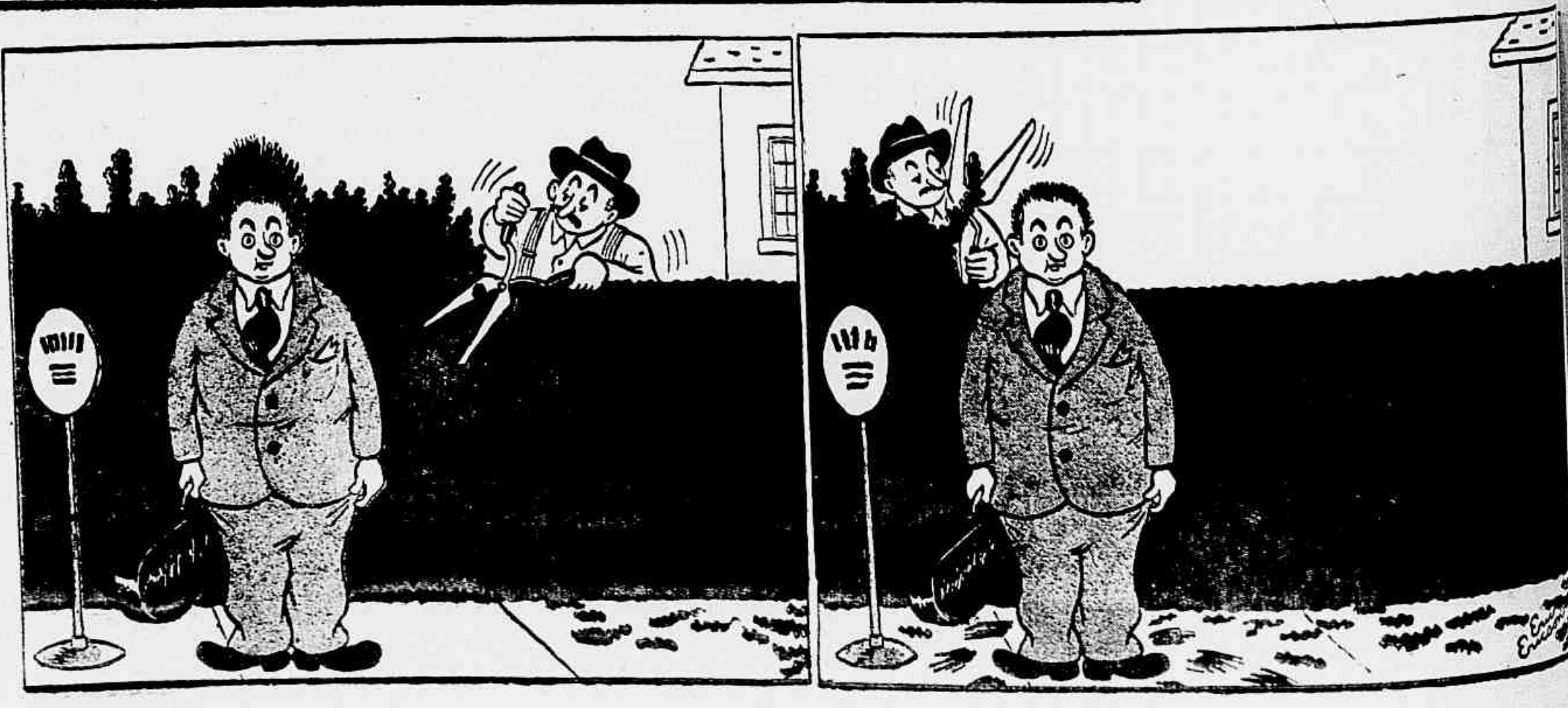
Enquanto o Chazin lê as sagradas escrituras os fiéis guardam o estojo da Torah, respeitosamente abraçados com ele. Mal termina o culto os pergaminhos sagrados são novamente guardados no sacrário, um escaninho embutido na parede, fechado por uma porta de madeira bordada.

O dr. H. Lemle, judeu alemão, nascido em Frankfurt-sobre-o-Meno, refugiado de guerra, é hoje o rabino de uma grande comunidade judaica desta capital. A Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro, por ele fundada, já tem a sua sinagoga, onde os cultos são celebrados em português.





DE
BOM
HUMOR



Por que seria êle o homem mais azarento do mundo?



Meu amigo, o Duque...

PARA falar a verdade, estava intrigado. Não conseguia afastar aquela curiosidade que — era forçado a confessar a si mesmo — não depunha a favor de uma educação aprimorada. Mas, afinal de contas, como era um senhor de meia idade e, de certo modo, os senhores de meia idade, dotados de ar paternal, não inspiram desconfiança, julgou que poderia tentar. Quem não arrisca... E era preciso acabar com aquilo, de uma vez por tôdas, lançando mão do meio mais simples. Havia, ali, à sua frente, um rapaz moço, bem apessoado, e que, no entanto, longe de estar em bons termos com a vida, mostrava-se de relações cortadas, ou, no mínimo, castigado por ela. De outra forma, porque se obstinaria a repetir, como um monótono estribilho, aquela frase que chamara a sua atenção?

— Sou o homem mais azarento do mundo...

O tom não revelava revolta — o que indicava que o desespero não era recente e já houvera tempo para que a vítima se habituasse a êle. Era um tom de reflexão, quase de perplexidade.

— Eu sou o homem mais azarento do mundo.

Nada mais do que isso. E já era bastante para alimentar a imaginação de Lavery. Sem dúvida, os seus pensamentos seguiam em um sentido determinado, refletiu Lavery, mas o que de fato o observava era a sua condição de homem perseguido pelo destino, o que o levava àquela amarga verificação:

— Eu sou o homem mais azarento do mundo.

Como começar? De fato não poderia dirigir-lhe a palavra, assim, sem um pretexto qualquer. Entretanto o trem seguia rapidamente o seu caminho, aproximando-se da estação, e nada ainda ocorrera a Lavery, exceto uns expedientes ridículos, que êle logo abandonara como indignos de sua imaginação e totalmente destituídos da sutileza requerida e imprescindível.

Afinal, decidiu-se.

— Escute...

O rapaz virou-se, subitamente, espantado.

— Senhor?

— Perdoe-me. Ouvi o que murmurou e não pude deixar de pensar que não tem razão.

— Como?

— O senhor disse que era o homem mais azarento do mundo...

— Não pensei que tivesse falado alto...

— Fez bem. Só assim poderei dissuadi-lo.

— Dissuadir-me? E' difícil!

— Por que? Sempre há casos mais trágicos. Quando muito, poderei convencê-lo de que não é o mais azarento. Mas duvido que chegue, mesmo, a ser moderadamente sem sorte.

— Não tenho jeito para contar-lhe...

— Olhe, encare-me como a um padre confessor...

— Eu sou protestante...

— Nesse caso, como um pai. Simplesmente.

O outro sorriu, candidamente:

— Meu pai já morreu.

— Tanto melhor. Eu poderei substituí-lo e dar-lhe os conselhos de que necessita.

Já ouvi dizer que são as mulheres de idade avançada que se interessam pela vida alheia. Mas não me consta que os cavalheiros, em idênticas condições e sem ocupação, desdenhem dessa tarefa tão agradável para muitos. Assim, o velhote tanto insistiu que, com muitos rubores, o rapaz resolveu contar tudo.

— Imagine o senhor que tudo aconteceu numa viagem...

— Ótimo. Nas viagens não acontecem, em geral, coisas irremediáveis.

— Como assim?

— A viagem é um trânsito, meu amigo, e os acontecimentos que nela têm lugar só podem ser... transitórios...

O rapaz sorriu.

— O meu é definitivo.

— Eis aí uma coisa que você não afirmaria se conhecesse um pouco a filosofia. Ensina-nos ela que, dadas as circunstâncias, podem alterar-se os fenômenos; na verdade alteram-se os fenômenos. Ora, o caso transcorreu em outro lugar, logo em diferentes circunstâncias no espaço, e não foi agora, nesse instante, logo situado em outro local no tempo. Onde, hoje, agora, aqui não se daria da mesma forma.

— E'. Parece sensato o que o senhor diz.

— Meu jovem amigo, quando você me conhecer melhor verá que só digo coisas sensatas. Mas vamos à história. Foi numa viagem...

— ...E eu encontrei uma moça linda. Ela tinha cabelos...

— Meu amigo, poupe-me a descrição

da beleza dela. Não adianta nada e, ademais, talvez eu não concorde com você sobre o critério de beleza, o que estragará consideravelmente a impressão favorável que, de outro modo, ela me poderia inspirar.

— Pois bem. Conheci-a. Conquistou-me. Procurei ganhar a confiança da família dela.

— Até aí tudo muito bem.

— Vem logo após a catástrofe.

— Vamos a ela.

Continua na pág. 49.

Conto de
DESMOND
MAC CARTHY



Roosevelt reeleito pela primeira vez. O seu primeiro quadriênio valeu-lhe a glória e a popularidade, mas não modificou muitos os seus traços fisionômicos. Então havia paz na América...

servindo nas forças armadas dos Estados Unidos, a morte do primeiro magistrado da Nação Americana.

Através destas palavras e dos despachos telegráficos o mundo foi abalado, na noite de quinta-feira dia 12 de abril de 1945, pela trágica notícia do desaparecimento do amigo n.º 1, das Américas, o homem a quem se deve a barreira oposta às ambições imperialistas de Hitler, por ele plantada no meio do Atlântico. Vítima de uma hemorragia cerebral, Franklin Delano Roosevelt faleceu às 15.35 horas em seu "cottage" de veraneio, em Warm Springs, Estado de Georgia.

A notícia da morte do grande estadista, tanto pelo que em verdade representa para o mundo quanto pelo inesperado do fato, veio causar no seio das populações de todos os países aliados e neutros o mais profundo abalo e o mais lutuoso pesar.

Desde os seus primeiros ensaios políticos o grande Presidente tornara-se uma figura grandemente simpática, não só aos americanos como a todos os homens livres do mundo, que viam na tolerância e no liberalismo de suas ações e na sinceridade e boa fé de seus atos um seguro indício de uma política honesta e corajosa. Foi ele, por isto mesmo, o único homem público até hoje admirado e respeitado por todos os cidadãos americanos dignos deste nome, desde os mais intransigentes republicanos até os mais radicais dos membros do Partido Comunista. Eleito quatro vezes para o mais alto posto da Nação, Franklin Delano Roosevelt recebeu sempre de seus adversários políticos os protestos de seu respeito e a afirmação de sua cordialidade. Democrata no sentido exato e amplo da palavra, conseguiu fazer valer todos os princípios pelos quais morreu Lincoln e lutaram Franklin e Washington.

Sucedendo a Hoover no poder, o grande Presidente, como um de seus primeiros atos, aboliu a Lei Sêca, golpeando assim de morte o banditismo dos "gangsters" e anulando o perigo do tráfico clandestino de bebidas, que tantas vítimas fizera entre as populações estadunidenses. Iniciando depois uma política extremamente liberal, criou o "New Deal", assegurando aos trabalhadores uma vida digna e contribuindo para o extermínio do "chomage", que atingia um ponto crítico. Vinda a guerra Roosevelt empenhou-se na luta pela defesa da Democracia, lançando nela o melhor de suas energias físicas e mentais.

Agora morreu. Não foi uma morte natural. Morreu



O popular candidato Franklin Delano Roosevelt, autor da lei que aboliu a proibição da venda de bebidas e exterminou os "gangsters", fala aos seus eleitores com um sorriso vitorioso nos lábios.

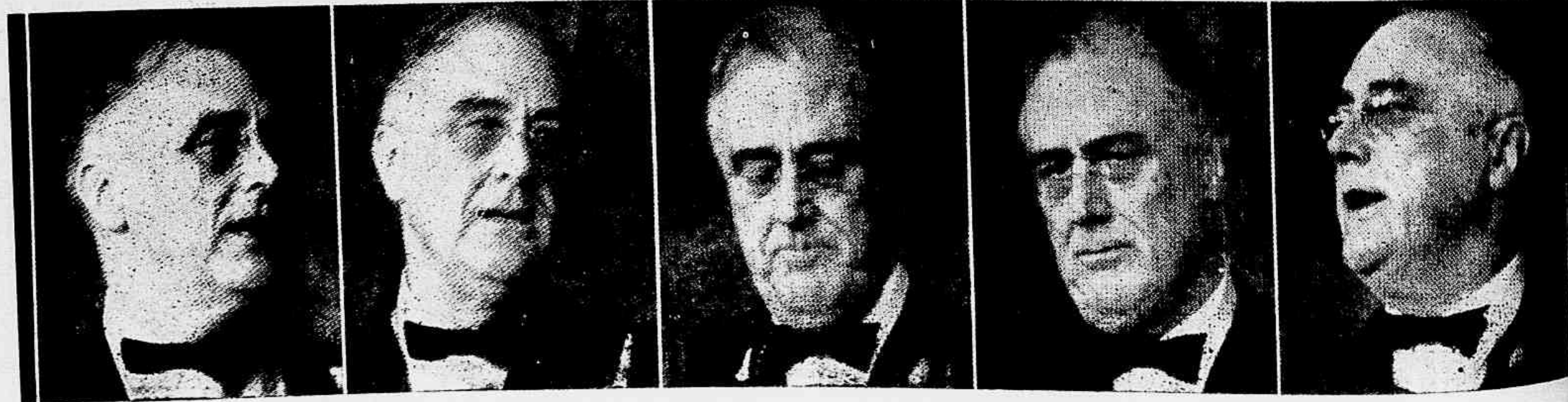
MORREU O AMIGO N.º 1 DO BRASIL

"O Presidente faleceu esta tarde. Ele cumpriu o seu dever até o fim, como sempre desejou fazê-lo". Assim a sra. Eleanor Roosevelt avisou aos seus quatro filhos, hoje

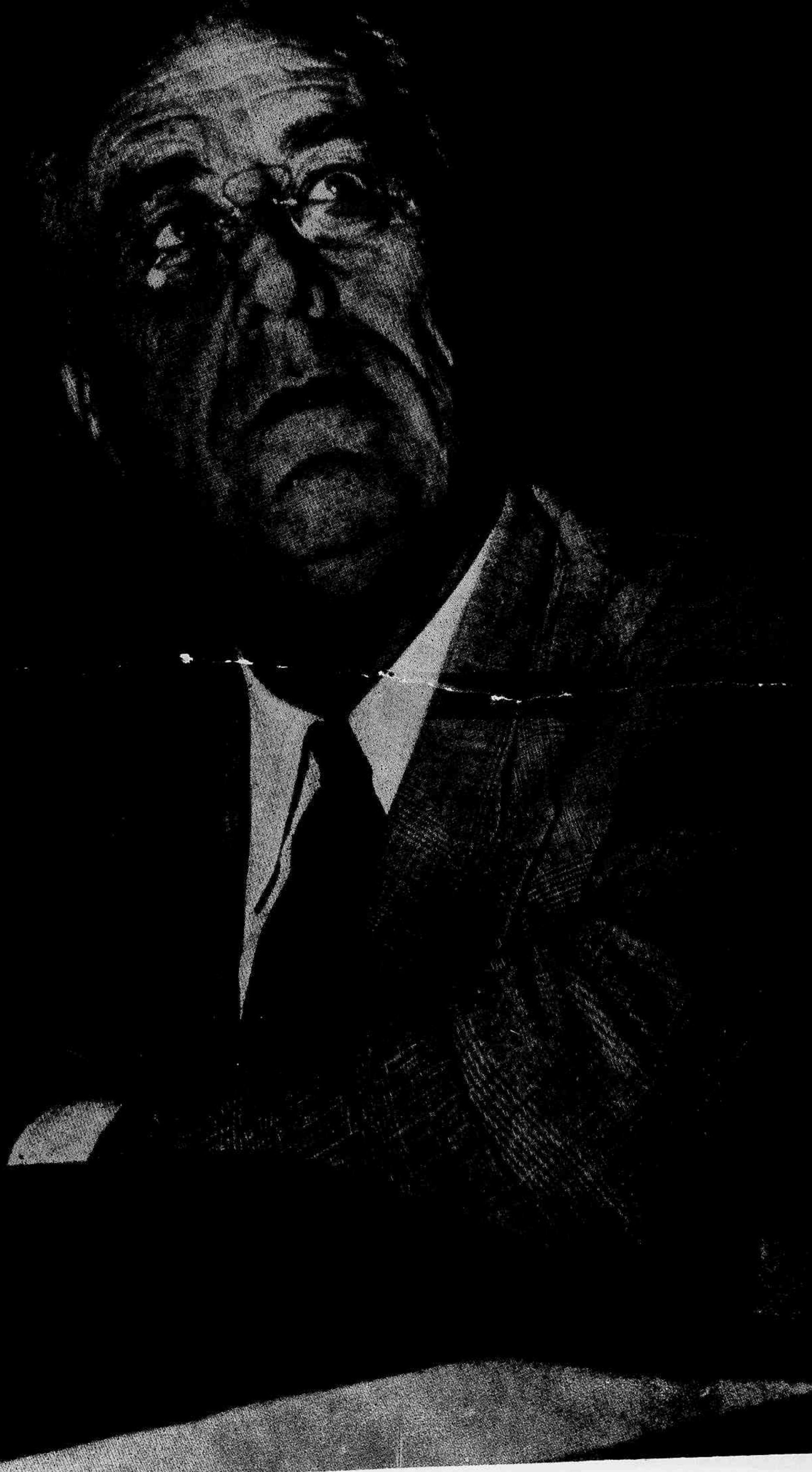
combatendo, vítima de esgotamento, não resistindo à luta interior que sustentava o seu organismo de ancião. E' mais uma vítima de Hitler. Mas morreu como sempre almejava:

cumprindo o seu dever de cidadão democrata, lutando no seu posto de soldado da Liberdade. O táfulo deste homem é outro monumento de glória para a terra de Lincoln.

"O propósito dos ataques de Hitler é amedrontar o povo americano... Não é esta a primeira vez que ele ameaça o espírito americano". Assim falava o grande estadista quando verificaram os primeiros arremessos nazistas contra as democracias européias. A esse tempo o Presidente ainda era um homem forte e gordo, como se pode ver pelas fotos abaixo.



Franklin Delano Roosevelt, o
amigo das Américas, numa
fotografia tomada quando de
luto pela morte de sua mãe.



t, autor
e exten
um som

SI

, lutando
deste be
Lincoln.

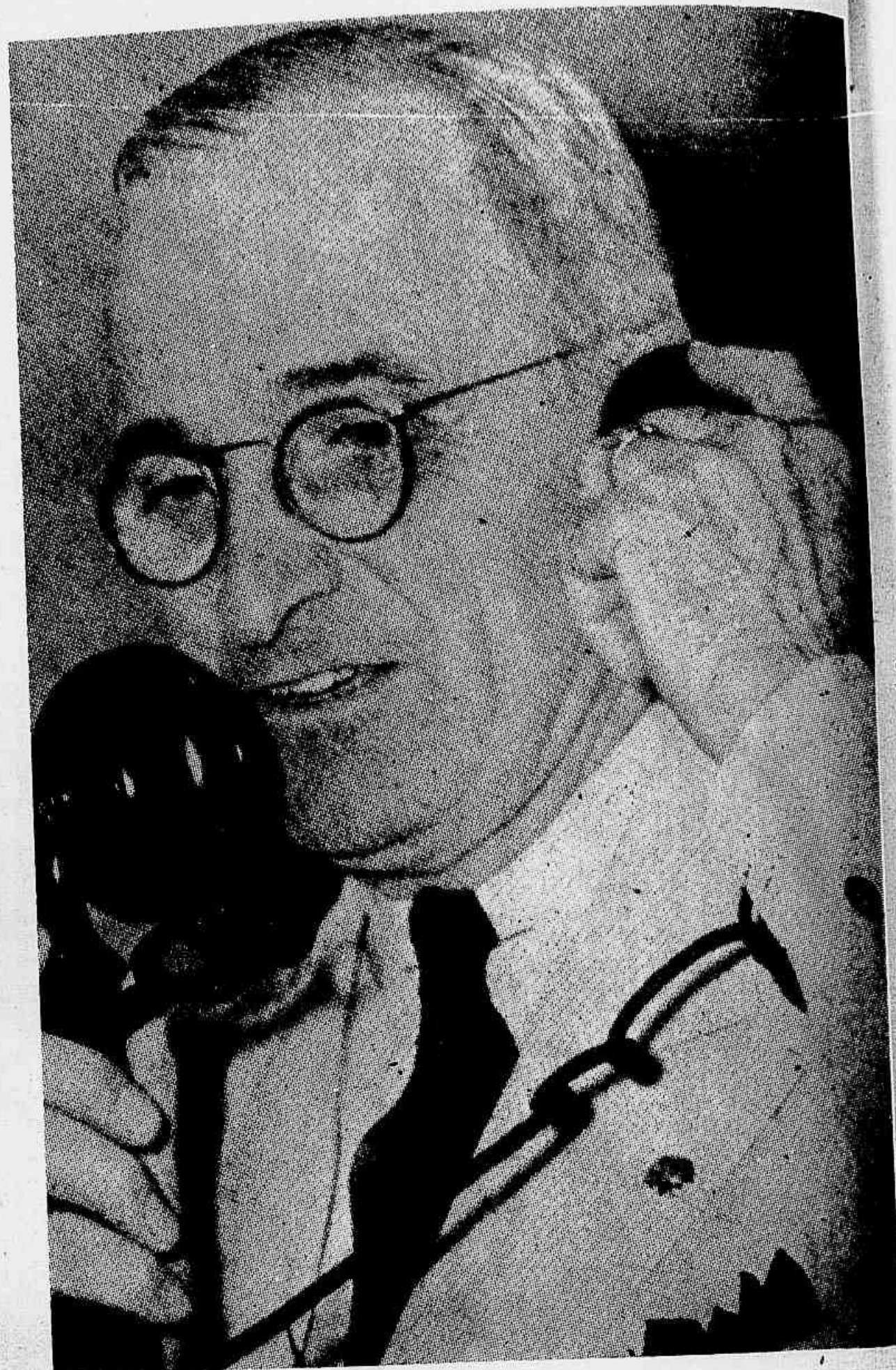
a quando
fotos aban



O cidadão Franklin Delano Roosevelt, eleito Presidente dos Estados Unidos, chega a Washington acompanhado por sua esposa e filhos. Note-se como de então para cá o grande estadista envelheceu, por força dos acontecimentos.

Harry S. Truman, ex-senador pelo Estado de Missouri, eleito vice-presidente dos Estados Unidos da América do Norte no último pleito. Logo após a morte de Roosevelt Truman prestou juramento e assumiu a Presidência da República.

Um dos últimos retratos de Roosevelt, apanhado na Casa Branca, quando ali recebia o secretário de Estado Edward Stettinius e os delegados americanos à Conferência de São Francisco.



A GUERRA EM MARCHA

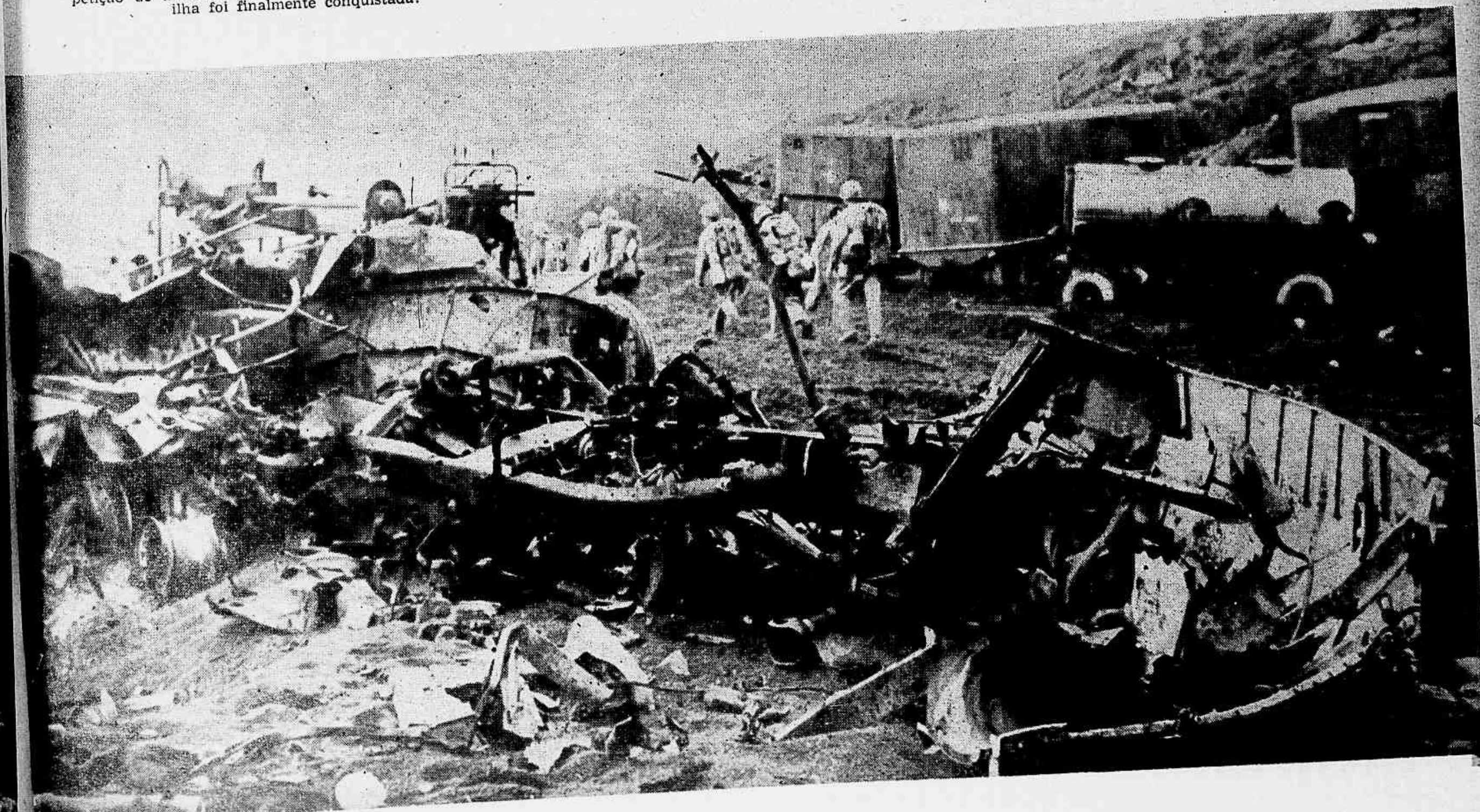
23

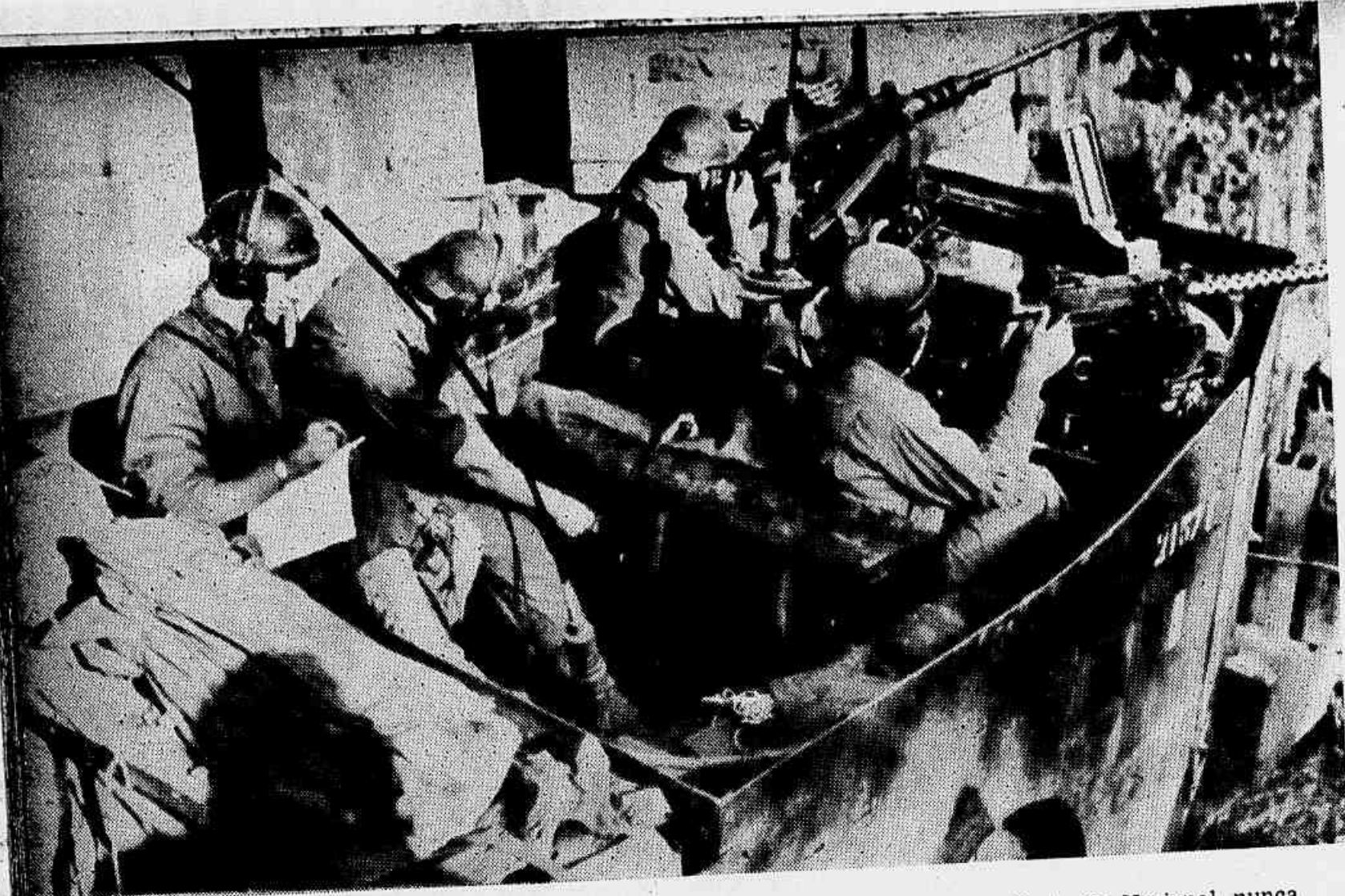
Aproxima-se rapidamente de seu término a conflagração mundial. Pelo menos isto é o que fazem crer os últimos acontecimentos dos quais nos trazem notícias as agências telegráficas. Em tôdas as frentes precipitam-se os acontecimentos, e as derrotas totalitárias se sucedem cada vez mais numerosas e decisivas. A ofensiva russa toma um vulto mais gigantesco, e a marcha para Berlim atinge o seu climax. De todos os lados convergem para a capital alemã os exércitos soviéticos, atacando com todo o peso de suas divisões couraçadas. A situação de Viena é cada vez mais crítica. Duas pontas de lança do Exército Vermelho convergem sobre o centro da capital da Áustria, pondo em perigo toda a frente de defesa dos Alpes. E na Tchecoslováquia os moscovitas lançaram uma nova ofensiva, que já levou as vanguardas dos exércitos do marechal Stalin além das fronteiras da Morávia. Na Renânia e no Ruhr progredem rapidamente as forças "yankees" e inglesas, ganhando terreno facilmente e fazendo milhares de prisioneiros entre as tropas nazistas amedrontadas, que já não apresentam resistência séria ao seu arremesso. Na Itália o curso das operações apresenta um aspecto diverso: a guerra de posição continua ainda a marcar o seu ritmo inalterado no topo dos Apeninos e no Vale do Pó. Os norte-americanos e brasileiros avançam custosamente, num inferno de lama, e as tropas motorizadas se prendem nos atoleiros intermináveis, retardando a ofensiva, a mais heróica de tôdas, por isto que é também a mais difícil. Isto na Europa. No Pacífico a situação não é menos negra para os totalitários, que se vêem perdidos diante da irresistível ofensiva de Mac Arthur. Em Okinawa prosseguem os avanços americanos, e quase toda a ilha está hoje em poder das forças estadunidenses, cujos contingentes continuam a desembarcar em suas costas todos os dias. O próprio litoral do Japão está agora aberto ao bombardeio da Esquadra Americana, que já tem acesso às baías do sul da ilha. Outra grande vitória naval dos Estados Unidos registradas nestes últimos dias foi o afundamento do supercourageado japonês "Yamato", a maior unidade da marinha de guerra do Mikado.

(Fotos S. I. H.)

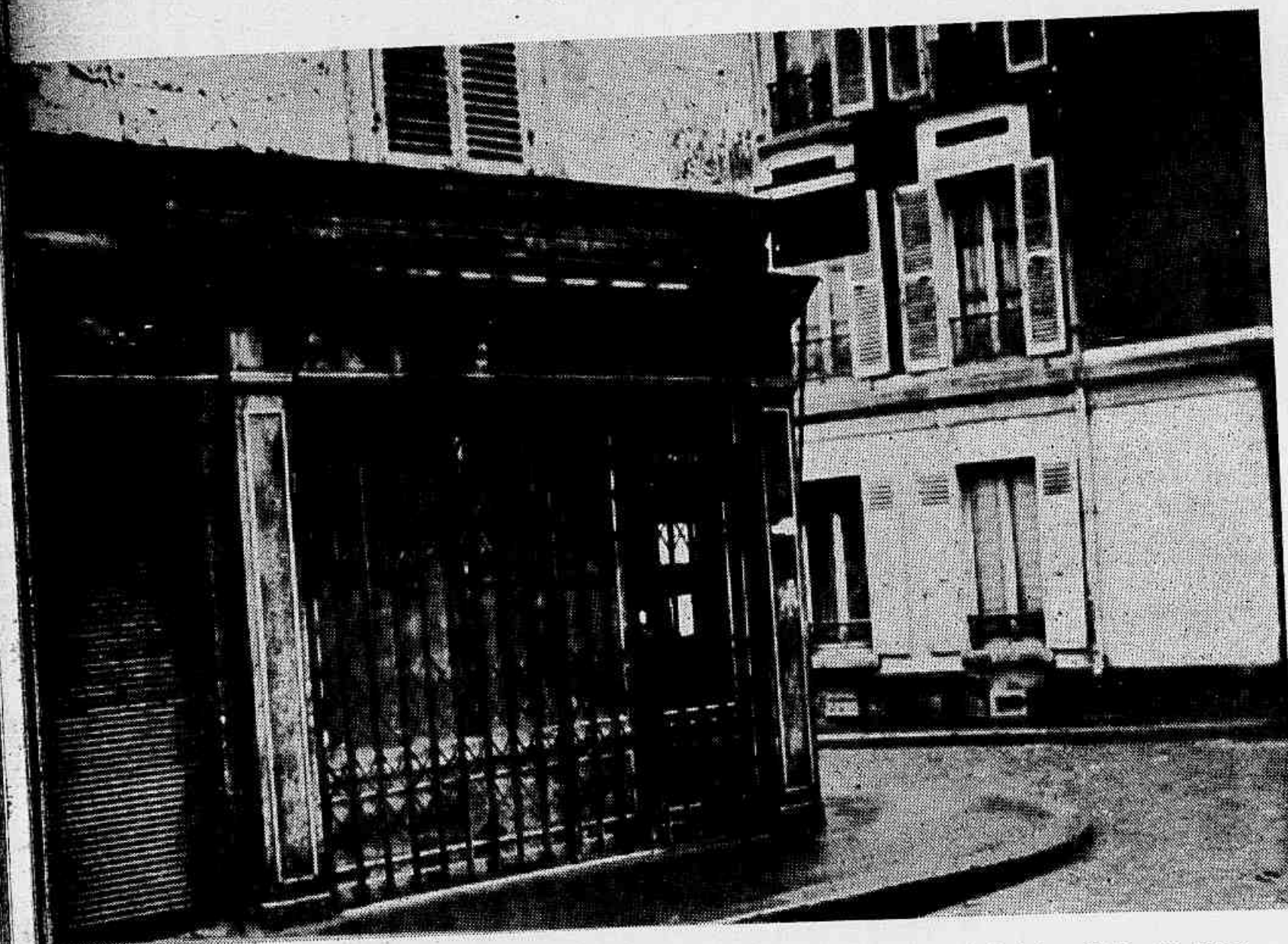
Uma dramática evidência da necessidade de maior produção de material bélico. Na foto abaixo vê-se o que ficou do material norte-americano desembarcado na primeira ofensiva na ilha de Iwo Jima, no Pacífico. Quase tudo em petição de miséria. Mas outras remessas chegaram e a ilha foi finalmente conquistada.

O tenente Adalberto Vilas Boas, observador, do Rio de Janeiro, membro da Esquadrilha de Observações de Artilharia da Força Aérea Brasileira, em operações na Itália. Figura popularíssima e benquista, cuja atividade se desdobra a cada instante em múltiplos setores, ele tem sabido merecer as referências honrosas que lhe fazem os seus superiores.





OS FRANCESES NO RENO — A França, representada pelo seu Comité de Libertação Nacional, nunca deixou de lutar ao lado dos aliados, desde o dia do armistício de Bordeus. O esforço de guerra dos franceses foi, porém, consideravelmente intensificado após a libertação de Paris. Daí partiram os franceses para a fronteira da Alemanha, lutando ao lado dos seus camaradas anglo-americanos. Na foto, um grupo de soldados do exército que comanda o general de Tassigny, preparando uma emboscada nas margens do Reno alemão.



24 PARIS SOFRE OS EFEITOS DA GUERRA — Não há lenha, também não há farinha. Estão em pleno inverno. Essa padaria, em cima, continua fechada, e os parisienses devem restringir sua alimentação, já tão restrita em tempo de guerra. Mas os franceses mantêm o espírito forte. E depois do pão a educação é a primeira necessidade do povo, tal o lema da Nova França, que procura o caminho de seu restabelecimento como grande potência. A foto abaixo mostra um aspecto do Congresso Parisiense da Frente Nacional Universitária, presidido pelo reitor Roussy.

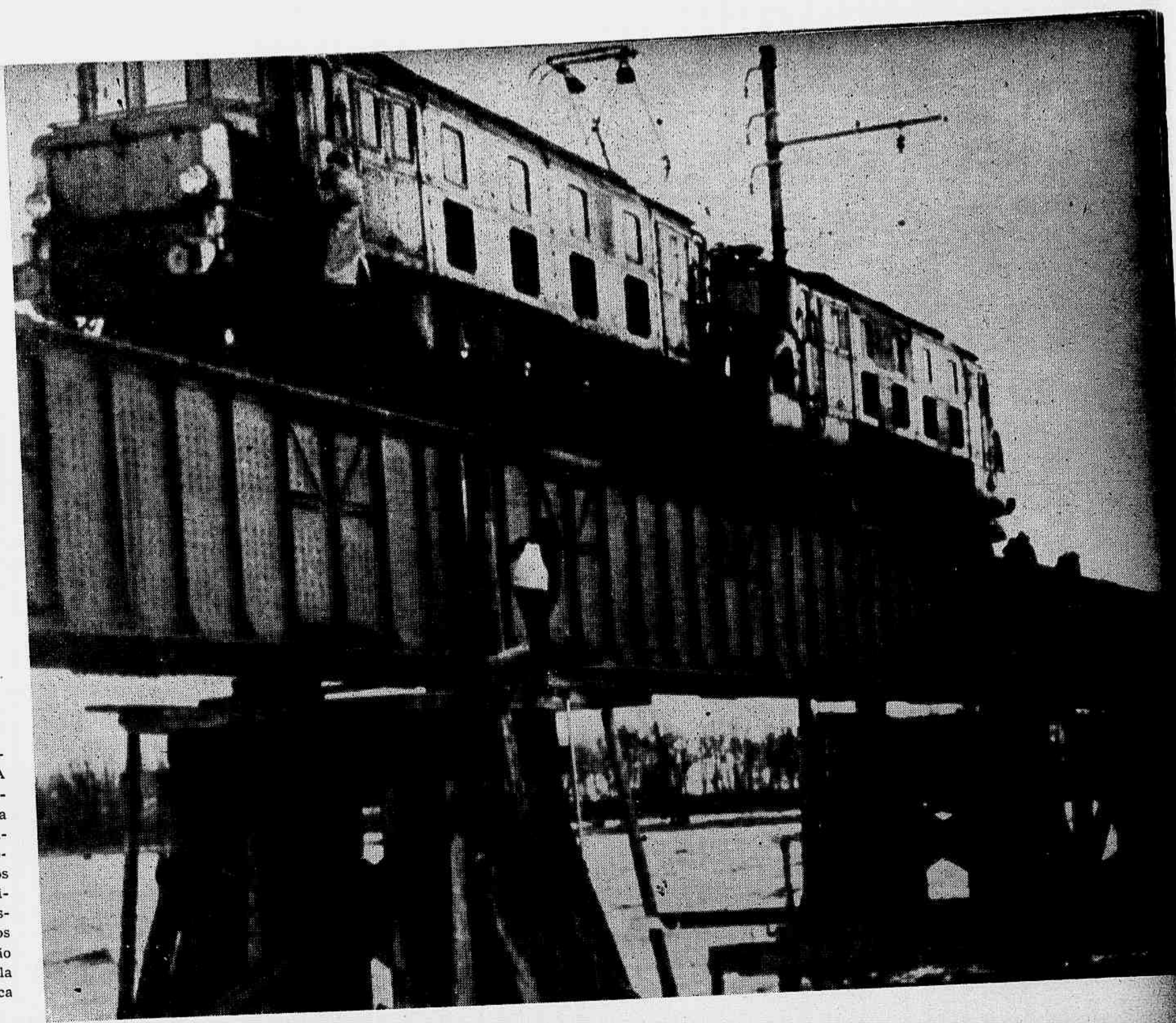


OS HERÓIS FRANCESES DO AR — Um aspecto da chegada a Paris dos pilotos da esquadrilha "Normândia", que, como se sabe, se está enchendo de glória na Rússia desde os primeiros dias da guerra germano-soviética. O coronel Pouyade, comandante do regimento de caças francês que opera na Rússia, saudando os amigos que o esperavam.

DE GAULLE NA ALSACIA — Na viagem que fez à Alsácia libertada, o chefe do governo francês entregou a placa da Grã-Cruz da Legião de Honra ao general Delattre de Tassigny, um dos chefes dos exércitos que libertaram aquela região.

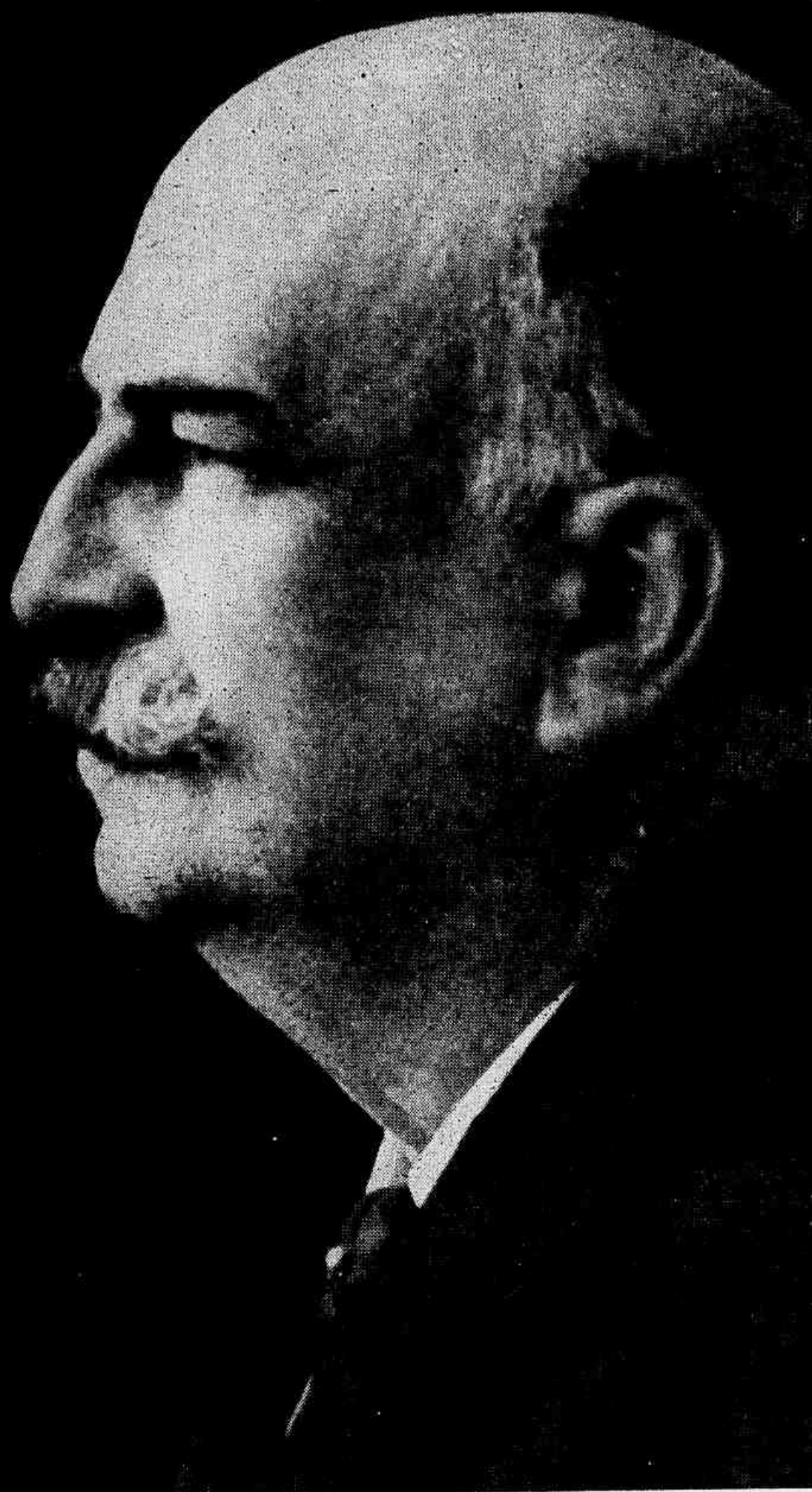


RESTABELECIMENTO
DAS COMUNICAÇÕES
FRANCESAS — A foto
mostra a ponte de Mont-
luis, que atravessa o Loi-
re, na linha de Bordeus,
que foi destruída em
consequência da guerra.
Essa ponte está ao servi-
ço dos transportes nacio-
nais, depois de restabe-
lecida pelos engenheiros
e trabalhadores france-
ses, reduzindo assim de
três horas a viagem en-
tre Paris e Bordeus (Fo-
to do Serviço Francês de
Informação).



LEITE PARA AS CRI-
ANÇAS DE PARIS — A
falta de leite tem se fei-
to sentir na capital da
França. Porém um ra-
cionamento rigoroso co-
loca as criancinhas nos
primeiros postos das fi-
las imensas, que se es-
tendem nos numerosos
centros de distribuição
de leite espalhados pela
cidade, como se verifica
na foto abaixo.





O BARÃO DO RIO BRANCO

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS, visconde do Rio Branco, serviu um só regime, o Imperio, neste só o Segundo Reinado, do modo por que a historia patria sabe.

José Maria da Silva Paranhos Junior, barão do Rio Branco, serviu o Imperio, no seu Segundo Reinado, e a Republica sucessora daquele, à gloria do progenitor ajuntando outra propria e diversa.

Nascido em lar de fé monarchica, educado, encarecido no Imperio, privando com os vultos deste e presenciando-lhe sucessos grandes e honrosos, Rio Branco, chamado a colaborador da Republica, se não julgou por isto obrigado a renegar seu passado e dos seus.

Jamais ocultou reverencia ao que se extinguiu em 1889, ao seu representante magno, o imperador, e a quantos haviam concorrido para o estabelecimento de um Brasil apoiado na força moral, e internacionalmente levado a sério.

Na cruzada civica do passado quem mais podia achar-se junto ao coração de Rio Branco? A lembrança de progenitor. Coube ao filho a entranhada satisfação de ver a imagem do genitor posta em bronze na praça publica.

Depois seria a vez do genito, talvez pressentindo que outro monumento o mostraria, como hoje o mostra, a seus concidadãos, em praça publica de cidade natal.

Ministro do Exterior, por dois lustros e pouco, Rio Branco sempre bem acolheu na sua Secretaria diplomatas e consules, descendentes, sobretudo proximos de notaveis servidores do Imperio ao qual o ligava cadeia de recordações, tudo sem quebra de lealdade ao regime que lhe dava posto de realce.

Combinando apreço pelo antanho e interesse vivo por negocios da Republica, sobretudo de caracter internacional, Rio Branco deu frisante exemplo da desnecessidade de injuriar o antigo Brasil e seus representantes para melhor se recomendar aos da hora que esteja passando.

Significativa é a carta de Floriano Peixoto, em resposta a Rio Branco, ao consultal-o sobre a sua assinatura em papeis officiaes. Por Floriano foi Rio Branco

autorizado a usar neles seu título nobiliarquico, reduzido áquele *Rio Branco*, vistosamente caligrafico, empregado por quem escapara de ser "o cidadão Paranhos" conforme o tratamento official dos primordios da Republica e por esta em boa hora abandonado.

Os Goncourt escreveram que sempre se guarda simpatia ao regime no qual se nasceu e teve mocidade, applicavel o pensamento a Rio Branco.

Rio Branco deu repetidas provas de amar patria, nesta amando particularmente uma sua porção, a Bahia, terra de pae nascido na cidade do Salvador.

O bombardeio de tal cidade, para servir fins politicos, foi golpe ao coração de Rio Branco, o qual se referia ao successo com amargura e, segundo correu, o acontecimento não deixou de apressar-lhe os dias.

Desde muito, desde mocidade, Rio Branco consagra amizade e respeito a illustre bahiano: o senador Joaquim Jeronimo Fernandes da Cunha, mostrada neste a rara união do talento, do carater e do coração competindo em se mostrarem igualmente grandes e realçados por modestia em fim de vida tornada estoicismo.

Os anais parlamentares do Imperio mostram quem foi Fernandes da Cunha na Camara dos Deputados e no Senado, nas duas assembléias orador que ninguem se animava a interromper.

A probidade em pessoa, Fernandes da Cunha nunca utilizou extraordinaria eloquencia para obter proventos e posições. Varias vezes recusou ser ministro, arte recusando o ambicionado cargo de conselheiro de Estado.

De intimas relações com o dr. Antonio José Alves, a pedido deste, Fernandes da Cunha apresentou a José de Alencar o filho de seu amigo, o poeta das *Espumas Fluctuantes*, para que Alencar o apresentasse a Machado de Assis.

"Pontífice da tribuna brasileira", assim Alencar qualificou Fernandes da Cunha, que de estreia na Camara, em 1857, conquistou immediata fama de orador privilegiado, fama jamais obscurecida e de discursos como aquele em que a figura de Landulfo Medrado foi exaltada ou como aquella outra oração que tanto impressionou um emulo na oratoria, Salles Torres, Timandro ainda não Inhomirim.

Insurgio-se Fernandes da Cunha contra o governo que aposentara magistrados. Ao verberar poder, o orador censurou o ministro autor do ato, com tal força de palavra, com tal autoridade, com tanta argumentação que a pena de Torres Homem para dar-nos ideia da cena parlamentar só achou as seguintes expressões: "O gabinete, tomado de subito e estranho temor, deu a impressão de que em precipitada fuga largara as pastas."

A natureza dotára ricamente Fernandes da Cunha para orador. Deu-lhe presença agradável, voz bem timbrada, fluencia oratoria sem prejuizo de dicção, não lhe faltando autoridade para dizer, louvar, censurar numa vida de atos a confirmaram palavras.

Quem um dia se propuzer a biografar de miúdo o senador Fernandes da Cunha, num livro de honra para o Brasil, ha de saber por que Rio Branco tanto considerava o bahiano que terra natal ainda não consagrou como merece.

Na intelligencia, no coração, no carater foram também subidos os meritos de outro bahiano, o dr. Joaquim Jeronimo Fernandes da Cunha Filho, que, honrando crenças paternas, na presidencia Floriano, recusou ser ministro do Supremo Tribunal Federal.

Em 1889, no Rio de Janeiro, o *Diario de Noticias* servio de tribuna ao combate contra o Imperio. Naquele jornal escrevia Ruy Barbosa, a este se opondo o senador Fernandes da Cunha, o contraditor à altura do acusador.

Ao proclamar-se a Republica vio-se Fernandes da Cunha, por morte da esposa, privado de comparecer à ultima sessão do Senado, tão anodina; Taunay o lamentou em *Algumas Verdades*, opusculo dedicado Aos Estudiosos do Futuro.

Referindo-se à derradeira sessão da Camara vitalicia do Imperio, na qual representava Santa Catarina, Taunay, pungido pela gelida attitude do Senado ante os successos de 15 de Novembro de 89, condenou aquella attitude:

"Ahl Faltou-nos, faltou-nos Fernandes da Cunha, que depois lavrou um dos mais bellos documentos da dignidade brasileira, faltou-nos o seu verbo inflammado, a sua fibra capaz das mais fulgurantes repulsas.

Honra eterna ao velho filho da Bahia!"

Taunay só louvou justamente.

Uma amostra do louvado. Ao proclamar-se a Republica, Fernandes da Cunha vio-se privado do subsidio senatorial, pago só durante quatro mezes, a razão de setenta e cinco mil réis diarios.

Em 1889 ficou pauperrimo. Recolheu-se à fazenda de um dos seus, no Rio do Ouro, zona fluminense de Maricá. No afastado sitio Fernandes da Cunha teve noticia de imprensa. Divulgava ato do Governo Provisorio concedendo a pensão de quinhentos mil réis mensais a quatro ex-senadores do Imperio, um deles Fernandes da Cunha.

Recusando favor não impetrado, Fernandes da Cunha lavra immediato protesto e firma documento motivando recusa.

Da altivez desta bastam para exemplo estas linhas:

"Para a resolução que me dicta a consciencia e me impõe a honra não preciso saber mais. Rejeito a graça e, salvo a intenção, reputo-a como afronta e como ultraje à minha obscura pessoa e à minha pobreza honrada.

Não a acceitaria da Monarchia Constitucional, quanto mais da Republica Dictatorial. *Non possumus*."

Tal o homem cuja presença era reclamada para lavar um protesto contra o fechamento do Senado, Fernandes da Cunha dele ausente pelo falecimento de sua sesposa, em Niteroi.

(Continua na página 54)

O SENADOR FERNANDES DA CUNHA.



COUSAS NÃO DITAS

FERNANDES DA CUNHA e RIO BRANCO

Por ESCRAGNOLLE DORIA



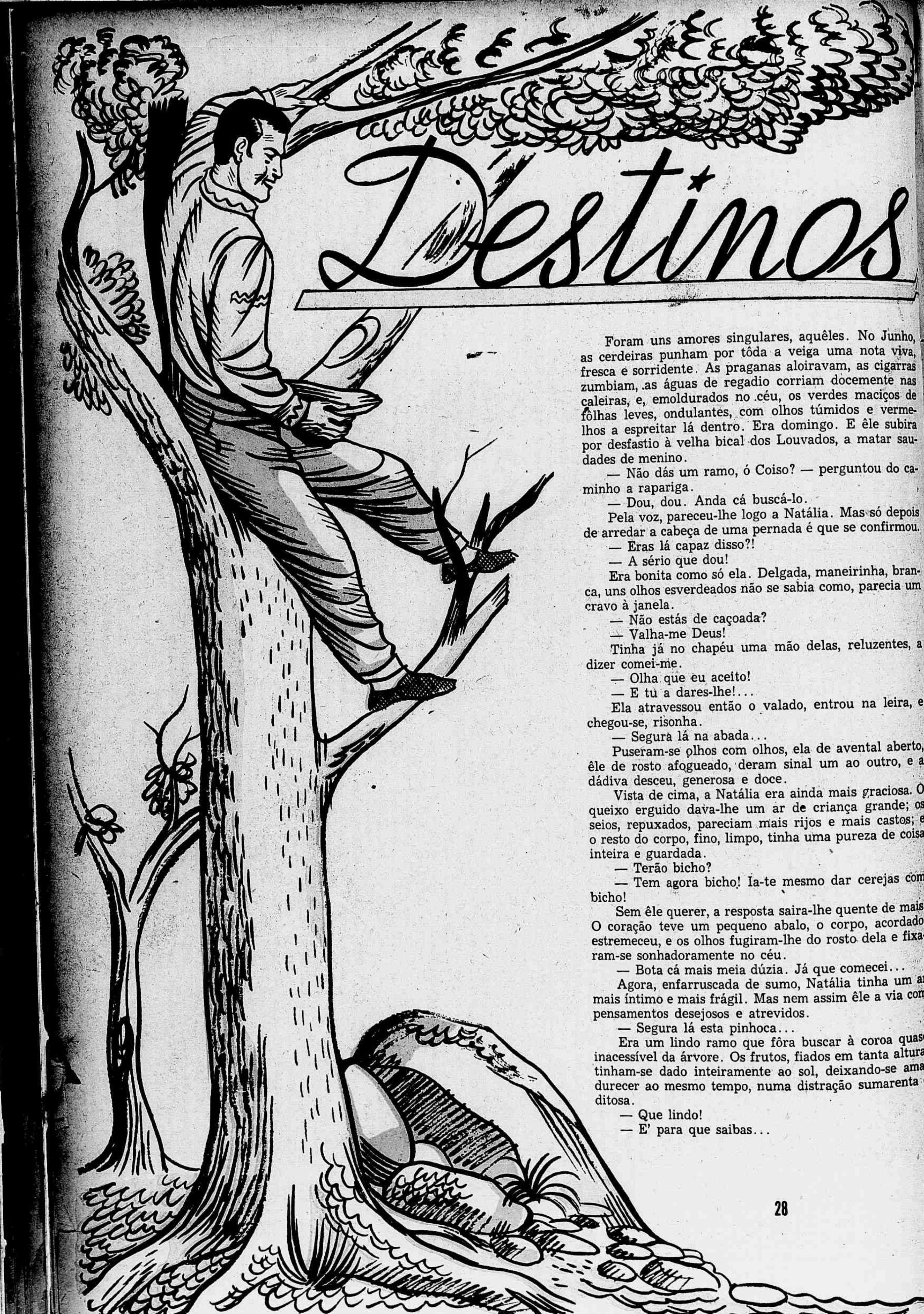
LUBOV ROUDENKO (Columbia)

Mesmo nos bastidores femininos os rumores dos grandes acontecimentos e das efemérides da semana chegam e provocam as naturais reações na Mulher. E que semana bem vivida, esta que agora vai encerrar-se! Culminou com o infausto passamento de Franklin Delano Roosevelt, o homem que era muito mais que um Chefe da Nação, por ser um

paladino da Humanidade. Teve momentos de grande entusiasmo cívico, com as vizinhanças do centenário do nascimento do Barão do Rio Branco, outro vulto de inapagável importância no cenário do nosso continente. E, como se não bastassem esses dois magnos acontecimentos, houve ainda o curso natural da guerra, agora vertiginosamente a caminho da meta final, com as vizinhanças da Vitória definitiva e o esmagamento "total do totalitarismo"...

Claro que todos esses assuntos interessam muito de perto aos bastidores femininos. Porque deles participamos nós, mulheres, que tão de perto acompanhamos as angústias e os sofrimentos da geração atual, e cujos reflexos de dor, não raro, chegam até nós.

Nos bastidores femininos



Destinos

Foram uns amores singulares, aquêles. No Junho, as cerdeiras punham por tôda a veiga uma nota viva, fresca e sorridente. As praganas aloiravam, as cigarras zumbiam, as águas de regadio corriam docemente nas caleiras, e, emoldurados no céu, os verdes maciços de folhas leves, ondulantês, com olhos túmidos e vermelhos a espreitar lá dentro. Era domingo. E êle subira por desfastio à velha bical dos Louvados, a matar saudades de menino.

— Não dás um ramo, ó Coiso? — perguntou do caminho a rapariga.

— Dou, dou. Anda cá buscá-lo.

Pela voz, pareceu-lhe logo a Natália. Mas só depois de arredar a cabeça de uma pernada é que se confirmou.

— Eras lá capaz disso?!

— A sério que dou!

Era bonita como só ela. Delgada, maneirinha, branca, uns olhos esverdeados não se sabia como, parecia um cravo à janela.

— Não estás de caçoadá?

— Valha-me Deus!

Tinha já no chapéu uma mão delas, reluzentes, a dizer comei-me.

— Olha que eu aceito!

— E tu a dares-lhe!...

Ela atravessou então o valado, entrou na leira, e chegou-se, risonha.

— Segura lá na abada...

Puseram-se olhos com olhos, ela de avental aberto, êle de rosto afogueado, deram sinal um ao outro, e a dádiva desceu, generosa e doce.

Vista de cima, a Natália era ainda mais graciosa. O queixo erguido dava-lhe um ar de criança grande; os seios, repuxados, pareciam mais rijos e mais castos; e o resto do corpo, fino, limpo, tinha uma pureza de coisa inteira e guardada.

— Terão bicho?

— Tem agora bicho! Ia-te mesmo dar cerejas com bicho!

Sem êle querer, a resposta saíra-lhe quente de mais. O coração teve um pequeno abalo, o corpo, acordado, estremeceu, e os olhos fugiram-lhe do rosto dela e fixaram-se sonhadoramente no céu.

— Bota cá mais meia dúzia. Já que comecei...

Agora, enfarruscada de sumo, Natália tinha um ar mais íntimo e mais frágil. Mas nem assim êle a via com pensamentos desejosos e atrevidos.

— Segura lá esta pinhoca...

Era um lindo ramo que fôra buscar à coroa quase inacessível da árvore. Os frutos, fiados em tanta altura, tinham-se dado inteiramente ao sol, deixando-se amadurecer ao mesmo tempo, numa distração sumarenta e ditosa.

— Que lindo!

— E' para que saibas...

Estavam outra vez de olhos nos olhos, e se ela não dá um grito de aviso, êle vinha parar ao chão. Naquele enlêvo, tinha-se esquecido do lugar onde estava.

— Queres mais?

— Não, bem hajas...

Pôs-se logo a descer, um pouco atarantado por lhe faltarem já as palavras que lhe havia de dizer cá na terra. Mas, entretanto, ela escapulira-se.

— Adeus!...

O namôro, contudo, tinha começado. Sem nunca falarem daquela tarde, sabiam ambos que se amavam e que fôra a velha cerdeira bical que aproximara os seus corações. Somente, êle era uma natureza particular, incapaz de um ato rasgado e levado ao fim.

Falavam ao fechar da tarde, quando a fresca do anoitecer aligeirava o cansaço das cavas, sem que ninguém reparasse, pois a povoação aceitara já aquela união como uma coisa natural e feliz — e o rapaz ainda a meio do caminho, indeciso e atarantado.

— Que diz a mãe? — perguntava êle à pobre Teodósia, que não via outra coisa na vida senão a felicidade do filho.

— Eu gosto dela... E' boa rapariga, é limpa, é jeitosa...

— Lá isso...

Dizia, e ficava-se calado, a sonhar de felicidade e de hesitação.

— Fala à gente!

Era sempre a Natália a começar, como no dia das cerejas. O coração dêle, por mais que fizesse, não se atrevia ao primeiro passo. Só quando a rapariga quebrava a distância é que se abria num contentamento sem medida, tonto e novo como um cabrito. Mas nunca passava de coisas vagas e enternecidas. O concreto afigurava-se-lhe um abismo sem ar.

— Ainda não lhe falaste em nada? — indagava a Teodósia, insofrida.

— Não. Mas amanhã...

— Ou queres tu antes que eu lhe diga...?

— Era melhor! Valha-a Nossa Senhora. Isso até era uma vergonha!

Lá conhecer os pontos de honra de um homem, conhecia-os êle. A coragem é que não chegava às alturas do entendimento.

Infelizmente, a vida não podia parar naquela lírica indecisão. Os meses passavam, as fôlhas caíam, e outros renovos vinham povoar a terra.

— O João Neca esperou-me ontem à entrada do povo, e à fina fôrça quis-me falar... — começou a Natália, à vinda da missa.

— E que te queria êle? — perguntou o rapaz, com o sangue a subir-lhe à cara.

— Namôro — deixou cair ela, com melancolia.

Era justamente altura de êle lhe dizer tudo, que morria por ela, que a queria para mulher, que não seria nada no mundo sem os seus olhos verdes ao lado. Mas ainda desta vez o ânimo lhe faltou.

— Bem, tu é que vês... Êle não é mau rapaz...

Sabia que lhe rasgava o coração com estas palavras, porque ela o amava desde o primeiro dia. A boca é que não era capaz doutra coisa.

— Eu queria cá um farçola daqueles! Estou muito bem assim...

Puras palavras de desespero. Tanto ela, que despeitada as dizia, como êle, que culpado as escutava, sabiam que eram o fruto de uma revolta impotente e destinada a morrer.

A pobre Teodósia é que lutava às claras. E dias depois já estava a picar o filho:

— Sabes o que me disseram hoje na fonte?

(Continua na pág. 54)

Conto de MIGUEL TORGA

DESENHO DE
JOSÉ ANTONIO



Ela foi classificada a mais alta e graciosa "estrela" de Hollywood. Pertence aos estúdios da Columbia e chama-se Jinx Falkenburg. Ainda recentemente foi vista constituindo um sucesso de tecnicolor para se impor pelos seus encantos. Eles realçam mesmo em preto-e-branco. Mas seu realce é muito mais pronunciado nos trajes paradisíacos em que a vemos espreguiçando-se nas areias brancas e imaculadas, nação, por excelência, de garota tropical. Tropicalíssima... E se um dia, de inesperado, sua estatura desenvolta aparecer espreguiçando-se nas areias brancas e imaculadas, não faltará quem grite: "Olha a boocooa...". Muito boa, por sinal.



Modelos", mas não carece
Falkenburg faz jús á denomi-
ção, mesmo que as ondas estejam







A encantadora Deanna Durbin nos apresenta este modelo, feito em pesado crepe verde. A blusa e a saia são drapeadas para um lado, formando interessante "movimento". Notem que esse movimento termina em "cascata". Um bonito clipe dá graça ao original decote.



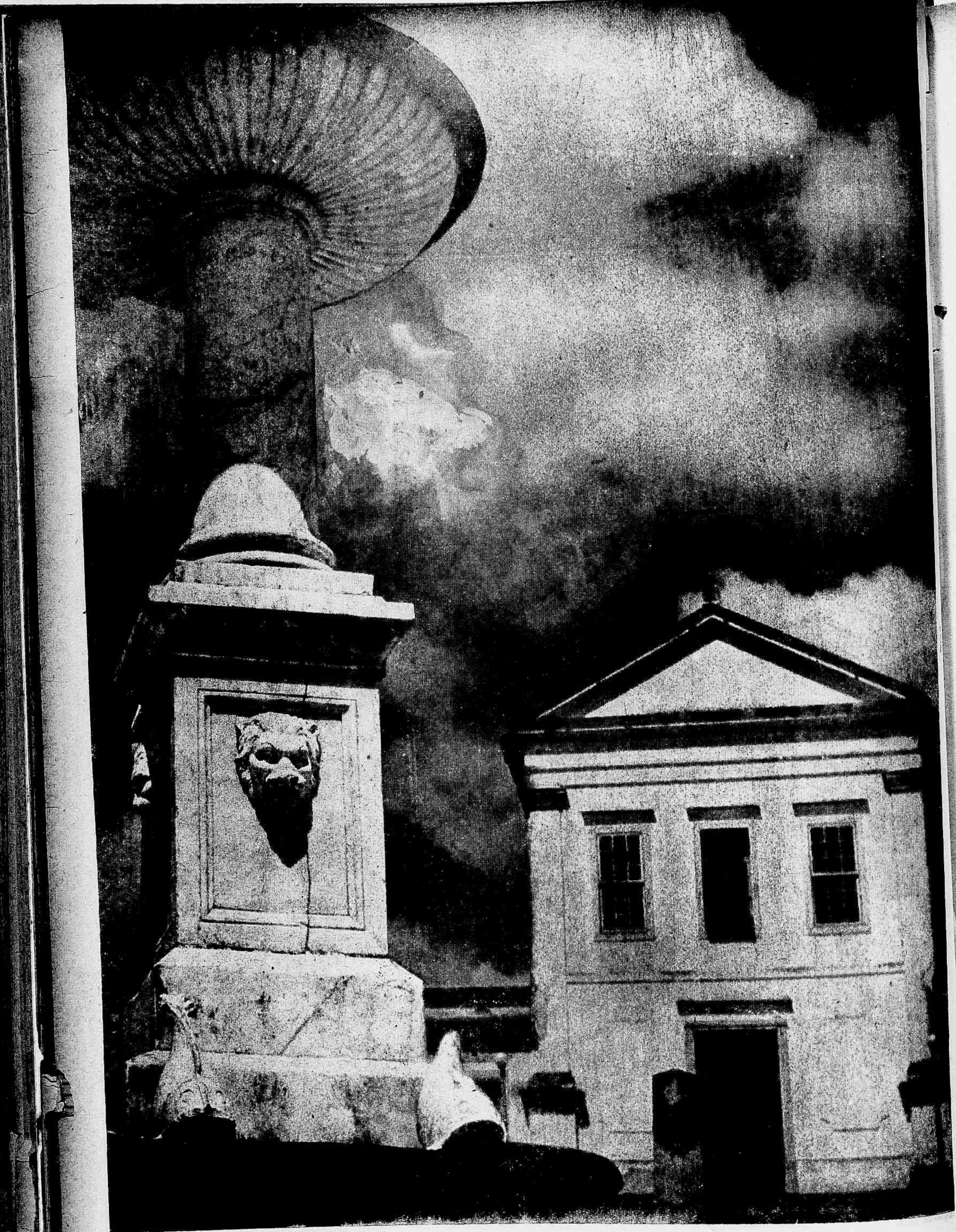
À esquerda:

Um gracioso traje esporte, apresentado por Suzana Foster. A saia é de lã escocesa em tons vivos, e a blusa em camurça vermelha. Miss Foster dá ao seu traje um toque feminino usando um clipe na gola da "sweater".

À direita:

Deslumbrante, sem dúvida, é esse modelo para a noite, usado por Deanna Durbin. É feito em tafetá preto com "pois", também pretos. A saia é "godet" dos lados para trás, e cortada reta na frente. Um grande laço de tafetá é colocado atrás, arrematando a cintura. Sobre um ombro flores de tafetá, também preto (Fotos Universal).

**FIGURINOS
DA SEMANA**



Rio Bonito é um recanto da terra fluminense onde tudo é verde e brilhante. A cidade, mínima na sua estrutura e linda no seu traçado pitoresco, é como um enfeite plantado num jardim paradisíaco. Em torno erguem-se as colinas verdejantes e estendem-se os vales férteis; pasta o gado, rêdio e manso, pondo manchas multicores sôbre o verde-escuro da paisagem. Do centro da cidade, por todos os

COISAS DO BRASIL

lados, descortina-se uma vista poética e deslumbrante. Uma das notas mais belas da cidade é, sem dúvida, a visão da igreja de Nossa Senhora da Conceição, edificada na praça Fonseca Portela, um maravilhoso jardim público, ao centro do qual se ergue um repuxo colonial dominando os cantos floridos. E' este o aspecto que a câmara fixou e que a gravura acima reproduz.

Ao al
nosso
-que a



Ao alto, três ases do rádio reunidos numa comemoração íntima: Bentinho, Alvarenga e Stela Gil, em companhia do nosso confrade Alarico Lisboa, por ocasião do aniversário de Alvarenga. À direita, a festejada rádio-atriz Tina Vita, que agora vem marcando, aos domingos, excelentes "performances" em "Cine-Rádio Teatro" da PRE-3. Em baixo, o locutor Manuel Brandão, da mesma emissora, onde apresenta com sucesso o "Bazar de Emoções".

De rádio

FLAGRANTES RADIOFÔNICOS

DJALMA MACIEL

Do caderno de impressões de um amigo meu, ouvinte de rádio — e ouvinte inteligente, lavado por dentro — destaco estes períodos de fato preciosos, caracterizando perfeitamente a mentalidade do nosso meio de ondas longas:

"Mostraram-me, há dias, numa confeitaria da Cinelândia, o sr. Luiz de Carvalho, locutor da Rádio Globo, que durante algum tempo escutei pela onda vespertina da antiga Educadora. Observei-o meia hora e não o vi sério nem cinco minutos. E como tem dentes o rapaz!"

"A coisa foi triste, mas não me decepcionou. Já me acostumei a ser artisticamente desiludido pelo rádio. Com todo o seu arquivo, seus informantes, seu método de coligir dados para os programas da Nacional, Almirante, assomando ao microfone, naquele dia, despejou uma catarata de tolices sobre os direitos autorais do "Luar do Sertão"! Talvez com o intuito desonesto de provocar uma celeuma de microfone, pela inevitável resposta de Catulo. Ou teria, mesmo, falado com a intenção de dar um "furo", mostrando-se ignorante de fato conhecidíssimo: — que a música da célebre canção brasileira é um motivo folclórico, simplesmente estilizado por João Pernambuco."

"No ônibus de Lins e Vasconcelos entra um sujeito de fisionomia vulgar e senta-se na vaga do banco, ao meu lado. Tresanda a perfume de violetas e leva enrolado, na mão, uma "parte" de piano. Duas gasquinhas, que vão à frente, olham muito interessadas. O trocador atende-o com o ar paspalhão de um garçon do Olimpo servindo, lisonjeado, a mesa dos deuses. O outro, sentindo-se querido, abre a música e faz que está lendo, enquanto marca compassos arbitrários com os dedos manicurados sobre a perna. Desce em Vila Isabel e o pacovio do trocador, sem que eu lhe perguntasse, vem me dizer, como quem avisa a um pobretão que foi premiado com a sorte grande:

— E' mesmo o "tal", hein?! O Gilberto Alves!...

E sigo viagem, pensando que ninguém me acreditaria, naquele ônibus, se eu contasse que li, há tempos, em uma revista: Gilberto Alves não sabe, sequer, distinguir a clave de Fa da de Sol."

"Todos os dias eu tomava o elevador daquele "arranha-céu" para ir ao médico, no 11.º andar. E me admirava do seguinte: enchia-se o ascensor de tipos de aspectos os mais heterogêneos. Em determinado andar saíam tôdas as caras de catagestes. De uma feita resolvi sair, também, para verificar, por curiosidade, o que havia de extraordinário naquela altura. Escola de capoeira? Clube de "Leões da Chácara"? Escritório de advogado de porta de xadrez? Nada disto. Era uma estação de rádio!"

Aiô... Aiô...

Arnaldo Sampaio, novo diretor artístico da Rede Fluminense de Broadcasting, pretende introduzir grandes melhoramentos nas transmissões das emissoras daquela cadeia radiofônica, enxertando-as com elementos de valor dos programas cariocas. Assim, já lá estão Berliet Junior, Manezinho Araujo, Nelson Gonçalves e muitos outros.



Itália, com a F. E. B. — Aqui chegou uma incrível notícia procedente não se sabe donde. Os feridos não estariam merecendo o devido tratamento e os mortos seriam enterrados em vala comum. O general Souza Ferreira, chefe do Serviço de Saúde do Exército, com quem estivemos num Hospital de Campanha, dirá melhor do que nós quando aí regressar. As fotografias que estamos enviando dispensam qualquer comentário.

Quando os brasileiros estiveram lutando na região de Garfagnana e no Serchio, na primeira fase da campanha, os sepultamentos foram feitos no cemitério americano de Vada, com sacrifícios inauditos por dificuldades de transporte entre o posto de coleta em Diecimo. A evacuação dos mortos tinha que fazer-se através uma distância de 180 a 200 quilômetros. Com a mudança da frente de combate para o vale do Reno a situação se agravou muito mais, porque a distância aumentou de quase o dobro, passando a ser, aproximadamente, de 360 quilômetros. A primeira fase do Pelotão de Sepultamento resumiu-se principalmente na assimilação da técnica a ser empregada, tendo o respectivo pessoal estagiado para esse fim nos cemitérios e postos de coleta americanos. Lutando de início com as dificuldades naturais da própria organização, nosso pessoal venceu com esforço e dedicação, apresentando hoje um serviço perfeito de evacuação e sepultamento dos mortos. Acresce que enquanto não se construiu o Cemitério Militar Brasileiro todos os documentos, relatórios de sepultamento, estiveram a cargo da administração do cemitério americano — e isto bastava para não se dar crédito à infâmia.

Os brasileiros devem estar reconhecidos ao coronel Warren, chefe do serviço americano de sepultamento. Por designação sua, o capitão Steven F. Capasso, do serviço de engenharia, realizou na região de Pistoia o reconhecimento do terreno pró-

A UNICA TERRA

prio para o fim a que se destinava. A condição principal para satisfazer aquela finalidade é não existir lençol d'água, pelo menos a 1m,50 de profundidade, o que se tornou difícil trabalho em virtude da região de Pistoia ser planície e toda ela muito baixa. Auxiliado por dois sargentos da nossa Engenharia, o técnico americano fez o levantamento topográfico e as primeiras demarcações de pedras para abertura de sepulturas — num terreno à margem da estrada de Gandeglia.

No dia 2 de dezembro de 1944 foi instalado, na dita estrada, próximo da igreja de San Rocco, num recanto, o Cemitério Militar Brasileiro, na região de Pistoia, dispondo de quatro quadras para brasileiros e duas quadras para inimigos, representadas, respectivamente, pelas letras ABCD e A1 e B2.

Nos portais da entrada principal do cemitério, dois ciprestes. A cerca de muros de castanheiro e arame farpado é toda branca. Em lugar de honra, à frente, sobre um pedestal, num mastro com aproximadamente 12 metros de altura, a nossa bandeira — pedestal e mastro também pintados de branco. As ruas são demarcadas com placas pavimentadas com pedras e a superfície recoberta com seixos.

O ajardinamento estará completado dentro em breve. Cerca de sebe viva, de "bossolo", com 1m,30 de altura, em volta do cemitério. Circulando os canteiros, uma sebe viva com 0,25 de altura, intercalando-se de dois em dois metros, uma cúpula de ficus com 0,35. Nos ângulos de cada canteiro pirâmides de ficus com 1m,10 de altura. Todos os canteiros são gramados, deixando-se simetricamente, na linha do centro, outros canteiros menores e circulares contendo flores de diversas qualidades.

O Cemitério Militar Brasileiro em Pistoia é administrado pelo pessoal do Pelotão de Sepultamento, assim constituído, além de dois oficiais do Serviço de Saúde: comandante, 1.º tenente Lafayette Vargas Moreira Brasileiro; 2.º tenente Copernico de Arruda Cordeiro; capelão, padre Noé Pereira; 2.º sargento Hiran Soley; 3.ºs sargentos Ivolim Alves Monteiro, Geraldo Colombo de Andrade, Antonevton Arinilli Herdia, Gabriel Mendes da Cunha, Luiz Mateus de Souza, Geraldo Rodrigues Teixeira; soldados Enio Espagnuolo, Mateus Honorato, Geraldo Avelino da Silva, Artur Vieira da Fonseca, Waldemar Candido Marques, Manuel Tobies Godoy, Byszar Seixas, Geraldo Grizendi, Geraldo Alvarenga Nascimento, Sebastião Alves Campos, Valdevino José da Silva, Claudio Dias Maciel, Darcy Aquino, José da Silva Velho, Eduardo Montovani, Herminio Silva, José Pata, Dinarte Antunes Moreira, Reginaldo Correia da Silva, David Braga, Belizario Maciel da Costa, José Benedito Filho. Na gravura o corneteiro Norival da Silva.

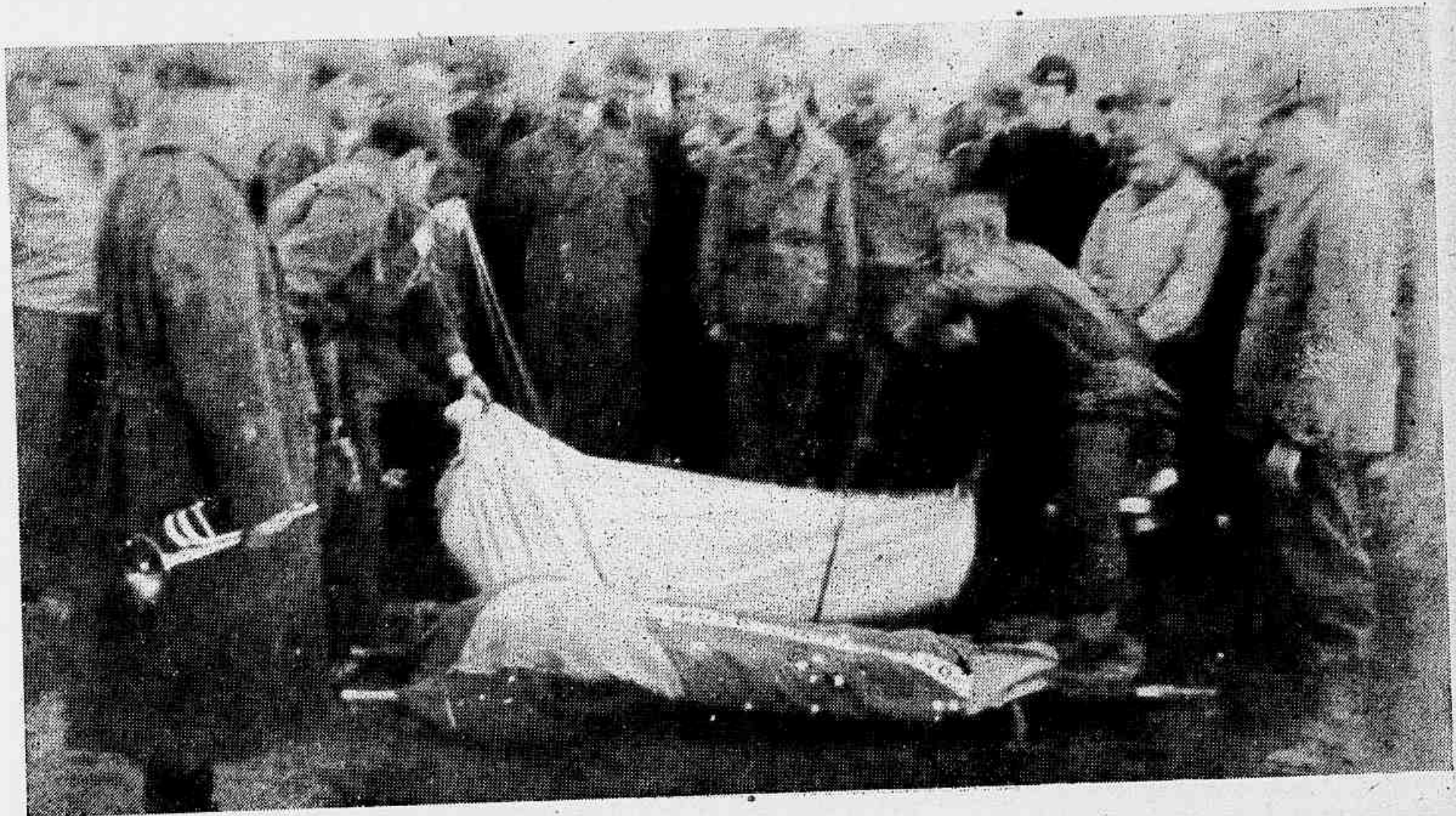
H. Coêlho
Fot. F. E. B.
1945-

Em torno de um semi-círculo que envolve o mastro da bandeira será escrito, também com fucus, a palavra "Brasil".

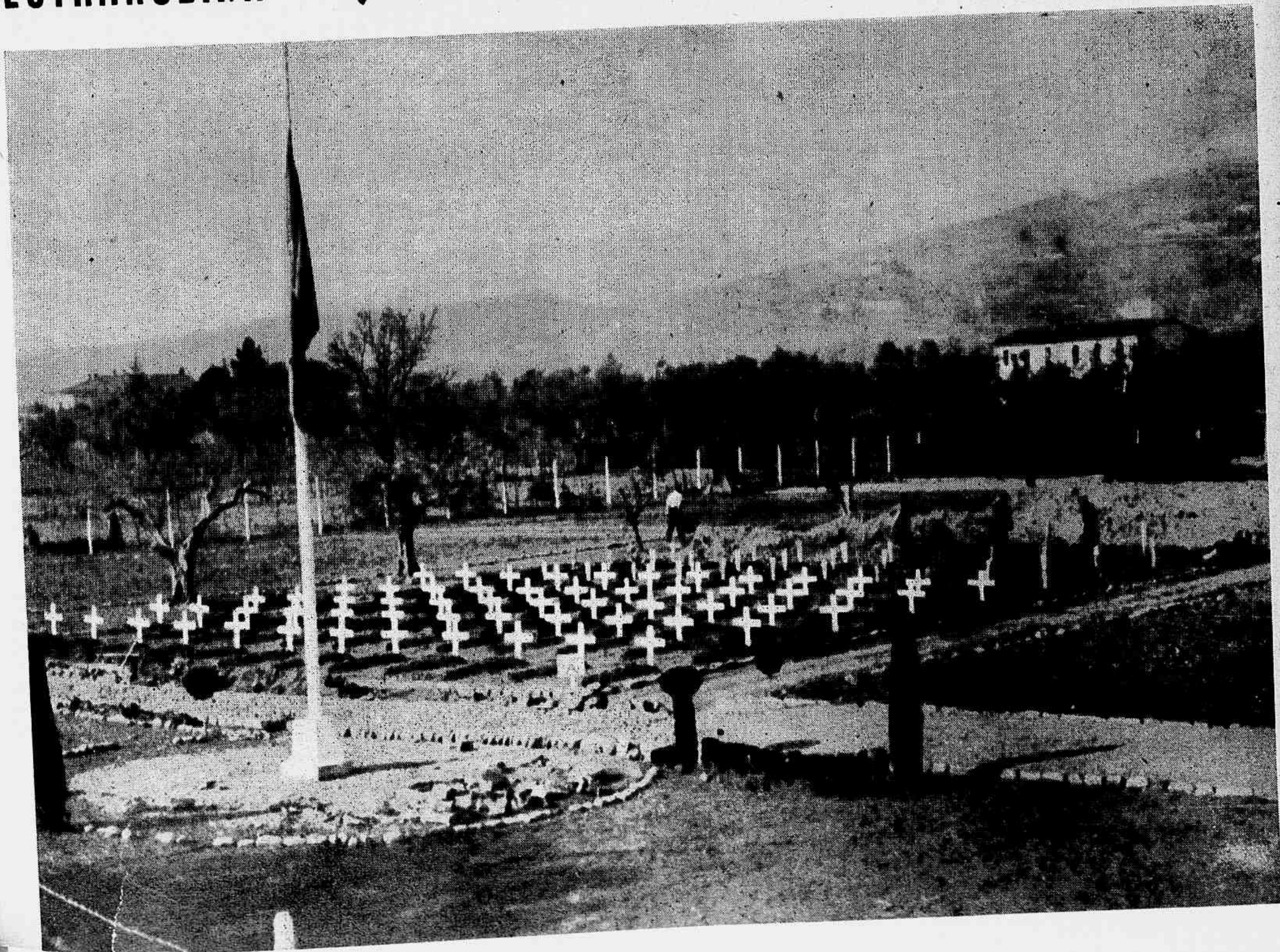
O corpo recolhido no campo da luta é primeiramente transportado para um dos "postos de coleta" e daí para o cemitério, onde, até o sepultamento, fica depositado em local abrigado, sobre cavaletes de madeira. As padiolas são colocadas no chão. O corpo permanece todo o tempo envolto pelo pavilhão nacional. Os médicos procedem a exame, e o pessoal competente faz minuciosa identificação e inventário dos objetos pessoais, os quais são reunidos numa bolsa especial. Todos os dados e informações a respeito do morto constam num relatório de sepultamento: atestado de óbito, com discriminação da "causa-moris". O fichário do cemitério é feito por quadros e sepulturas, contendo cada ficha todos os dados referentes ao morto.

COMO SÃO ENTERRADOS OS NOSSOS BRAVOS — O CERIMONIAL — O capelão militar efetua o ritual religioso. O pessoal do pelotão, em forma, conduz o corpo à sepultura — a eterna verdade da morte. Retira-se a bandeira nacional que o encobre, e a um sinal de comando o clarim soa o toque de "Silêncio". Todos se perfilam e prestam a última continência ao camarada tombado no cumprimento do dever. O toque lúgubre é relutado com uma surdina — dura cerca de 2 e meio minutos. Depois... Depois? A terra, o silêncio, a glória!

O ilustre embaixador Mauricio Nabuco, visitando o Cemitério Militar Brasileiro, pronunciou estas eloquentes palavras: "Estou emocionado ao contemplar a única terra estrangeira que os brasileiros conquistaram: um Campo Santo".



ESTRANGEIRA QUE OS BRASILEIROS CONQUISTARAM





O jornalista Osorio Borba em palestra com o sr. Lima Cavalcanti, ex-interventor em Pernambuco e ex-embaixador brasileiro em Cuba.



Parte da assistência, vendo-se os srs. João Mangabeira, Afonso Arinos de Melo Franco, Miguel Timponi e Miguel Costa Filho



O sr. José Augusto em palestra com outras figuras de destaque, antes de ser aberta a sessão.



Ao lado do sr. Ademar de Barros tomou assento o sr. Roberto Simonsen, como se vê na gravura superior.



Ao sr. Pedro Aleixo coube a presidência da mesa. Este flagrante foi apanhado quando o ex-presidente da Câmara pronunciava a sua oração.



Neste flagrante da assistência o fotógrafo conseguiu reunir os srs. Luiz Aranha e Maurício de Lacerda, de par com outras figuras proeminentes.



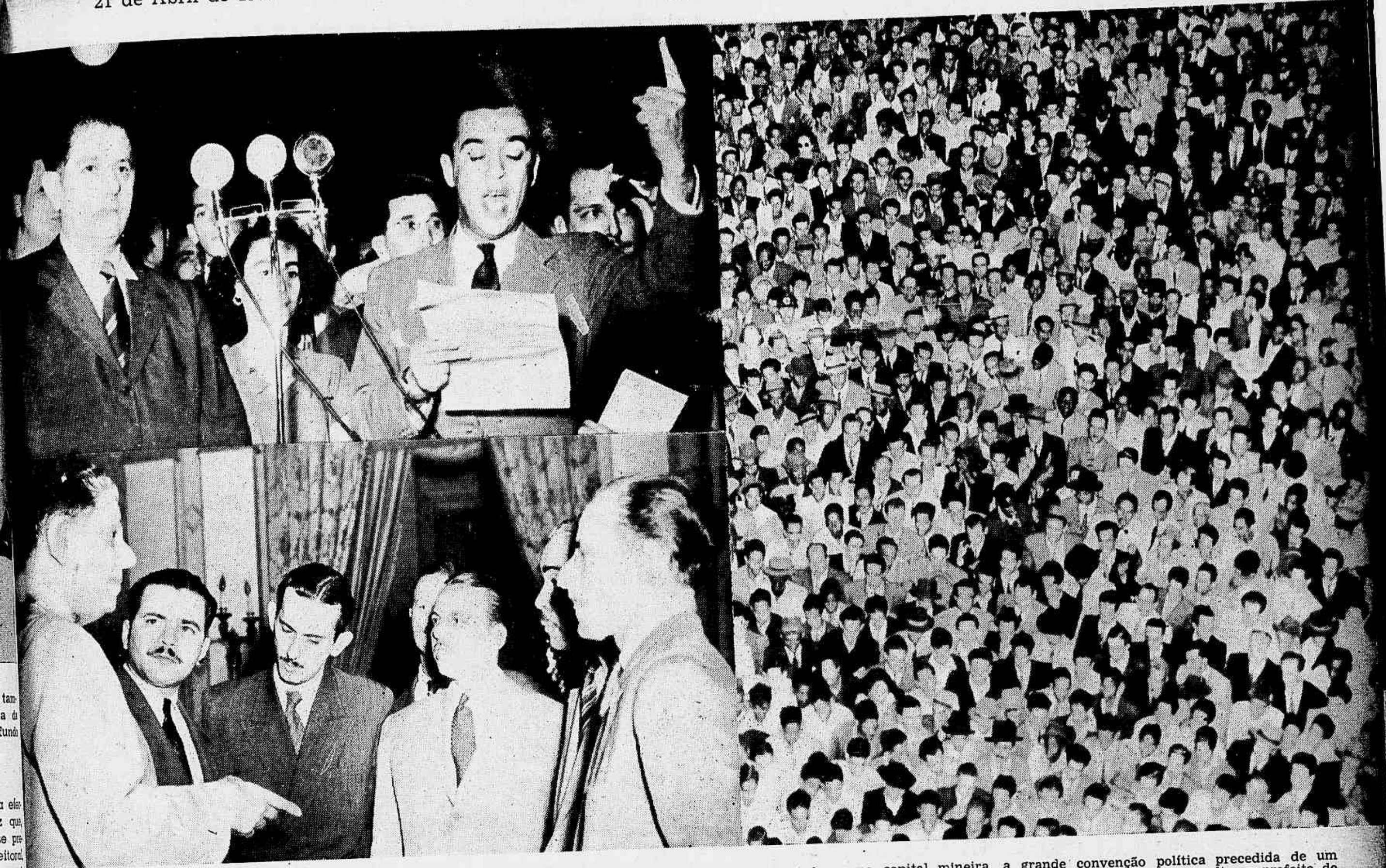
D. Carlota de Queiroz, ex-parlamentar, também compareceu à sessão preparatória da Convenção das Oposições Coligadas. Ao fundo o sr. Raul Fernandes.

Continua o momento político em plena efervescência. O transcorrer dos dias faz que de ambos os lados, nos partidos que se preparam para terçar armas na cruzada eleitoral, se intensifiquem os acontecimentos, dos quais procuramos dar aos leitores o conveniente registro. Nossa documentação fotográfica das "figuras e fatos" da semana presa às reuniões populares, às convenções e aos demais movimentos que se processam, vale pela crônica ilustrada de uma época das mais palpitantes que o Brasil ainda viveu. Tem este registro de sair com o inevitável atraso de uma publicação feita com a necessária antecedência, como todas as do mesmo gênero, mas de qualquer modo procura a REVISTA DA SEMANA ficar em dia com essas ocorrências.

FIGURAS E FATOS

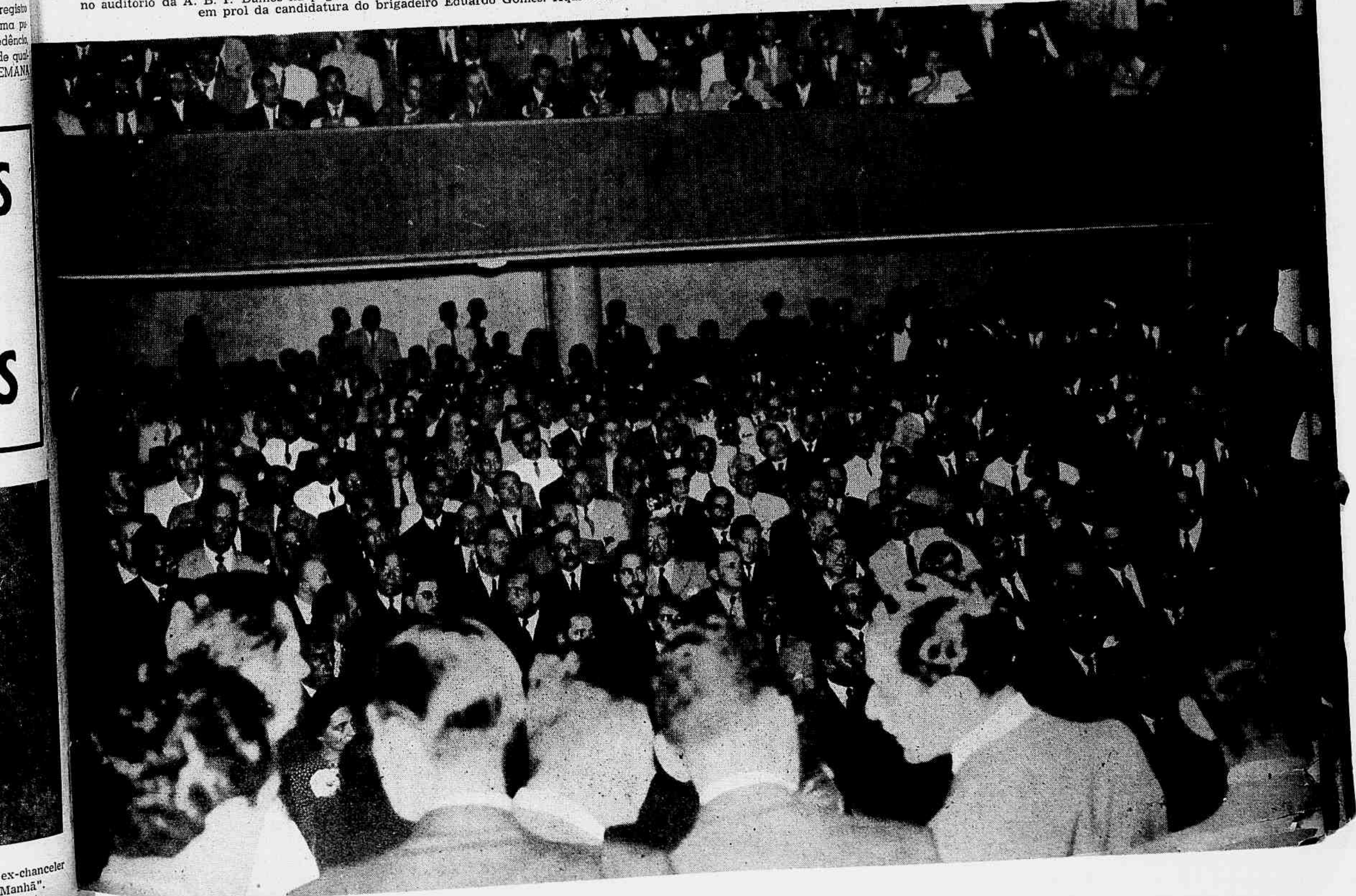


Assentado entre os demais políticos que assistiam aos trabalhos da sessão preparatória, estava o ex-chanceler Oswaldo Aranha, tendo ao lado o dr. Paulo Bitencourt, diretor proprietário do "Correio da Manhã".



O MOMENTO POLÍTICO EM BELO HORIZONTE — Domingo, 8, realizou-se no Estádio Benedito Valadares, na capital mineira, a grande convenção política precedida de um comício em prol da candidatura oficial, solenidades às quais compareceram os representantes dos 316 municípios do Estado de Minas. Na gravura à direita, ao alto, o prefeito de Belo Horizonte, sr. Juscelino Kubitschek, quando saudava o governador Benedito Valadares. Em baixo s. excia. recebendo um grupo de amigos no Palácio da Liberdade, e à direita um flagrante da aglomeração popular ouvindo os oradores.

NO AUDITÓRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA — A Convenção das Oposições Coligadas teve uma sessão preparatória na noite de 7 do corrente, que se realizou no auditório da A. B. I. Damos na página ao lado vários flagrantes dessa ocorrência, com aspectos apanhados, isoladamente e em conjunto, dos participantes daquela reunião política em prol da candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes. Aqui está, no "cl ché" abaixo, um aspecto da assistência, que foi realmente numerosa.





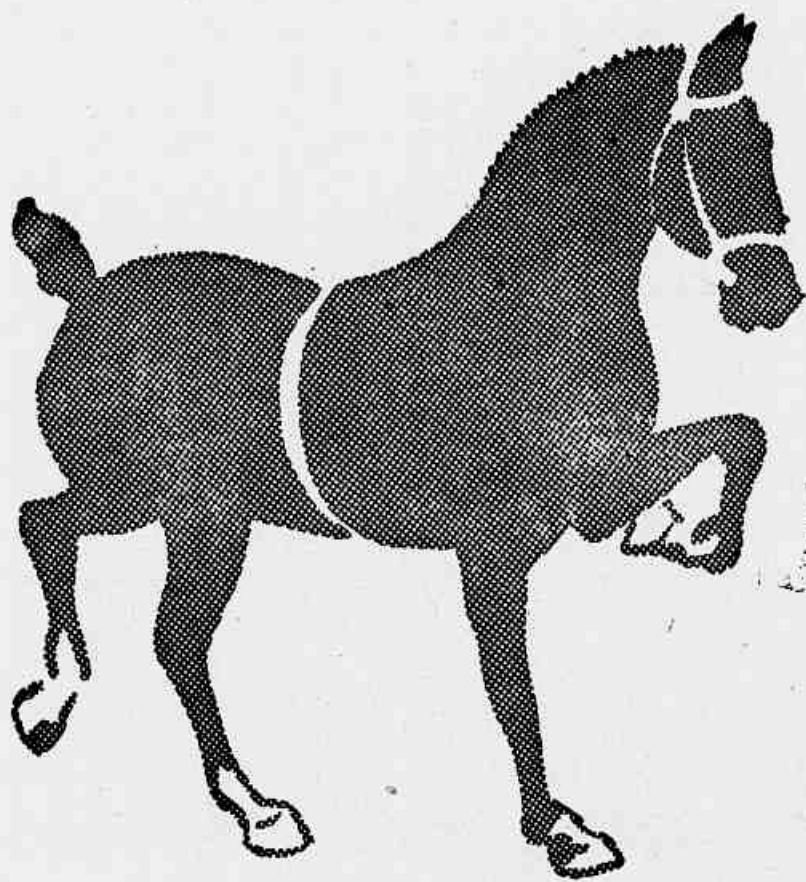
O SR. RAUL PILLA NO RIO — Para participar da Convenção das Oposições que promovem o lançamento da candidatura do major-brigadeiro Eduardo Gomes, veio ao Rio o sr. Raul Pilla, figura destacada no cenário político sul-riograndense. Na gravura, flagrante do seu desembarque no aeroporto Santos Dumont, ladeado pelos srs. ex-interventor Flores da Cunha e ex-deputado federal Barros Cassal.

SEMANA NACIONAL PRÓ-ANISTIA — Com uma sessão solene no Salão Leopoldo Miguez, na Escola Nacional de Música, promovida pela União Nacional dos Estudantes, iniciou-se a 7 de abril a Semana Nacional Pró-Anistia. Damos na gravura superior um flagrante do ato inaugural, em que falaram Aparício Torelly, Odilon Braga, Sobral Pinto e outros oradores. Na inferior, um aspecto da assistência.



COMÍCIO EM PROL DA ANISTIA — Antes de ser iniciada a Semana Pró-Anistia, e encetando uma série de outras reuniões públicas, teve lugar na escadaria do Teatro Municipal, sexta-feira dia 7, um comício, do qual damos abaixo dois aspectos, um quando falava ao microfone um dos oradores, outro com um aspecto do povo. Outras reuniões se sucederam — em Bonsucesso, Rio Comprido, Madureira, Meier, Tijuca, Vila Isabel e, finalmente, no largo da Carioca. A campanha Pró-Anistia marcou, assim, um acontecimento que se prolongou por toda uma semana, emprestando à cidade uma singular fisionomia que lhe faltava há tanto tempo.





Quem o indenizará

SE PERDER UM VALIOSO ANIMAL DE RAÇA?

Eles valem fortunas. E produzem fortunas. Mas... se vier a perder algum deles?... Quem o indenizará do prejuízo? Consulte os planos de seguros de animais da SATMA. Os maiores criadores já confiam à SATMA o seguro dos seus animais de valor.

9 Carteiras de seguros

Acidentes do Trabalho • Acidentes Pessoais • Incêndio • Transportes • Automóveis •

Responsabilidade Civil • Fidelidade e Fiança • Aeronáutico • Animais •

SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES

A MAIOR COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES DA AMÉRICA DO SUL
RIO DE JANEIRO





Petrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua **HIGIENE INTIMA.**



PETROLINA MINANCORA

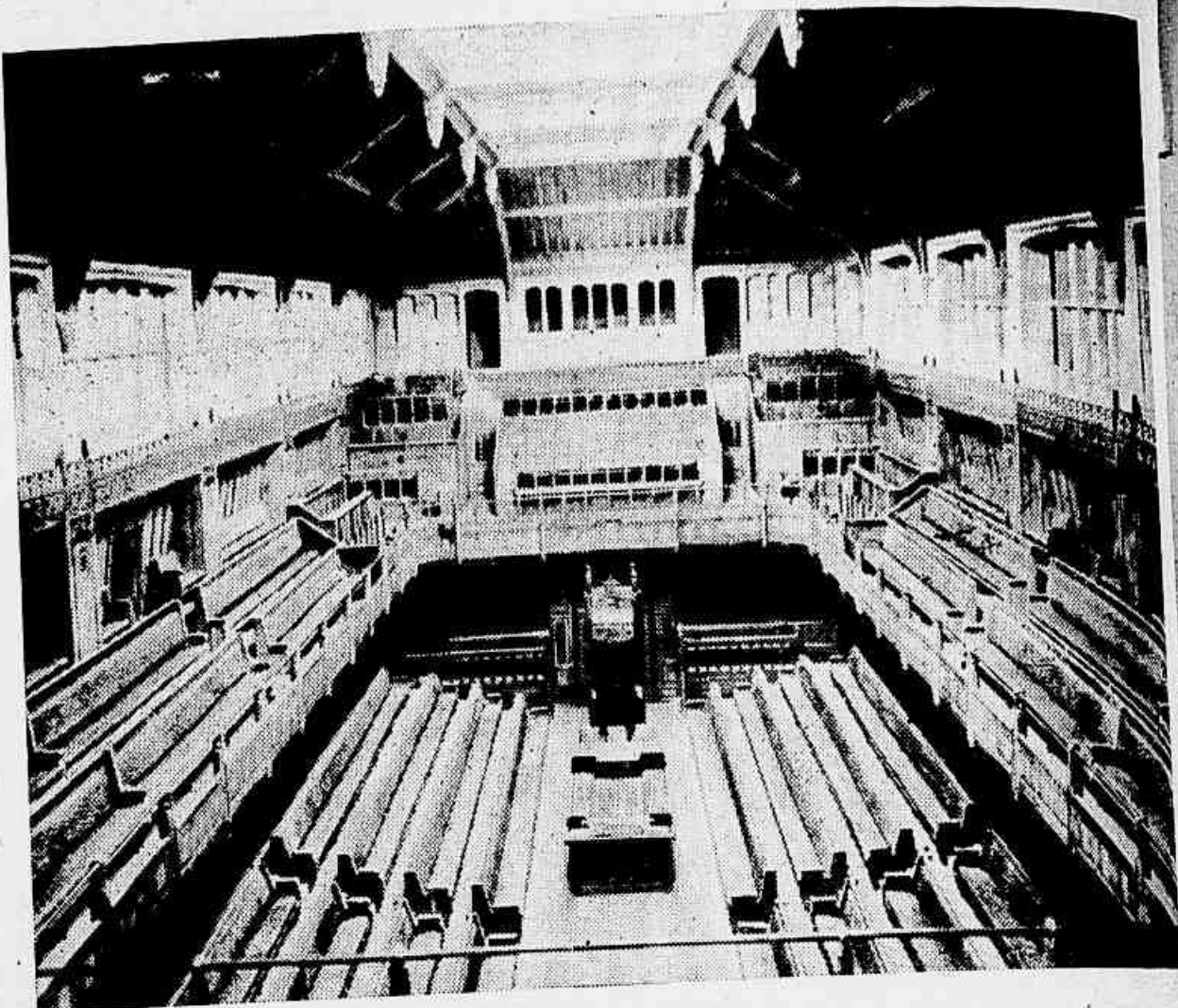
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

**REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA**



**INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Courn Cabeludo**



No dia 10 de maio de 1941 a Câmara dos Comuns foi destruída pelas bombas nazistas. Pela segunda vez em um século isso acontece. A primeira, em 1843, quando um incêndio ali se verificou. A gravura mostra o interior da nova Câmara dos Comuns, tal como sugeriu o arquiteto Sir Giles Gilbert Scott, R. A.

Já por duas vezes durante os últimos anos a Câmara dos Comuns se defronta com o problema de construção de uma nova sala de reuniões. Em 1834 um terrível incêndio destruiu o interior do edifício que os membros do Parlamento vinham usando há 400 anos. No dia 10 de maio de 1941 as bombas alemãs destruíram a Câmara que havia sido construída em sua substituição. Em ambas as ocasiões o Parlamento organizou uma comissão de seus membros para estudar as oportunidades oferecidas por esses desastres para melhoramentos futuros. Agora, como há um século atrás, a junta decidiu que a nova Câmara dos Comuns a ser construída não deve se afastar do estilo tradicional da antiga Câmara.

A reconstrução da

Nisto há mais que um simples apêgo à tradição por amor à tradição. A sala de debates da Câmara, de desenho retangular, com os bancos dispostos uns defronte aos outros, foi assim arranjada porque nos primeiros dias de sua formação uma das capelas reais foi doada à Câmara para os seus trabalhos. A experiência mostrou então ser aquela disposição fortuita dos lugares, ideal para uma assembléia dividida em duas partes, uma do Partido Governista e outra da Oposição. Outros vão ainda além, declarando que o desenho da Câmara ajudou na evolução do sistema constitucional britânico. Seja porém como for, a mesma disposição deverá ser mantida quando se construir a nova Câmara depois da guerra. Este é um ponto sobre o qual os votos favoráveis são quase unânimes.

Outrossim, a maior parte dos membros do Parlamento concordam com o sr. Churchill, e a comissão executiva que apresentou os planos, sobre que a nova Câmara não deve ser maior que a antiga. Assim, é verdade que somente 350 do total de 615 membros poderão sentar na platéia da Câmara. Porém todos são de opinião que o aumento do recinto, de modo a dar lugar para todos, prejudicaria a atmosfera de intimidade que caracteriza os debates parlamentares. Nessa pequena sala de reuniões os membros do Parlamento discutem na verdadeira expressão da palavra. Discutem e trocam pontos de vista, ao invés de se limitarem apenas a ouvir as palavras do orador. Para conservar essa atmosfera, os membros estão dispostos a fazer fila para conseguir lugar durante as grandes reuniões, ou permanecer mesmo de pé se chegarem tarde de mais.

Deste modo a nova Câmara dos Comuns será bem semelhante àquela onde grandes estadistas como Gladstone e Disraeli lutaram os seus famosos duelos verbais, e ainda não muito diferente daquela que William Pitt conheceu no século dezoito. A cadeira do Orador,

de madeira ricamente trabalhada, com seu dossel, ainda dominará o recinto. Lá estará também a bem conhecida Mesa comprida para os Amanuenses com suas cabeleiras postiças, e para o bastão de trezentos anos que escapou em ambos os desastres. Serão feitas cópias das antigas cabines de carvalho que servirão de mesas para os principais oradores que sentam nos bancos da frente. Os bancos serão revestidos do tradicional couro verde, e o soalho será coberto com um tapete verde com bordas vermelhas que ainda datam dos dias em que os membros do Parlamento usavam espada, e tinham assim que permanecer por trás da tira vermelha, evitando ficar ao alcance da espada de seus inimigos políticos.

Todavia, os membros do Parlamento não desconhecem que, não obstante o amor à tradição, faz-se necessário construir uma Câmara de acordo com o século em que vivemos. A antiga Câmara tinha um aspecto austero e sombrio. A nova Câmara será bastante clara e arejada. Com janelas mais amplas, linhas de desenho mais agradável e as obras de pedra e madeira em estilo mais moderno, obter-se-á um aspecto mais alegre. Os métodos modernos de ventilação e aquecimento garantirão um ambiente de trabalho mais confortável. As condições de acústica serão melhoradas, de sorte que todas as palavras do Orador sejam ouvidas claramente em qualquer ponto da sala.

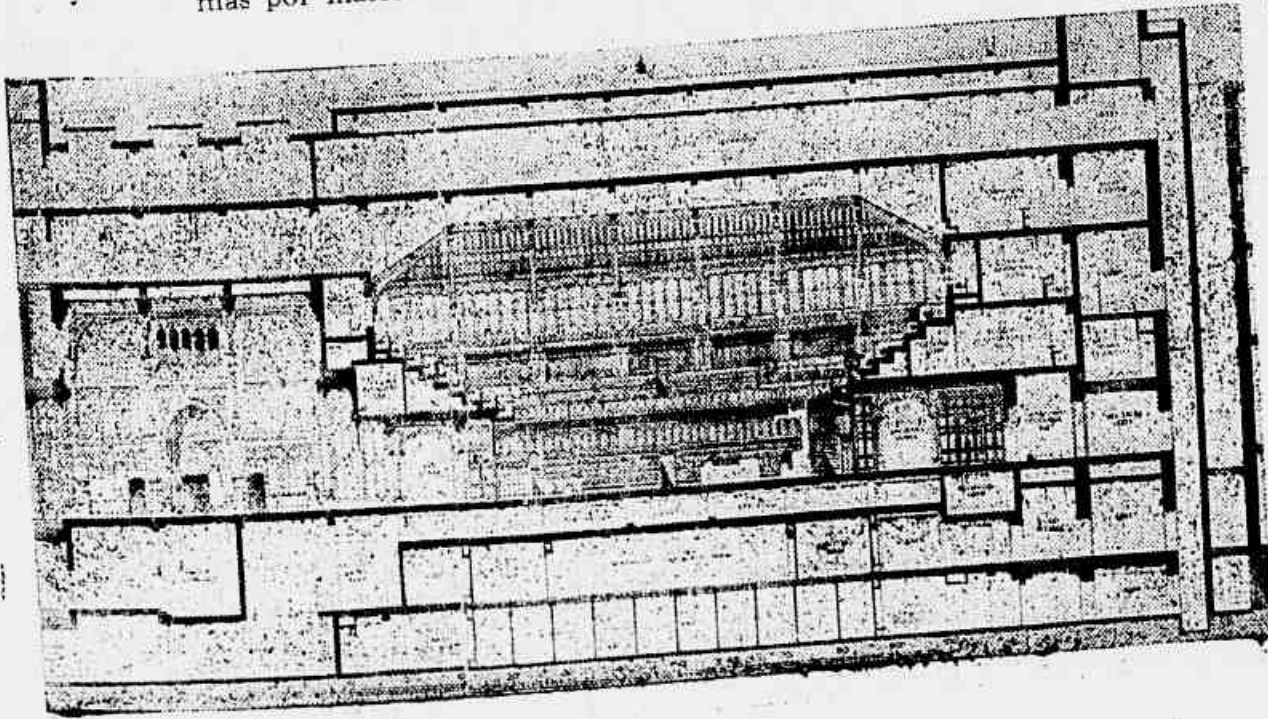
Durante vários séculos não era permitida a presença de estranhos por ocasião dos debates parlamentares, e mesmo depois de quebrada a regra, em virtude dos pedidos feitos pelo povo e pela imprensa, as acomodações arranjadas para esses "estranhos", como ainda hoje são chamados, deixavam bastante a desejar. Na verdade, somente depois do incêndio ocorrido no século passado foi que se criou uma Galeria da Imprensa. Na futura Câmara dos Comuns, porém, haverá uma galeria bem maior e mais confortável para os "estranhos". A nova Galeria da Imprensa terá 161 lugares, que é o dobro dos lugares na antiga galeria. Os membros compreendem muito bem que no após-guerra todos os leitores de jornais do mundo estarão interessados em saber o que se diz e faz em Westminster. Até aqui os correspondentes de jornais estrangeiros contavam apenas com um número muito limi-

da Câmara dos Comuns

tado de lugares na galeria pública, de onde escutavam muito pouco e viam menos ainda, sendo quase impossível tomar notas. Na nova Câmara esses correspondentes poderão contar com uma moderna e confortável Galeria da Imprensa, ligada por telefone e telégrafo a todas as partes da Grã-Bretanha e do resto do mundo.

Também a família real não foi esquecida na elaboração dos planos. O rei da Inglaterra, de acordo com uma regra estabelecida há trezentos anos, quando o rei Carlos I invadiu a Câmara afim de acabar com as suas reuniões, não pode assistir às sessões da Câmara dos Comuns. Todos os outros membros da família real, porém, poderão comparecer. Nos planos elaborados para a construção da nova Câmara há uma galeria especial para a rainha e as princesas, no caso em que estas desejem assistir a uma sessão da Câmara.

Uma vista, em conjunto, da nova Câmara dos Comuns, cuja construção está prestes a iniciar-se, em Londres. A fachada é de real imponência, conservando-se as linhas arquitetônicas da primitiva. Houve quem afirmasse ser prematuro cogitar dessa reconstrução, mas por maioria de votos foi resolvido que tal se fizesse.



ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



A mulher de Paris e Londres

Paris (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extraídos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada, oferece o máximo de

sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá! Peça a fórmula dragéias "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.

HEMORRHOIDAS? tome
LUC 3518-14-3 925 D.M.S.P.
ENCONTRA-SE EM TODAS AS DROGARIAS E FARMACIAS
Plúas de Hervé de Richo
Garantimos! ÓPTIMOS! INFALÍVEIS!



Numeros atrasados desta Revista em Ilhéus - Bahia

Procurar na "Papeleria do Sul" — Rua

Marquês de Paranaguá, 14



Os aviões que integravam a comitiva do novo prefeito de Frutal.



Comissão que tomou parte na convenção do Partido Nacional Democrático, em Belo Horizonte: dr. Américo Cirilo, prefeito; José Barbosa de Souza, fazendeiro; Afranio de Paula e Silva, fazendeiro; dr. Teodorico Andrade Lima, advogado; dr. Helleo de Paula Gomes, advogado; João Carlos Ribeiro, fazendeiro; Necimes Lopes da Silva, fazendeiro; Tiago Heitor de Queiroz, fazendeiro; dr. Lotfallah Mizlara, médico; Heitor de Queiroz, fazendeiro, e Orlando Pinho da Cruz, fazendeiro.



O dr. Américo Cirilo ladeado pelos membros da comissão de recepção em frente ao edifício da Prefeitura Municipal de Frutal.



O novo prefeito de Frutal, dr. Américo Cirilo, em companhia de José Barbosa de Souza, elemento de grande prestígio local, e grande massa popular percorrendo as principais ruas da cidade.

O MUNICIPIO DE FRUTAL SOB NOVA ADMINISTRAÇÃO



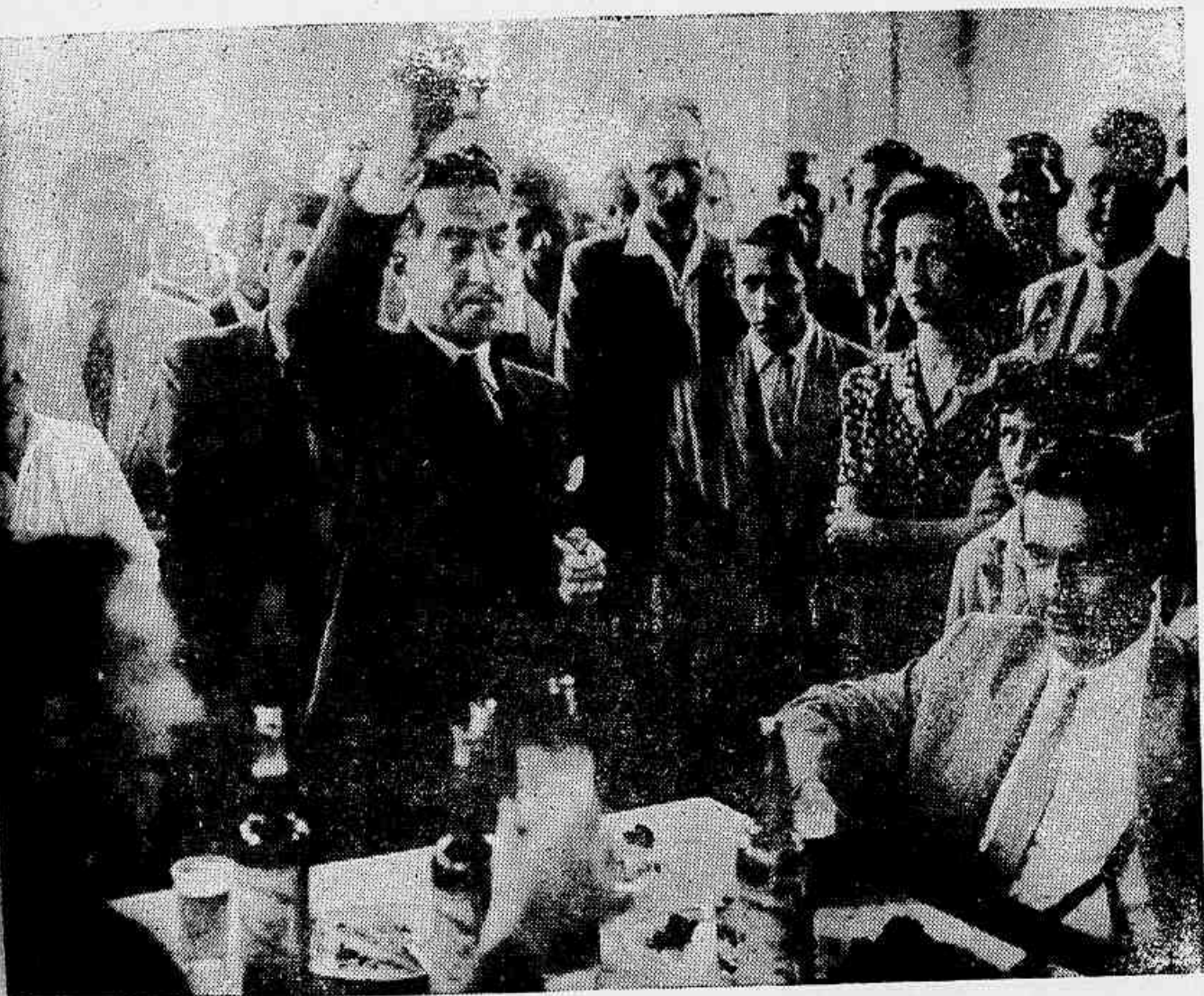
Dr. Lotfallah Mizlara falando no churrasco oferecido ao prefeito Américo Cirilo.

Com grandes manifestações de apreço o povo de Frutal, próspera cidade mineira, acaba de receber o seu novo prefeito, sr. Américo Cirilo. Chegando de avião àquela cidade em companhia do sr. José Barbosa de Souza, figura expressiva e prestigiosa nos meios fazendeiros de Frutal, foi o novo prefeito alvo de vibrantes manifestações por parte do povo e às quais se associaram representantes da pecuária, comércio, indústria, imprensa e altas autoridades. Logo depois, também num ambiente de grandes solenidades, o sr. Américo Cirilo tomou posse de seu cargo, falando por essa ocasião o dr. Helio de Paula Gomes, que fez belíssima saudação, sendo seguido pelos srs. dr. Teodoro Andrade Lima, José Barbosa de Souza e outros. Agradecendo falou o sr. Américo Cirilo, que em vibrante oração referiu-se ao brilho das manifestações, que considerava dirigidas não a ele mas ao representante do Governo de Minas, e disse que, contando com o amplo apoio dos seus munícipes, saberia cumprir com dignidade a missão de que fôra incumbido pelo governador do Estado, sr. Benedito Valadares, que dirige superiormente os destinos de Minas Gerais.

Foi-lhe oferecido um grande churrasco, onde se ouviram novos e eloquentes oradores. Para terminar, o novo prefeito convidou o povo para fazer uma passeata, tendo percorrido tôdas as ruas da cidade.

A noite houve um grande baile no Grêmio Recreativo Frutalense, terminando assim com esta festa social as grandes manifestações. Nestas páginas estampamos vários flagrantes de tão expressiva demonstração de solidariedade ao novo e operoso prefeito de Frutal.

O novo governador da cidade agradece comovido o churrasco a êle oferecido.



Frutal recebeu com festivo brilhantismo o seu novo prefeito, dr. Américo Cirilo.



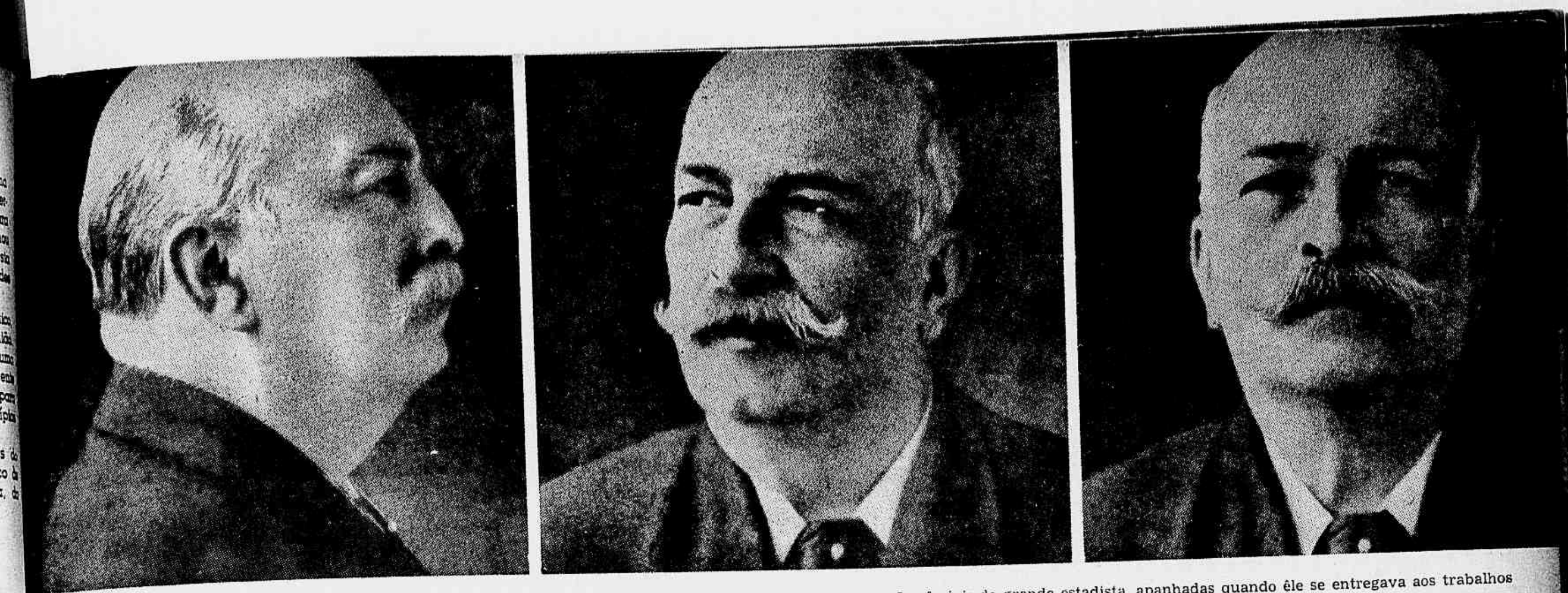
O novo prefeito de Frutal, dr. Américo Cirilo.

Um grande baile oferecido ao novo prefeito pela sociedade frutalense, na sede social do Grêmio Recreativo de Frutal.



Outro interessante aspecto da chegada do novo prefeito de Frutal, dr. Américo Cirilo.





A mais clássica fotografia de Rio Branco, feita pelo veterano fotógrafo Augusto Malta. Três expressões faciais do grande estadista, apanhadas quando ele se entregava aos trabalhos diplomáticos que haviam mais tarde de imortalizá-lo.

A PROPOSITO DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO

as fronteiras das Pátrias, as fronteiras do Brasil, que os nossos diplomatas riscaram, os nossos avós mantiveram, os nossos soldados defenderam — e Rio Branco acertou.

Jaz enterrado, debaixo de um montão de corôas e de flores, o Barão do Rio Branco. As sombras da tarde vêm se confundindo com a lucidez estelar do céu, nesse momento mágico, em que a indistinta claridade do espaço parece um mixto de crepúsculo da terra e da aurora do infinito.

Rio Branco bem mereceu da Pátria.

E' justo o tributarem-se-lhe homenagens e honrarias.

O historiador dirá que ninguém perseverou mais no culto do passado; o advogado, ninguém mais se engrandeceu nas lides do direito, da verdade e da justiça; o diplomata, ninguém se afanou na política internacional com mais sólidos cabedais de experiência e saber e o dilatado descortínio de um autêntico homem de Estado; o patriota, ninguém passou pelas posições oficiais com mais altos propósitos e mais nobre dignidade.

Quando Rio Branco surge na arena diplomática, para demonstrações de grande estilo, nada mais tem a aprender, e só a decidir.

Ninguém transmitiu à sua terra, em seus ideais e realizações, maior sentido de amplitude.

As nossas letras históricas e, notadamente, os nossos fastos militares, recordarão para sempre a pena infatigável e meticulosa, apaixonada de arquivos e alfarrábios, e cuja perspicácia sabia ver onde estava uma glória militar e se comprazia em trazê-la à tona, limpando-a da poeira do tempo e esmaltando-a de coloridos patrióticos, para estímulo da mocidade e glória das nossas forças armadas.

O tradicional espírito do Itamarati ninguém mais o fortaleceu e exaltou, como chama viva e inapagável, mantendo-o na coerência da sua diretriz, com os fortes estímulos do passado e as mais legítimas esperanças do futuro.

O Barão não foi só um grande diplomata. Foi, principalmente, uma escola de diplomatas, uma academia de embaixadores. Trouxe para os nossos quadros diplomáticos uma geração moça, entusiástica, de alta gerarquia intelectual, e impondo como condição para a **carrière** a aristocracia do talento.

Um painel em alto relevo, que faz parte do monumento a Rio Branco. Este grupo escultural fixa um flagrante histórico: a entrega do laudo de Berna, um dos momentos culminantes da gloriosa carreira diplomática do patrono de nossos chanceleres.

Se hoje, como já foi dito, viver é conviver, esse sentido de convivência internacional o Barão sempre o teve na mais alta expressão, tudo fazendo para que o Brasil, na comunidade americana, fôsse um exemplo de paz e dignidade. E se o quis suficientemente forte, foi em benefício e em defesa da magistratura suprema do direito internacional. Como vimos, o Barão era, em plena República, a remanescência do que o velho regime tinha de tradição política e de grandioso.

A morte do Barão é a última despedida do Império...

A República deve-lhe a volta da nossa política internacional ao ponto donde fôra de súbito afastada e cujo prestígio, com as vitórias magníficas de **Missões, Amapá, Acre, Lagoa Mirim**, etc., o chanceler fortalecera e ampliara como o "Deus Terminus das nossas Fronteiras".

E, ainda mais, as idéias de grandeza que transmitiu aos Governos de que fez parte, cabendo-lhe indiscutido florão de triunfo nas grandes iniciativas do Govêrno Rodrigues Alves, como a extinção da febre amarela, a remodelação da cidade, a construção de portos e de estradas.

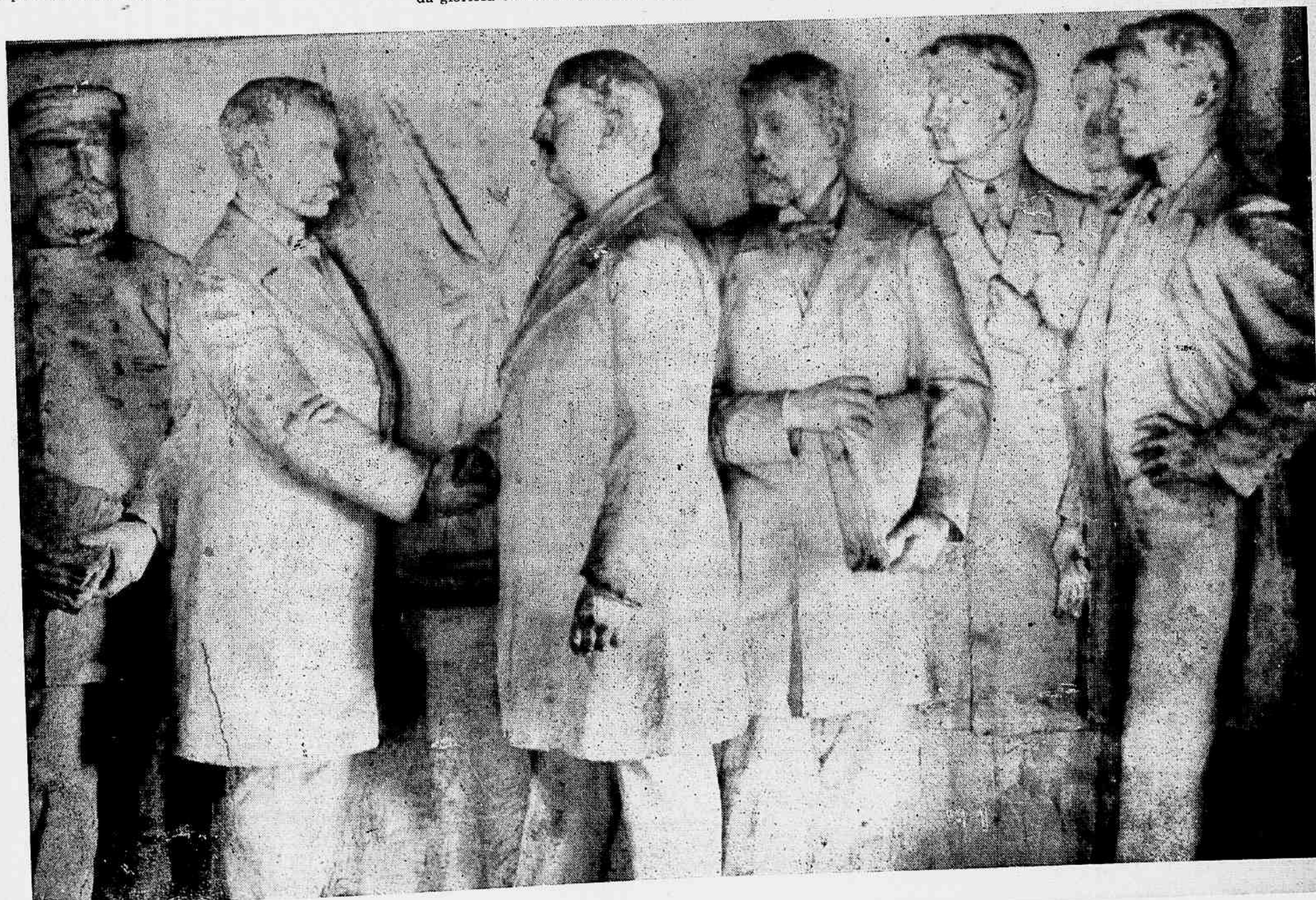
Impossível separar-se de Rio Branco a glória de Oswaldo Cruz, Pereira Passos e Lauro Muller, sem que nenhum desses três grandes brasileiros, em suas realizações, possa ver apoucada a sua grandeza, pelo decidido amparo e prestígio que lhe dera, dentro do ministério, a figura do chanceler. O Barão chegara do grande mundo, da "vida incomparável", e não se conformava em ver a sua terra sonegada à convivência internacional pelo malefício de uma epidemia, e a mais bela paisagem do mundo apagada no borrão de uma cidade sem porto e sem higiene, e remontada à arquitetura lóbrega da Colônia.

Esse homem foi grande em tudo.

Jaz agora, dentro da terra da sua Terra, aquele que nascera para pertencer aos predestinados, que Nietzsche denominou: "os esperados da seleção".

O seu valor só pode ser medido com a escala da grandiosidade.

Alonso de Carvalho.





Mest. que preside a inauguração e parte da solista assistência.

O corpo de médicos do Instituto, vendo-se ao centro o seu diretor.



Instituto Medico de Assistencia e Previdencia Ltda. (IMAP)

Realizou-se a 11 de corrente a cerimônia inaugural do novo prédio do Instituto Medico de Assistencia e Previdencia Ltda., que dispõe de um departamento de previdencia para atender em caso de invalidez os filhos, dependentes e dependentes de decedidos. Para ocasião foram apresentadas algumas fotografias de obras artísticas, entre elas as de Alfredo Pinheiro, diretor do Instituto, e de Napoleão Lopes. Todos os presentes assistiram em seus discursos o valor do serviço de previdencia social, sendo o sr. Napoleão Lopes, em impressionante oração de saudação oportunamente, ao grupo que a demonstração universitária, apoiada de receber com o pensamento de Francisco Deane Roosevelt, seu maior defensor.

Estamos vivendo uma temporada teatral das mais sérias destes últimos tempos. Se já em 1944 o Rio assistiu a uma série de razos-

DE TEATRO

veis serão excelentes espetáculos de declamação, este ano a importância da temporada tende a aumentar com a liberdade de crítica permitida aos nossos autores, a qual já ocasionou um acontecimento sem precedentes na noite da "avant-première" de "Bonita de mais", a última peça de Joracy Camargo que a Cia. Eva Todor está apresentando. Nessa noite a preleção do autor, em cena aberta, antes do início do espetáculo, resultou numa explosão entusiástica por parte da plateia, com pros e contras entre os espectadores. Um sucesso que só a liberdade de pensamento pode fazer registrar.

Na mesma noite reaparecia também Jaime Costa, no Glória, com outro original brasileiro onde se dissecava o tema social: "O Super-Homem", que veio quebrar o padrão dos espetáculos comuns desse conhecido ator. E tivemos, quarta-feira, a grande estreia de Dulcina-Odilon, no Municipal, com a peça histórica inglesa "Rainha Vitória". Foi outra memorável noite de arte. Como se vê, nossos principais elementos de teatro estão dando ao público uma temporada de classe.

No mês vindouro teremos no Fenix — agora ocupado transitoriamente por Iracema de Alencar, que tem seu público — um elenco onde se fundirão as duas companhias de comédias Bibi e Procópio, formando uma única. Pai e filha parece que desta vez vêm mesmo juntos e dessa conjugação de esforços só pode haver um resultado profícuo.

Levemos em conta ainda os espetáculos das segundas-feiras com "Luz do Gas", a temporada de teatro ligeiro no Rival com Dew-Catarré e Itala-Palmeirim, que agora mesmo

apresentam a comédia "Uma noite no Paraíso", e as duas companhias de revistas, a do João Caetano e a do Rectorio — e poderemos dizer que o público não tem razão de queixa. Há espetáculos para todos os paladares. — X



ENTÃO SERIA ACONHECÍVEL
DEPURAR O SEU LINGUAGEM PARA AUMENTAR A FELICIDADE CONJUGAL.

**ESSENCIA
PASSOS**
DEPURA E FORTIFICA

É UM PRODUTO
DO LABORATÓRIO SLAN

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANI

STANDARD
CR\$ 100

FEDERAL
CR\$ 160

INCA
CR\$ 260

"ANEL ZODIACO"

QUINTANA MARAVILHA
Com o Signo, Planeta
e a Pedra do Dia e Mês
do seu nascimento. Feito
de prata com Ouro 18 Kar. e também
todo de Ouro. UM
PRESENTE DESQUE-
CIVEL. Mande o dia e
mês do seu nascimento,
com nome e medida
do dedo, e pagos do
ano de recebê-lo na
Agência de seu Correio
pelo sistema de reme-
doso postal. Também
remetemos pratas de ou-
ro e brilhantes, todo
pelo preço da fábrica.
Fábrica de Joias "AZ-
TECA", Rua Regente
Feijó 115, Rio de Ja-
neiro. Pedram ostentação.

AMERICA
CR\$ 135

CAPITAL
CR\$ 260

BRASIL
CR\$ 280

Neurastenia? Insônia? Angústia?
BENAL
SEDATIVO do Sistema Nervoso
Fórmula do Professor Austregésilo.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

Meu amigo, o Duque...

Continuação de pág. 19.

— Pois bem. Ia ela com a mãe e o irmão. Conquistei o irmão, mas a mãe...
— Sogra por antecipação, ela opôs-se à aproximação?
— Pior.
— Oh! Proibiu-a de vê-lo.
— Pior. Desgraçou-me aos olhos dela.
— Isso, meu amigo, é bem grave. Contudo, não direi que seja irremediável. Vamos aos detalhes.

— Foi ao jantar. Pela primeira vez eu conseguira um convite para a mesa dela, no hotel onde estávamos hospedados. Ela já me olhava com carinho. Eu, é lógico...

— Aos fatos, vamos aos fatos.

— Peço-lhe uma coisa. Não pense que sou um snob.

— Por que haveria de pensá-lo?

— Pelo que se segue. O senhor compreende que quando a pessoa sente falta de meios para impor a sua personalidade e para fazer crer que é de fato respeitável, lança mão das armas com que acredita vencer o adversário.

— Muito justo.

— Mas não surtiu efeito.

— Como assim?

— Descobri que snob era a mãe da moça, e imediatamente lembrei-me de que certa

vez, estando hospedado em casa de um amigo, fui caçar na propriedade do duque de Bramshire, por especial permissão de sua graça.

— Muito bem.

— Mas o duque não estava. Nunca fui apresentado a ele.

— Sei...

— E, portanto, quando aleguei que era amigo dele corria um risco.

— Sem dúvida.

— Mas descrevi a propriedade que a mãe dela conhecia por tê-la visitado com alguns turistas.

— E ela ficou impressionada.

— Mais do que isso: cordial, amável mesmo.

— Ótimo. Tudo às mil maravilhas.

— Exceto quando o duque, que estava sentado na mesa vizinha, levantou-se e

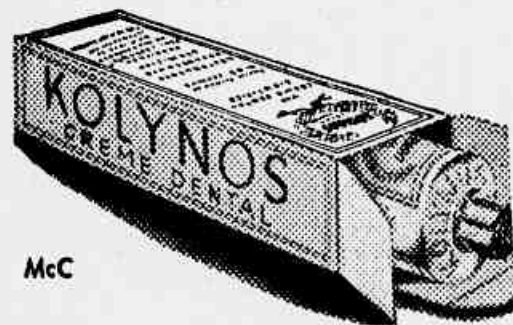
Continua na pág. 52.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME ELOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luíz Antônio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUIZINHA
Peço enviar-me prospectos:
NOME _____
ENDREÇO _____

DESDE QUANDO
PEQUENINOS...



É BOM QUE USEM
KOLYNOS!



ENSINE
seu filho a usar
o **CREME DENTAL**
ANTISSÉTICO!

Limpa mais... agrada mais... rende mais...



Regina

A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

À VENDA EM TODO O BRASIL

RF

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE
 • PRISAO DE VENTRE
 Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas de secreção interna.
 METABOLISMO BASAL • TUBAGEM DUODENAL
 CLINICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
 Consultório: Edif. Góes - R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 - Cincelândia
 Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

CABELOS BRANCOS?**LOCÃO***Brilhante***BRONZISOL****ANTISOLAR**

De Mme. Campos

FIXA UM LINDO BRONZEADO

NATURAL

A VENDA EM TODA A PARTE

- 1 — Vestido de romain negro. Leva babados de piqué branco ao redor dos bolsos. Gola e laço também em piqué branco.
- 2 — Modelo bastante atraente em seda azul marinho. Vieses brancos na blusa e na pala, que forma bolsos soltos. Pespontos largos e botões fantasia.

**PERFUMES**
finissimos

Perfumes recém chegados
de Nova York

Parfumerie "BOURJOIS"

EXTRATOS:

Extratos Chanel N.º 5
 " " " " 22
 " " "Gardenia"
 " " "Cuir de Russie"

"MAIS OUI"

"SOIR DE PARIS"

Pó de Arroz "SOIR DE PARIS"

e "MAIS OUI"

Rouge "SOIR DE PARIS"

Batom "EVENING IN PARIS"

Talco "EVENING IN PARIS"

Água de Colônia e loção "SOIR DE PARIS"

Brilantina "SOIR DE PARIS"

SÃO PAULO

CASA MASETTI*A Casa dos bons perfumes*

MATRIZ • SEMINARIO, 131-135

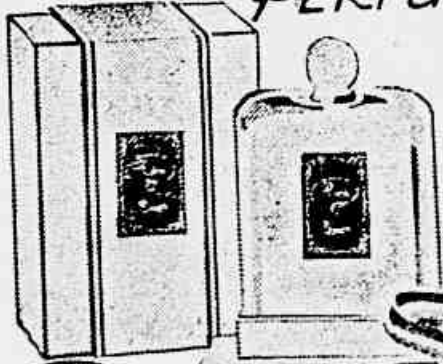
FILIAL • MARCONI, 44

PÍLULAS
DE
BRISTOLVegetais e
açucaradas

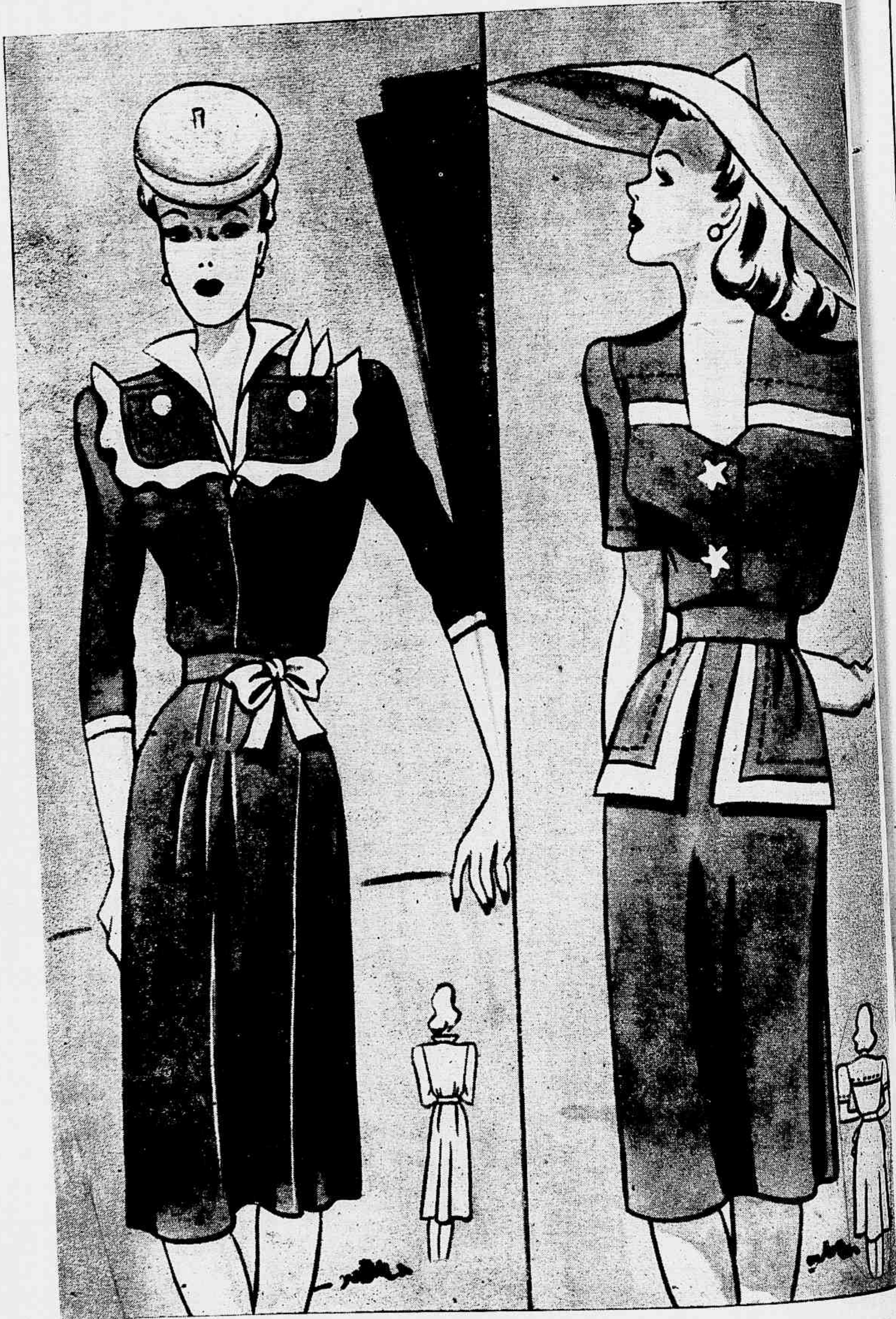
Combatem suavemente
a preguiça intestinal.

MODAS

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO

PERFUMES*Rosa***PERFUMES**BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05



DESTINOS

(Continuação da pág. 29)

— Que a Natália tem namôro com o João Neca...
— respondeu o rapaz, vencido.
— Nem mais.
— Pois tem...
— Então... e tu? Já não a queres? Ou foi ela que te deixou?

— Eu sei lá o que foi...

A alma dêle, dali em diante, parecia viúva, e a alegria do rosto da rapariga como que se tinha coberto de um negro véu de desilusão. Passavam um pelo outro, e comiam-se com os olhos. Mas nem êle lhe falava no seu amor, nem ela rasgava já a frágil teia de separação.

— Casam-se para a semana... — ia esclarecendo a Teodósia, como um remorso.

— Já sei.

— O padre leu hoje os banhos...

— Pois leu...

Era uma resignação que quebrava a gente, e desar-mava. E a pobre Teodósia não encontrava outro alívio senão chorar.

— Morria por ti! — disse numa manhã que podia ser a da sua felicidade, e não era.

Os sinos tocavam festivamente, ia por tôda a aldeia um alvoroço de noivado, e só naquela casa a tristeza se aninhava sombria e desamparada.

— Também eu gostáva dela...

Era outra vez Junho, as searas aloiravam já, e nas cerdeiras, polpudas, rijas, as cerejas tomavam uma côr avermelhada e levemente escarninha.

Meu amigo, o Duque...

Continuação da pág. 49.

disse que eu devia ter vergonha na minha cara suja, que não me conhecia e que eu estava mentindo...

— Oh!

CONSELHOS GERAIS

Em caso de reear uma infecção, por ter estado em palestra ou em contacto mais prolongado com uma pessoa doente, aconselha-se, além de lavar as mãos e de gargarejar com água pura ou com água e sal — chupar duas pastilhas de Panflavina para evitar uma angina, uma difteria ou outra infecção cuja porta de entrada é a boca.

As pastilhas de Panflavina dispensam, muitas vezes, os gargarejos antissépticos, alguns dos quais são, às vezes, irritantes.

Em época de gripes, de cachumba, de difteria, de escarlatina, não se deitar sem chupar, previamente, uma ou duas dessas pastilhas.

No caso de um filho ter estado em contacto com uma criança ou um adulto com uma das infecções acima referidas, deve-se dar-lhe, após as medidas gerais de asseio das mãos, do rosto e da boca, uma pastilha de Panflavina para chupar e, à noite, ao deitar-se, outra.

— Foi isso que eu disse. Depois corri para o meu quarto. Nunca mais tive a coragem de aparecer diante da moça.

— É um caso sério. Entretanto creio que posso remediá-lo.

— Como?

— Não lhe disse que provaria que o senhor é um felizardo, e não um azarento? Quer argumentos? Ei-los. Em primeiro lugar o senhor encontrou a moça com quem sonhava, e isso nem todos encontram. Em segundo lugar teve a oportunidade de verificar que ela é, de fato, a esposa ideal antes de se ver preso por compromisso: prova experimental a que nem todos submetem as eleitas, com graves consequências post-nupciais. E, em último lugar, o senhor entrou hoje nesse trem e contou essa história a mim. Ora, acontece que eu sei quem é a moça a que se refere, porque ela me relatou o fato; e acontece também que eu sou pai dela, e que o senhor está convidado a vir comigo, agora mesmo, almoçar em minha casa; e mais: que tem a minha bênção e minha confiança. Pode namorar a menina, casar com ela e ser feliz para o resto da vida. Meu amigo, o senhor é um felizardo! E quanto ao que disse da minha mulher...

O rapaz prendeu a respiração.

— ...tem tôda a razão, concluiu o velho, piscando o olho.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

OCUPADÍSSIMO! mas...SABE ALIMENTAR-SE

• Naturalmente, sente-se tão bem disposto, cheio de vivacidade e energia — a razão da alegria de viver! Seus alimentos, verdadeiramente nutritivos, são preparados com a insuperável

MAIZENA DURYEA

A MAIZENA DURYEA
Caixa Postal, 6-B-São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro 82
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____

ESTADO _____



INTOXICADO!

Todo o seu organismo envenena-se com as toxinas produzidas pela

PRISÃO de VENTRE

Qualquer médico lhe confirmará que a prisão de ventre é a causa de uma infinidade de distúrbios, porque o homem ou mulher, vítima da Prisão de Ventre é uma pessoa intoxicada. Os resíduos alimentares, privados de uma eliminação normal e diária, entopem os intestinos e intoxicam o organismo, roubando ao corpo sua vitalidade e resistência. As Pilulas Aloicas, na prisão de ventre, mesmo nos casos rebeldes, proporcionam resultados satisfatórios.

A Prisão de Ventre
Mina e Destrói sua Vitalidade
Arruína sua Força e Saúde
Rouba sua Personalidade
Antecipa a Velhice

PILULAS

ALOICAS

1 Laxante
2 Purgante

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



Loção DISCRETA
CONTRA CASPA

Rua Flack. 153 - Rio
T. 29-2840

MODELOS

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

- 1 — Vestido original, enfeitado com plissados e um cinto de veludo.
- 2 — Modelo bastante original, abotoado do lado e com gola de piqué branco.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

DE
C

VARIAÇÕES
TEMA

A sugestão
melhores irt
tou, mesmo,
interesse louv
mas um inte
que deverin
defeito de or
no entanto,
com os hom
dem esse por
que será ma
ficação, a
um fim —
disse, revela
Serão, veja
qualquer a
rutilar, tir
mente artist
o esqueleto
nunca o to

Aliás, cr
modo, de
arte. O ba
que o agr
ser belo.

OS DIS
NA M
TRATA

Data de
de dois c
encontrar
secreção,
mulher. I
grande d
zação de
disposiçã
de valor
Possui o
os requi
eficazme
sexual, f
tardias,
excessiv
com res
sos de
flacidez
doenças
nopausa
primeira
intelectu
"Pans
da em
F
Rem
Produ

A m
Hoje
e a v
a pele
Ago
conce
ação
refre
de
como
ralid
na
A m
temp
aspe
O
e s
Gr
P

DE Música

VARIAÇÕES EM TORNO DE UM TEMA ATUALÍSSIMO

A sugestão foi apresentada com as melhores intenções deste mundo. Estou, mesmo, disposto a ver, nela, um interesse louvável pela música erudita, mas um interesse desviado do rumo que deveria tomar. O plano tem um defeito de origem: peca pela base. E, no entanto, recentemente se multiplicam os homens inteligentes que defendem esse ponto de vista. Creio, porém, que será mais com um intuito de justificação, a posteriori, do que como um fim — o objetivo que, segundo disse, revela uma preocupação elogiável. Serão, vejamos: uma transposição, em qualquer arte, não pode deixar de mutilar, tirar dela o que há de realmente artístico, deixando, quando muito, o esqueleto, ou uma parte do corpo: nunca o todo, nunca a arte.

Aliás, creio que isso deriva, de certo modo, de uma concepção errônea de arte. O belo não é o agradável, se bem que o agradável possa, eventualmente, ser belo. Arte é uma visão das coisas,

OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drágias aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogeries e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo Remetemes pelo Rembolso Postal Cr\$ 20,00 o vidro
Produtos PANVITAL — Rua da Estréla, 6
RIO DE JANEIRO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Isso é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de altice ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Altice permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Altice "Erlhante". Experimente-o.

por intermédio de um dos nossos sentidos, expressa numa forma que, quando perfeita, só se ajusta exatamente à concepção do artista que a realizou.

Assim, tomar um dos aspectos superficiais, ou, concedemos, alguma particularidade estrutural, para construir, com base nela, uma outra obra, não é transposição, como acreditam, mas a criação de uma obra nova, que só poderá ser salva da mediocridade, do valor nulo, por um talento igual ou superior ao que compôs a obra que deu origem a outra. Os compositores

sempre se serviram, livremente, das obras dos outros, isto que oiz respeito ao roubo inofensivo de alguns compassos na apropriação de um tema. Mas isso não importa, porque, quando aquele tema se ajusta a sua concepção, traduzida pela forma musical de que o tema faz parte, temos, na disposição diferente, uma obra diferente. Para isso porém, é preciso talento, senão gênio.

A sugestão, aliás, ao que parece, não nega que mutilará a obra. Sabe bem que não levará aos ouvintes da música popular o que compôs Beethoven, ou Brahms, ou Liszt: muito pelo contrário, dispõe-se, unicamente, e — como não? — modestamente a "popularizar" melodias.

Quando convencerem os a certas pessoas de que música não é só um trechinho "cantabile", supremo instante de gozo estético de alguém que, não por culpa própria, mas por educação deficiente,

crê, assim, participar dos prazeres finos elevados puros?
(Continua na página 55)



VIVER ALEGRE!

Basta conservar normalizado o funcionamento do fígado e prevenir a preguiça intestinal. As "Pílulas de Reuter", combatendo a insuficiência hepática, protegem a saúde e garantem a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO



UMA CARÍCIA PERFUMADA!...

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso, o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido

no Brasil, há mais de trinta anos. O pó de arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: branco, rosa, raquel, ocre-claro e ocre-escuro. Pó de arroz Lady — é o melhor e não é o mais caro!

Pó de ARROZ



À VENDA EM TODO O BRASIL



P. Ferraz

30 dias de feira

CAMISARIA PROGRESSO
Praça Tiradentes, 2 e 4

A CRISTALEIRA
Silva Jardim, 1 e 3

ALFAIATARIA GUANABARA
Carloca, 34

A PROGRESSO
Av. Copacabana, 1350

Comidas - Gravatos - Bolsas
Copos - Lingerie Finíssima
Cafetões - Cama e Mesa - etc.

Pratarias - Faqueiros
Cristais - Porcelanas
Artigos para Presentes

Primorosa Confeccção
de Roupas em ótimos
tecidos nacionais e
estrangeiros

Roupas para Banho
de mar e Acessórios
para Praia Lingerie
Cama e Mesa - etc.

ACERTE comprando nos
30 Dias de Feira por
preços reduzidos.

ANDE UM POUCO MAIS E PAGUE MUITO MENOS



**ARRID EVITA MANCHAS
E ODOR NAS AXILAS**
SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege *você* contra o mau odor e a sua *roupa*, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente desocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID

O desodorante que mais se vende

Coisas não ditas

(Continuação da página 26)

Passando a residir naquela cidade, dela veio um dia ao Rio, aí se encontrando com Manoel Vitorino Pereira. Do encontro deu este noticia na imprensa finalizando assim artigo relativo a Fernandes da Cunha: "Fui acompanhá-lo até a barca, abracei-o comovido, beijei-lhe as mãos com reverência filial. Este movimento foi-me dictado por um impulso estranho e irresistível, senti que por meus lábios passavam a alma inteira, todo o meu reconhecimento e admiração de minha terra natal, da Bahia, berço de nós ambos. Nesse velho nobre e altivo que embarcava eu via Cicero, sem as ambições e a vaidade do poder e da gloria; Catão sem as fraquezas e desalentos do suicídio."

De tempo remoto Rio Branco prezou em Fernandes da Cunha um grande Brasil. Para provar-o é só tirar do inedito uma carta, a seguinte:

"Exmo Amigo Sr Cunha
Rio 8 de Sbro de 70

Escrevo-lhe a vapor porque estou atrapalhado com os preparativos de minha viagem ao Rio da Prata e Paraguay. Recebi a sua cartinha e os papeis que a acompanharão.

Não os encaminhei logo porque sabia da proxima retirada de 16 de Julho. Com a mudança ministerial e com a minha partida tomei o expediente de entregá-los ao Teixeira Jor prevenindo-o de que se tratava de recomendação sua. Creio que os seus protegidos não poderiam ficar em melhores mãos.

Que é feito do illustre coronel José Gonçalves?

No dia 12 d'este parto pº o Rio da Prata na qualidade de secretario de meo pae. Elle pretende concluir a sua missão em Março ou Abril e Deus queira que não a prolongue por algum tempo mais.

Esta idéa me aterra porque já conheço os encantos e o clima de Assumpção.

Mande suas ordens ao
affº amigo V. or e Cr. do

Sº Paranhos Jor"

Depois desta expressiva carta as relações entre Fernandes da Cunha e Rio Branco foram as mesmas, inalteradas.

Venha de novo do inedito o testemunho, no seguinte telegrama:

"De Petropolis 3 de Setembro de 1903
Muito urgente — Fernandes da Cunha Filho.

Acabo de ler a noticia do fallecimento de seu grande pae; se me fosse possível chegar a tempo, eu seria dos amigos que terão a honra de acompanhar ao cemiterio os restos mortaes de tão illustre Brasileiro, gloria da nossa tribuna parlamentar. Sabe quanto eu o queria e respeitava e quanto lhe sou grato pelas provas de affecto com que em vida me distinguio desde que nos conhecemos ha trinta e quatro annos na Camara dos Deputados e ainda ultimamente depois que regresssei da Europa. Peço-lhe que por mim beije a sua mão. Não posso estar presente, mas espero que cheguem a tempo umas flôres que mando à Camara Mortuaria. — Rio Branco—"

Que mais para honra de dous homens e brasileiros de outro tempo?

CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude em sua própria casa, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

Em pouco tempo e com poucos gastos será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nesta profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO:

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal, 5058 - São Paulo

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

GRATIS
Cada aluno receberá: Figurinos da última moda - Carteira de identidade - 100 cartões de visita - Serviço especial de consultas sobre o curso.

265

DE MUSICA

(Conclusão da página 53)

tiramos de uma obra de Beethoven um trecho mais melodioso — e não faltarão trechos assim e mostramo-lo ao público dizendo: "Isso aqui é arte!", estaremos agindo de maneira semelhante à daquele cavalheiro que, de um quebra cabeças, tirasse uma pedrinha, e dissesse mostrando-a: "Olhem que lindo desenho!"

De fato, seria interessante, e talvez tornasse mais acessível a explicação, se tomássemos essa inagen. e a desenvolvêmos. Vejamos: lembrem-se daqueles quebra-cabeças que formavam um quadro qualquer de uma série de pequenas peças dispostas em certa ordem. Pois bem: o trabalho do artista, metaforicamente, está condensado naquele passa tempo.

Um quadro, um desenho: a concepção a idéia geral. Como realizá-lo? Juntando, pacientemente, as pedrinhas até que formem um todo, um conjunto harmônico, que represente o quadro que o compositor tem em vista. Mas que espécie de idéia será essa? Que concep-

ção será essa. perguntarão logo, já que estamos discutindo o trabalho do artista. Em música, uma idéia musical, responderei. Como uma idéia musical? Uma visão, ou melhor, uma audição particular do mundo. Estamos na base mesmo do conceito moderno de arte. O homem se põe de pé diante do mundo, abre os seus sentidos e deixa que o mundo entre por eles, submetendo-o, naturalmente, a deformação artística, que apara, concerta, até dar-lhe uma perfeição que ele não possui. E' assim com a música, como com a literatura e com a pintura. Uma maneira de olhar o mundo, de ouvir o mundo, de sentir o mundo. Por isso a arte de qualquer tempo será a época vista através da sensibilidade de um artista, será a reação do artista ao tempo em que vive, ao meio em que se agita, ama, odeia, age. A arte de qualquer tempo nos fornece, às vezes, melhor do que os trata-

dos de história, uma idéia do mundo em que o artista viveu. Nela entram dois elementos: o individual, do artista e o social: do mundo que ele exprime.

Como, levados para essas alturas, vamos voltar a proposta de lançar a música erudita, sob o patrocínio de Tommy Dorsey ou Harry James?

De nada adiantará "popularizar" uma pedrinha do quebra cabeças, porque, quando diante da obra completa, o ouvinte que bem conhece a pedrinha ficará à espreita: quando... E, de repente com beatitude, ao reconhecê-la: Ouçam! Isso é bonito mesmo!

E, além disso, não creio, realmente, que quando um desses maestros sinco-pados lança mão da obra de um artista seja com a intenção de divulgá-lo. Não será antes uma facilidade que a riqueza melódica de certos mestres fornece, tornando possível assumir uma atitude simpática, enquanto se poi-



GRATIS

Peça GRATIS pelo Correio e livrinho de Aristóteles Italla: "O Segredo do Sucesso e da Saúde", para adquirir saúde, vencer em negócios e amizades, aprender sugestão, magnetismo, clarividência, força de vontade, hipnotismo, o Conhecimento dos Mundos Superiores, seu horoscopo, etc. Só para adultos não analfabetos. Envie Cr\$ 0,80 em selos se quiser recebê-lo sob registro, evitando assim extravios. Escreva ao Sr. Artur S. Torres — Caixa Postal 2425 (D. F.).

pam o trabalho de inventar as suas próprias melodias?

Deixem a música erudita seguir o seu rumo. A prática desse projeto seria uma porta aberta à confusão maior e já não é pequena a desorientação do público diante da música dos nossos tempos.

ROBERTO LYRA FILHO



Essências dos Quatro Cantos do Mundo...
combinam-se no suave "bouquet" de Gessy...
o sabonete que vale por

Um Tratamento
de Beleza!



O ardor da Espanha...
o romantismo das Ilhas do Pacífico...
o mistério lendário da China...
essências dos quatro cantos do mundo foram reunidos para criar o suave e delicado perfume do sabonete Gessy. Experimente esta fina criação da indústria brasileira. Sua espuma sedosa e perfumada limpa e amacia a cutis, dando à sua epiderme novo viço, nova mocidade, novo frescor. Gessy vale por um tratamento de beleza. Use sempre Gessy.

50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!

J. W. I. - 14.249



Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquira um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande
MARCA REGISTRADA
BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

Numeros atrasados desta
Revista em Pernambuco

PEDIR A

A. MADALENA

RUA 7 DE SETEMBRO, 128

RECIFE

JRA

erno POR
o completo
ua própria
eixar suas

GRATIS
uma recorda-
dos da última
Carteira de
ade. 100 cartões
a. Serviço espe-
consultas sobre
o curso.

ABAIXO:
265

folheto completo
espondência.

No



O artista

Por mais habituado que esteja a exhibir-se em publico, o artista de teatro experimenta um certo nervosismo sempre que tem de estreiar uma peça ou apresentar-se diante de uma platéia desconhecida. O remédio é simples: um ou dois comprimidos de ADALINA, tomados alguns minutos antes de entrar em cena, bastam para acalmar os nervos excitados, evitando o "trac", como denominam o medo do artista diante do publico. ADALINA não oferece perigo a orgão algum.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO



Desperte a Billa do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de billa. Si a billa não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de billa e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a billa correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

a força do Café



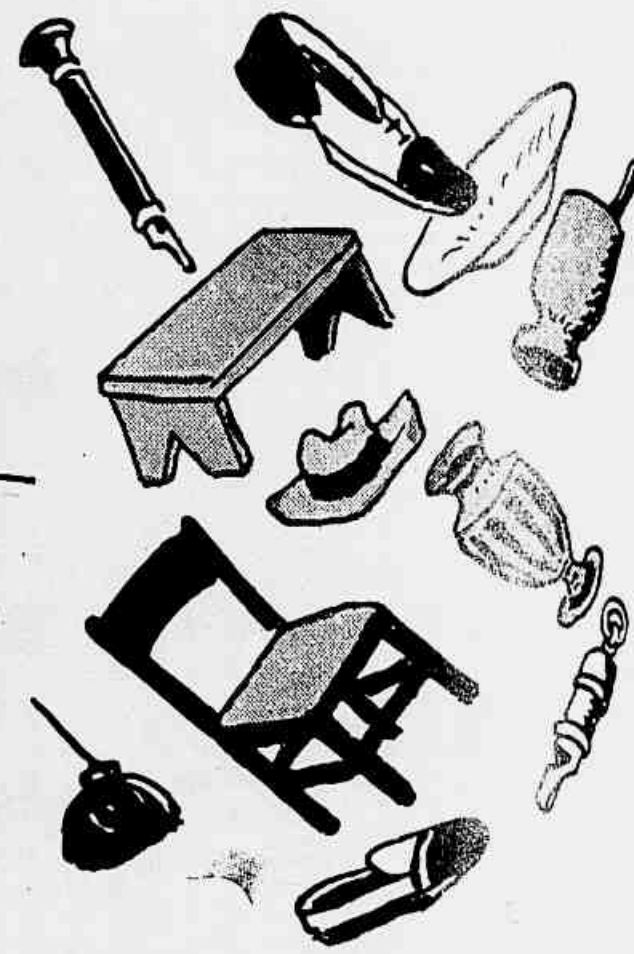
A preciosa rubriacta chegou a altura de um princípio



Além de bebestível, dáva a cafeína que retempera os canástros



Forte e sem açúcar era e é eficaz contra oscilações de camuécas



Agora serve para fabricar numerosos utensílios



É consta que servirá para bungalôs e fura-céus!



Que economia! Basta um torrão de açúcar na boca e lambêr as parêdes...

nagem: Luizinha. Uma linda garotinha, que vem suavizar a vida de renúncia que leva a pobre Regina. Deus concedeu-lhe a maior graça que pode desejar uma mulher: ser mãe. Enquanto isso, na capital, escondidos ainda, Walter continua rondando a casa de Luiz, para completar o seu trabalho de espionagem. Luiz recebe uma carta dizendo que lhe poderá dar informações sobre um assunto que lhe interessa muito. De posse dessa carta, Luiz sai às pressas, dizendo ao seu criado Manuel que vai à estrada Rio-S. Paulo. Rogério, chegando na casa de Luiz, vem a saber por Manuel que ele não estava em casa. Rogério desconfia da carta que Luiz recebeu. E o capítulo terminou quando Rogério e Manuel, tomando um carro, também se dirigem para a estrada Rio-S. Paulo. Rogério dizia a Manuel...

(Automóvel em movimento)

ROGÉRIO — Um revólver, Manuel? Onde você o arranhou?

MANUEL — Antes de sair eu o apanhei na gaveta do dr. Luiz.

ROGÉRIO — Fez muito bem. Você fez muito bem. Agora já podemos enfrentar os tais bandidos.

MANUEL — Olhe ali, dr. Rogério. Olhe ali!

(Carro freando)

ROGÉRIO — E' verdade, Manuel. Vamos, Manuel. Depressa. Vamos ver o que há.

(Música)

MANUEL — E' o carro do dr. Luiz.

ROGÉRIO — Mas... está vazio. Onde teria ido o Luiz? Quer dizer então que ele foi obrigado a descer aqui.

MANUEL — Esquisito. Olhe ali aquela fogueira. Ali adiante.

ROGÉRIO — E não há nenhuma casa perto. Não há ninguém por aqui. E' esquisito.

MANUEL — Olhe aqui, doutor. Este lenço, dr. Rogério. Este lenço é do dr. Luiz. Chegue a lanterna mais para perto, doutor. Veja.

ROGÉRIO — Todo sujo de poeira. Estava no chão?

MANUEL — Estava sim, doutor.

ROGÉRIO — E veja. Veja como o chão está cheio de marcas.

MANUEL — Uma porção de pisadas, não é, doutor?

ROGÉRIO — O Luiz deve ter lutado com alguém aqui, Manuel.

MANUEL — Meu Deus. Que teria havido com o dr. Luiz?

ROGÉRIO — Escute, Manuel. Você sabe dirigir automóvel, não sabe?

MANUEL — Sei, doutor.

ROGÉRIO — Pois bem. Veja se o carro do Luiz está em bom estado.

(Ruido de motor)

MANUEL — Está perfeito, doutor.

ROGÉRIO — Então volte à cidade e vá à polícia. E venha com alguns policiais imediatamente.

MANUEL — E o senhor, dr. Rogério?

ROGÉRIO — Eu vou continuar pela estrada. Vou ver se descubro alguma coisa por aí. Você, quando vier com a polícia, faça o mesmo. Com certeza nos encontraremos aí pelo caminho. Vá sem demora. Depressa, Manuel. E até já.

**(Ruido de automóvel)
(Música)**

(Ambiente de sala de jogo, barulho de fichas, vozerio em surdina)

VOZ — Preto, 29.

VOZ — Vermelho, 36.

CELESTE — Acertei. E num pleno, hein. Eu hoje estou com uma sorte!

JULITA — Cuidado, Celeste. Você não acredita no velho ditado?

CELESTE — Qual?

JULITA — Feliz no jogo, infeliz no amor.

CELESTE — Ora, Julieta. Isto são asneiras. Eu costumo ser feliz em ambas as coisas.

JULITA — Hum... mas não é o que dizem por aí...

CELESTE — Não é o que dizem por aí? Que quer dizer com isto, Julieta?

JULITA — Isto mesmo: que não é o que dizem por aí.

VOZ — Vermelho, 30.

CELESTE — Outra vez. Outro pleno. Olhe, Julieta, apesar do seu veneno, eu hoje vou sair rica daqui.

JULITA — Veja se divide comigo, hein?

CELESTE — O que? O dinheiro do jogo ou os amores?

JULITA — Eu prefiro o dinheiro do jogo.

CELESTE — E por que?

JULITA — Bem, porque os amores parece que mal chegam para você.

CELESTE — Pois olhe, Julieta. O que eu queria era ainda mais dinheiro, porque amores não me faltam. Apesar do que dizem por aí.

JULITA — Eu estava brincando, Celeste. Eu queria vê-la enfezada.

CELESTE — Você não consegue não, Julieta. Eu quando estou ganhando fico de bom humor.

VOZ — Vermelho, 23.

CELESTE — Bem, dessa vez não foi bom. Mas agora mesmo eu vou tirar uma forra. Você vai ver.

JULITA — E tôdas as noites é assim, Celeste. Você começa ganhando. Vai se enchendo de dinheiro. Ganha no 30, ganha no 23. Até que, de repente, a sorte muda e você sai daqui sem um tostão.

CELESTE — Nesse caso então há um consolo, Julieta.

JULITA — E qual é?

CELESTE — Sendo assim, eu posso dizer: infeliz no jogo, feliz nos amores...

JULITA — Em todo o caso eu tenho a impressão de que tanto a roleta como o coração dos homens não lhe são lá muito propícios, Celeste.

CELESTE — Sabe de uma coisa, Julieta? Não me amole.

JULITA — E' verdade que você tem um marido que é a paciência em pessoa. E isto já é uma sorte. Eu não sei como é que ele não protesta contra a sua jogatina. Sim, porque você tem perdido uma fortuna, Celeste.

CELESTE — Ele não protesta simplesmente porque ignora. Sim, porque estou jogando assim depois que o Geraldo me deixou. E' para matar as saudades, Julieta.

JULITA — Qual! Você é incorrigível, minha irmã!

CELESTE — Escute, Julieta. Você é minha irmã e eu lhe quero muito bem. Aliás nós nos entendemos muito bem. Mas me parece que, às vezes, você se envolve de mais na minha vida. Vamos moderar um pouquinho êsses palpites, vamos?

JULITA — Celeste. Eu acho que você está fazendo loucuras. Como sua irmã, gostaria de impedi-las. Mas você não admite que a gente lhe chame a atenção. Então eu começo a brincar para ver se, com um certo jeitinho, lhe faço voltar à razão. Mas é inútil. Você descambou mesmo e acabou-se.

VOZ — Vermelho, 32.

CELESTE — Está vendo, sua rabugenta? Olhe, peguei uma bolada esplêndida, agora.

(Música)

DELEGADO — Então você quer ir no encalço de seu patrão, não é?

de um lugar muito distante. Luiz empresta-lhe também um revólver. A chuva e o vento aumentam cada vez mais. Momentos depois de ter saído Geraldo, aparece na casa de Luiz Celeste que, a propósito do temporal, pretextando medo, veio à casa deste. E o capítulo terminou quando Geraldo voltava para casa e José informa que dona Celeste está na casa de Luiz. Geraldo diz a José que então devem ir primeiro à casa de Luiz para buscá-la. E aí damos início ao capítulo.

(Música)

LUIZ — Deixe-me, Celeste. Afaste-se, por favor. Tenha juízo, Celeste.

(Porta que se abre)

GERALDO (grito) — Miseráveis!

(Um tiro e gritos de Luiz e Celeste)

CELESTE — Geraldo!... Você?!...

GERALDO — Cale-se, mulher! Não me provoque. Olhe que ainda tenho o revólver na mão.

CELESTE — Onde você se feriu, Luiz? Meu Deus! Olhe o seu ombro! Como está sangrando!

LUIZ — Não foi nada de mais. Foi um ligeiro arranhão no ombro. Não deu para matar. Você teve sorte, Geraldo!...

CELESTE — Vou ao telefone chamar a assistência... e... a polícia.

LUIZ — Não faça escândalo, Celeste. Telefone apenas ao Rogério para que me venha fazer um curativo, e retire-se. Eu preciso conversar com o Geraldo.

CELESTE — Está bem... farei como você quer...

(Pausa. Passos e porta)

GERALDO — Por que não deixou que ela chamasse a polícia? Afinal eu tentei contra a sua vida. Você tem vergonha de mostrar à sociedade a sua miséria moral, a sua traição?

LUIZ — Geraldo! Se não quer mais atirar, peço-lhe que deposite esse revólver aí num canto qualquer e me escute. Nós precisamos muito conversar.

GERALDO — Eu vou me embora, Luiz. Não é preciso mais explicações. Parece-me que tudo está bem claro.

CELESTE (entrando) — O dr. Rogério virá imediatamente. Mas, até que ele chegue, vamos fazer alguma coisa. Eu vou chamar o Manuel. E' preciso lavar o seu ombro, é preciso estancar este sangue, Luiz.

LUIZ — O que me parece mais necessário, Celeste, é que você se retire imediatamente. Peço-lhe que abandone imediatamente esta casa. Retire-se. Por favor. Aliás você foi sempre de mais aqui...

(Música)

GERALDO — Sente-se melhor, Luiz?

LUIZ — Sim, Geraldo. Mas não foi o socorro médico o que me fez bem. Foi, principalmente, o entendimento que tivemos. Há muito eu lhe desejava contar tudo isto. Abrir-lhe os olhos. Mas, ao mesmo tempo, hesitava.

GERALDO — Eu confesso, Luiz: achava a Celeste frívola, um pouco leviana, dura de coração, mas não chegaria jamais a lhe supor um caráter tão mesquinho.

LUIZ — No entanto, como lhe contei, há muito tempo eu vinha tendo notícias do seu mau procedimento, e comigo já não é de hoje. De quando em vez ela tentava forçar uma aproximação. A princípio, enquanto Regina estava aqui, sua atitude era discreta, o jogo era sutil. Mas com a ausência de Regina ela começou a ultrapassar os limites até chegar ao que hoje chegou.

GERALDO — E quase faz a nossa desgraça!

LUIZ — Tenha calma, Geraldo. Tenha calma, meu amigo. Não faça loucuras, eu lhe peço, pelo amor de sua irmã!

GERALDO — Não, Luiz. Não farei nem mais uma violência. Apenas eu não quero vê-la nunca mais diante de mim.

LUIZ — Então, que pretende fazer?

GERALDO — Deixe-a ir. Ela continuará na chácara. Não quero escândalos. Você sabe como eu detesto escândalos. Eu irei viajar. Para todos os efeitos eu estarei apenas viajando, e não separado de minha mulher.

LUIZ — Então você vai exilar-se também?

GERALDO — Por algum tempo. E' necessário. Mas levarei comigo o meu filho.

LUIZ — E eu... cada vez vou ficando mais só!...

(Música)

MENINO — Olha ali, papai. Aquilo não é um peixe?

GERALDO — E' sim. Veja como ele salta.

MENINO — Engraçado! Os peixes quando fora d'água morrem, não é, papai?

GERALDO — Naturalmente. Você não aprendeu isso no colégio?

MENINO — Foi sim, papai. Mas o que eu queria dizer era o seguinte: se eles podem viver dentro d'água, por que é que de vez em quando dão para pular dessa maneira? Não parece que eles estão com vontade de morrer?

GERALDO (rindo) — Você tem razão. Mas os homens também são assim, meu filho. Eles nunca estão satisfeitos, eles querem sempre mudar, seja como for.

MENINO — Também se não fôssemos assim ninguém viajaria, não é?

GERALDO — E você está gostando de viajar?

MENINO — Muito, papai. Depois, eu gosto tanto do mar! E deve ser tão bom chegar noutras terras!

GERALDO — Ver coisas novas, outra gente, não é? (emocionado) — Evadir-se! Esquecer!...

MENINO — Que é, papai? Que foi que o senhor falou?

GERALDO — Nada, meu filho. Nada. Eu estava... eu estava... falando comigo mesmo...

(Música)

ROGÉRIO — Então, Luiz, tem tido notícias do Geraldo?

LUIZ — Escreveu-me hoje. Ele está em Paris.

ROGÉRIO — Ele levou o garoto, não foi?

LUIZ — Levou. Aliás era justo que o pequeno pudesse afinal estar em companhia do pai.

ROGÉRIO — E' preciso ser bem escravo das convenções sociais para sacrificar-se, como o Geraldo se tem sacrificado!...

LUIZ — Afetivo como é, ele tem sido mesmo um herói, criando aquele menino debaixo de tamanho segredo.

ROGÉRIO — Só ter que viajar um dia inteiro cada vez que ia vê-lo! E tudo isso para que não descobrissem o que ele considera uma grande falta. Nem sei como é que ele teve agora o desassombro de levá-lo consigo.

LUIZ — E' que a vida vai fazendo com a gente uma espécie de filtragem. Devagarinho vai saindo a poeira, vai saindo o lodo, e a gente...

ROGÉRIO — E' verdade, Luiz. A vida vai depurando a gente. Eu tive um momento em minha vida que pensei não resistir... entretanto o tempo com a sua magia foi me depurando até chegar ao ponto em que hoje estou. Chego a ter orgulho de ter resistido.

LUIZ — Como? Não entendo... você?...

ROGÉRIO — Já passou, Luiz. Já passou, e hoje vejo como estava sendo imbecil... um perfeito idiota! (outro tom) De fato. A vida é um milagre incessante. Um milagre a que a gente se habitua. Não está aí você, Luiz? Quem o julgaria capaz de filosofar? Você, que só argumentava com as coisas práticas, que só se baseava em coisas positivas.

LUIZ — E pode acrescentar, meu amigo: eu, que zombava das coisas espirituais, que não compreendia um amor platônico, vivo agora de uma saudade, preso a uma lembrança, e amo desesperadamente uma sombra!...

(Música)

(Ruído de mar)

PESCADOR 1 — Ó Zé, você sabe como vai passando a senhora da casa branca?

PESCADOR 2 — Oia, Mamô Chico, a tia Arzira parou a noite lá. Parece que a criança já nasceu.

PESCADOR 1 — Hum... a tia Arzira tá tão tôla com aquela noção de cabalo, por ela não temer as fôrças da capital e não escolheu ela pra nascimento do tio.

PESCADOR 2 — A tia Arzira que não seja tôla, não. Pois a senhora está aqui escondida. Cumo é que haverá de querê os dolô lá de S. Paulo?

PESCADOR — Im todo os causo, ela, cum aquela cara feia, é uma boa moça, não é? Oia que ela tem feito bem a nós tudo aqui adispóis que chegô, não é mesmo, Zô?

PESCADOR 2 — E cumo ela é bondosa praqueles dois empregado, hein?

PESCADOR 1 — Aquêlê preto é chofê lá em Santos, e quem deu o otomove a êle foi ela.

PESCADOR 2 — Nós tamo falando tudo isso e esquecemo do principá. Quem foi que deu à gente esta rede qui tá aqui nas nossa mão?

PESCADOR 1 — Intão eu não alembro que foi ela? A outra que a gente tinha já tava tão estragada...

VOZ DE M'ELHER (chamando) — Mané Chicô! Zé Po-veiro!

PESCADORES — Que que há, Margarida?

MULHER (chegando) — A senhora da casa branca teve uma menina.

PESCADOR — Deus abençoe a senhora da casa branca.

MARGARIDA — E a filhinha dela que nasceu, Deus que abençoe aquela gente boa da casa branca.

(Música)

ROGÉRIO — Escute, Luiz. Você não quer sair hoje à noite? Vamos a um teatro?

LUIZ — Obrigado, Rogério. Mas eu não pretendo sair.

ROGÉRIO — Você precisa distrair-se, Luiz. Assim você acaba neurastênico. Não procura mais uma distração. Até quando vai continuar assim?

LUIZ — Não sei, Rogério, não sei. Eu nem sei mesmo o que vou fazer de mim.

ROGÉRIO — Quando você chega a abandonar os seus estudos, as suas pesquisas eu me assusto, sabe? Enquanto a coisa era com as mulheres, bem. Mas chegar a desinteressar-se pelas suas descobertas! Você, que era escravo do seu trabalho, da sua ciência? Hum... Luiz... isto vai mal. Isto vai muito mal!...

LUIZ — Eu hoje sou escravo apenas de uma coisa e tenho apenas uma obsessão.

ROGÉRIO — O que é, Luiz?

LUIZ — A saudade. Saudade de Regina. A volta de Regina.

(Música)

MANUEL — Boa noite, dr. Luiz.

LUIZ — Boa noite, Manuel. E ntão onde está a correspondência?

MANUEL — Está lá dentro. Mas o senhor não queria primeiro jantar?

LUIZ — Não, Manuel. Eu quero, antes de tudo, ler a correspondência. Vá vendo o jantar e ponha tudo isto aí.

MANUEL — Está bem, doutor.

(Passos e pausa)

LUIZ — E' tão grande a minha ansiedade que é impossível não ter vindo alguma notícia, eu tenho um pressentimento. Alguma coisa me diz que a Regina me escreveu.

(Passos)

MANUEL (entrando) — Pronto, dr. Luiz. Aqui está a correspondência.

LUIZ — Deixe-me ver. Deixe-me ver. Os jornais, um ofício do sindicato. E isto aqui? Ah, sim, é um convite. E esta carta? Que conterà esta carta? (lendo) "Doutor Luiz Vilela. Quem lhe escreve é uma pessoa que tem acompa-

nhado o meu drama e se interessa em..." (Lê o resto da carta em sussurro, e logo após grita) Manuel!... Manuel!

MANUEL (dentro) — Pronto, doutor.

LUIZ — Mandou preparar o carro imediatamente. Depressa. Vamos. Eu preciso ir imediatamente à estrada Rio S. Paulo.

(Intervalo)

VOZ DE HOMEM — Você acha que êle vem?

FRED — Mas nem resta dúvida que êle virá. Olho. Quando estive em caso dêle aquêles dias...

HOMEM — Você esteve em casa dêle?

FRED — Mas então eu não lhe contei que estive lá, homem? Eu não estive lá como jardineiro?

VOZ — Ah, sim...

FRED — Pois bem. Eu escutei muitas vêzes os criados dizerem que êle só tem agora uma preocupação: saber onde está a mulher. Você pensa então que a gente mandando dizer que sabe onde ela está êle não vem correndo?

HOMEM — Mas você não disse que o tal cunhado dêle não quer que a irmã seja descoberta?

FRED — Sim. Mas diante da garantia que nós lhe demos em nossa carta de que êle estaria com a mulher imediatamente, êle não resiste e vem. Eu lhe garanto que êle vem.

(Ruido de automóvel)

HOMEM — Escute. Aí vem um carro. Se é êle, já viu a fogueira acesa. Você não disse que êle parasse quando visse uma fogueira?

FRED — Disse. Vamos ficar aqui atrás dessas árvores. Você já preparou a corda?

HOMEM — Já. Já tenho tudo aqui. A corda, o lenço e o narcótico, se for preciso...

(Música)

ROGÉRIO — Afinal, onde foi o Luiz, Manuel?

MANUEL — Êle recebeu uma carta, ficou muito afobado, mandou preparar o carro a tãda pressa, saiu feito um doido, dizendo que precisava ir à estrada Rio-São Paulo.

ROGÉRIO — Manuel. Venha comigo imediatamente, eu tenho aí o meu carro. Vamos procurar o dr. Luiz.

MANUEL — Mas dr. Rogério. O dr. Luiz pode não gostar.

ROGÉRIO — Venha, Manuel. Venha. Deixe por minha conta. Eu tenho um palpite esquisito sôbre êsse negócio. Vamos. Vamos. Ande depressa. Vamos Manuel.

(Música)

WALTER — Vamos ver como é que o Fred se sairá da incumbência que lhe demos.

FRITZ — O Fred é um rapaz inteligente. Por certo vai desempenhar a tarefa muito bem.

WALTER — Foi uma grande massada. Tanto risco, tanto trabalho para apanhar os tais papéis e, afinal, a gente não entende nada do que está ali.

FRITZ — Mas o Fred vai fazer o homem decifrar as tais fórmulas. Você vai ver como êle faz.

WALTER — Bem. A ordem que lhe demos foi essa: arrancar do homem todo o segredo do código. Êle não pode aparecer aqui sem a solução dêsse negócio. E você bem sabe como são severas as ordens do nosso chefe.

FRITZ — Se sei, hein? Não foi atôa que eu aguentei aquela tal madame tanto tempo.

WALTER — Que é isso, Fritz, que exagêro é êsse? Afinal você esteve apenas dois meses como seu "chauffeur".

FRITZ — E você acha pouco? E' porque você não sabe como ela é impertinente. Naturalmente que com você ela não punha as unhas de fora. Você era o namorado a quem ela queria agradar. Ao passo que eu era um empregado a quem ela pagava.

WALTER — Em todo o caso estamos livres, não é? Já nos desobrigámos do que nos foi mandado fazer.

FRITZ — Vamos ver agora o que conseguirá o Fred com o tal dr. Luiz.

(Música)

JOSEFA — Então? Não ficou linda a camisinha?

REGINA — Ficou, sim. E' tão linda a minha menina, não é, Josefa? Veja como sorri no seu sono. Ela deve estar sonhando ainda com o céu.

JOSEFA — E' uma gracinha. Espia só os cachinhos dela. Nasceu ainda outro dia e já está de permanentes, hein?

REGINA — Não se faça de tôla, Josefa. O cabelinho da minha morena é bem natural. Aliás eu quero que a minha filha venha a ser natural, pura e sadia como esta praia onde veio nascer. Eu mesma a educarei. Eu farei da Luizinha uma joia.

JOSEFA — O pior é que a gente não a pode registrar.

REGINA — Não faz mal, Josefa. Mais tarde eu a registrarei. Ela será criada ao ar livre, junto do mar, em plena natureza. Por enquanto, até uma certa idade, ela será apenas Luizinha. Você, Josefa, é que precisa tratar do seu casamento. Nada impede que vocês tratem disso imediatamente.

JOSEFA — Bem. O Zé Pedro já providenciou. Os papéis devem ficar prontos até a próxima semana.

REGINA — Assim que estiverem prontos vocês irão a Santos e lá se casarão.

JOSEFA — Você tem sido tão boa para nós! Deus que a abençoe!

REGINA — Não tenho feito nada de mais, Josefa. Então eu não hei de recompensar a companhia que vocês me fazem? Imagine se eu não tivesse vocês dois! Talvez nem houvesse tido coragem de fugir.

(Batem à porta)

REGINA — Vá ver, Josefa. Deve ser a tia Alzira.

(Passos e porta abre)

JOSEFA — E' sim. — E' a tia Alzira.

REGINA — Mande-a entrar, Josefa.

TIA — Louvado seja Nosso senhor Jesus Cristo. Como vai passando a sinhazinha? E o anjinho da gente? Como vai a mentinzinha?

REGINA — Vai bem, tia Alzira. Veja. Veja como dorme.

TIA — É, mas a dorminhoca vai acordar. Está na hora do banhinho dela. Veja a bacila, Josefa. Ande depressa que eu ainda tenho outras casas para visitar.

REGINA — A freguesia é grande, hein, tia Alzira?

TIA — So é. Esse pessoal aqui de S. Vicente me dá um trabalho!... mas a senhora não sabe como eu tenho orgulho da minha profissão. Como eu gosto destes pingulinhos de gente... Olhe, dona... dona... como é mesmo o nome da senhora?

REGINA — Meu nome? É... Heloisa.

TIA — Pois é, dona Heloisa. Como eu ia dizendo... eu quando passo nas ruas e vejo essas crianças já crescendo e me lembro que eu as vi nascer, eu... eu... tenho até vontade de chorar...

REGINA — Chorar, tia Alzira?...

TIA — Choro de alegria e agrado a Deus ter-me dado esta missão (outro tom) E, se Deus quiser, ainda hei de ver esta garotinha brincando na praia... se Deus quiser ainda hei de vê-la mocinha...

REGINA — Deus há de permitir, tia Alzira. A senhora ainda há de ter essa alegria.

(Música)

ZÉ PEDRO — Boa noite, dona Heloisa. Passou bem o dia?

REGINA — Passei, José. E você, trabalhou bastante?

ZÉ — Hoje foi um bom dia, dona Heloisa. Levei uma

família a S. Paulo. Fiz uma porção de corridas dentro da cidade. Ganhei bom dinheiro.

REGINA — Quebra Deus que seja sempre assim, José. Zé — Ela queridinha como está forte, hein? Ela é tão engraadinha.

REGINA — E' sim. E' um encanto a minha filhinha. Escute, José. Você jantou bem?

ZÉ — Jantei, sim senhora. E' bem boa a comida que a Zefinha faz, não é?

REGINA — E' sim, o seu paladar é bem gostoso. E é preciso mesmo que ela faça. Nós não devemos ter gente estranha aqui dentro de casa. E você, está bem instalado lá naquela casinha?

ZÉ — Estou, sim senhora.

REGINA — E' preciso andar mais depressa com os papéis do casamento, José. Assim, você vem morar aqui em casa e fica tudo mais cômodo.

ZÉ — Já estão quase prontos. Para a semana eu acho que a gente já pode casar.

REGINA — Onde está a Zefinha?

ZÉ — Ela está acabando de arrumar umas coisas lá dentro e vem já, dona Heloisa.

REGINA — Eu estou gostando de ver como você se habituou com o meu novo nome.

ZÉ — A Zefinha é que ainda se atrapalha, não é?

REGINA — Também é natural. O hábito era bem maior para ela, que sempre conviveu muito mais comigo. Mas, mesmo assim, vai indo. Já consegue me chamar Heloisa.

ZÉ — Bem. Então boa noite, dona Heloisa. Eu já vou para o meu ranchinho. Até amanhã, se Deus quiser.

(Música)

(Ruído de automóvel)

ROGÉRIO — Nós devíamos ter trazido uma arma.

MANUEL — Uma arma, doutor? E para que?

ROGÉRIO — Eu tenho a certeza de que o Luiz foi atraído para alguma cilada. Você já se esqueceu do roubo dos papéis? Do tal jardineiro misterioso que desapareceu? Do tal homem que atirou com a estatueta na cabeça do Geraldo?

MANUEL — E' mesmo, dr. Rogério.

ROGÉRIO — E então? Com certeza escreveram alguma carta ao Luiz atraindo-o para aqui.

MANUEL — Mas olhe, dr. Rogério. Olhe aqui, doutor.

ROGÉRIO — Um revólver? Onde você o arranjou, Manuel?

MANUEL — Antes de sair eu o panhei na gaveta do dr. Luiz.

ROGÉRIO — Fez muito bem. Você fez muito bem. Agora já podemos enfrentar qualquer situação perigosa.

MANUEL — Olhe ali, dr. Rogério. Olhe ali.

(Carro freando)

ROGÉRIO — E' verdade, Manuel. Vamos, Manuel. Depressa!... Depressa!...

(Aumenta ruído de automóvel)

(Encerramento)

CAPÍTULO X

LOCUTOR — Luiz, o jovem cientista que tanto desdenhava a parte espiritual das criaturas, achando apenas que a atração entre um homem e uma mulher consistia na atração física, começa a sentir os primeiros sintomas de uma vida vasta... impressão de abandono. Começa a se desinteressar pelos casinos e principalmente pela sua ciência. Nada mais o interessa, é a sua confissão ao Rogério. Agora Luiz sente apenas uma grande saudade de Regina. E' a transformação que se vai operando nos sentimentos de Luiz. Geraldo, seu cunhado, sabendo de toda a verdade, abandona Celeste e resolve fazer uma longa viagem em companhia de seu filho. Regina continua em S. Vicente muito benquista pelos simples pescadores do lugar. E um dia a humilde casa de Regina é visitada por mais um perso-



Quarto laqueado

Apresentamos hoje aos nossos leitores um interessante quarto laqueado para moça. Combinando com a delicadeza feminina, também o quadro que apresentamos é delicado em seu estilo e simples em sua arrumação. As flôres, que nunca desprezam os lugares bonitos, estão presentes, ladeadas por abat-jours e belas cortinas, que completam o ambiente. Esta é mais uma sugestão que por certo agradará a muitos de nossos leitores.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

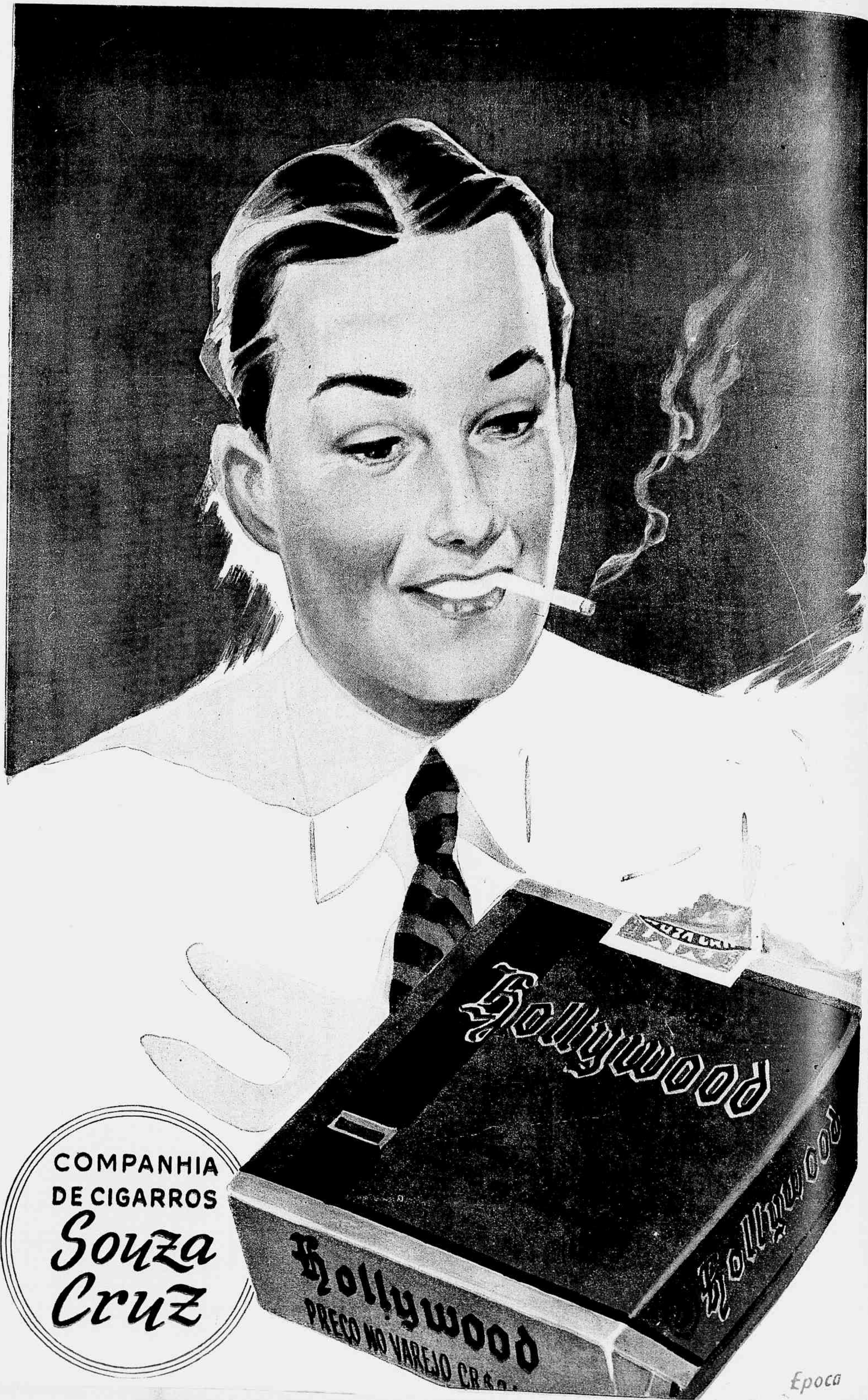
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



COMPANHIA
DE CIGARROS

**Souza
Cruz**

Hollywood
PREÇO NO VAREJO CR\$ 2,00

Epoca